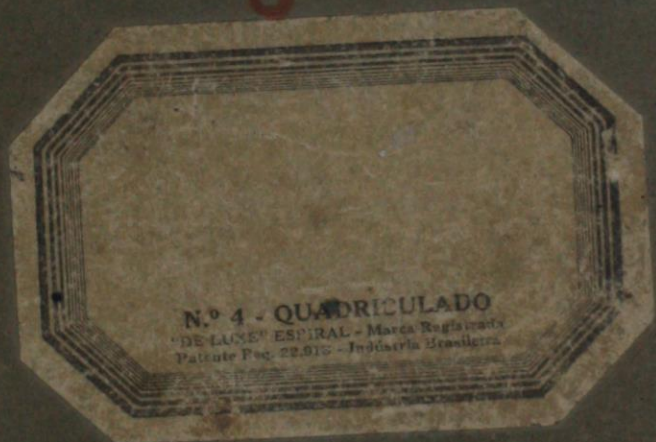


Diário ~~de~~ guerra

1



28. 9. 1944. Bordo de um transporte de tropas.

Está quasi se findando o segundo dia de permanencia a bordo. Mais des- cansado do tremendo serviço que represen- tava a preparação final para o embar- que, escrevo estas primeiras linhas, ini- cios de um desejado diário, que não tem a pretensão de ser um diário de campá- nha mas, que deu o permitta, uma simples descrição de viagem.

Camarote 107, o meu camarote, beliche 105. Não dispomos de vigia, o ambiente é abafado; o ventilador e o ar refrigerado não melhoram a situação. O calor do Rio, coopeira para que nossa situação neste navio seja mais difícil. Note-se a deficiência de lugar para andar-se. Todos os recan- tos estão continuados por uma atmosp- era abafada, prestandando a suor e fuma- ça de cigarro. É neste ambiente que inicio o meu diário.

Após tanto tempo de preparação, de incer- teza, e de expectativa, veio a ordem de embarque, por umito, recubida com aerda- deiro pessimismo. Mas, ela se tornou- fizon. E-nos a saíndo dos campos de batalha da mais tremenda escatombe que já envolven o povo. Atendendo o cumprimento do dever de cidadãos, aqui es- tou como tantos outros, patriotas.

O que isto representa, é impossivel des- crever. Partir para a guerra é marchar para o desconhecido, deixando o convívio dos entes queridos, da familia idolatrada que fica envolvida pelos mais sérios pro- blemas, destacadamente aquela de ordem moral. Qual o filho que não tem a necessidade absoluta de ser assistido pelo seu pai, destacadamente com os conselhos que a experiencia dita?

25. 9. 1914. Cours de son Traité de

l'algèbre.
C'est ainsi qu'il a fondé le calcul
des séries numériques et des
séries de fractions. Il a aussi
travaillé à l'algèbre, à la géométrie
et à l'analyse. Il a écrit de nombreux
ouvrages sur ces sujets, qui ont été
travaillés par ses élèves et par
d'autres mathématiciens. Il a aussi
travaillé à la physique et à la chimie.
Il a écrit de nombreux ouvrages sur
ces sujets, qui ont été travaillés
par ses élèves et par d'autres
mathématiciens. Il a aussi travaillé
à la philosophie et à la littérature.
Il a écrit de nombreux ouvrages sur
ces sujets, qui ont été travaillés
par ses élèves et par d'autres
mathématiciens.

Il a aussi travaillé à la philosophie
et à la littérature. Il a écrit de
nombreux ouvrages sur ces sujets,
qui ont été travaillés par ses
élèves et par d'autres mathématiciens.
Il a aussi travaillé à la physique
et à la chimie. Il a écrit de
nombreux ouvrages sur ces sujets,
qui ont été travaillés par ses
élèves et par d'autres mathématiciens.
Il a aussi travaillé à la philosophie
et à la littérature. Il a écrit de
nombreux ouvrages sur ces sujets,
qui ont été travaillés par ses
élèves et par d'autres mathématiciens.

Entretanto, o que meus vale nestes momentos difíceis, é o sentimentalismo. Uma onda de fé e de esperança teve-me impulsional para que não ~~fraguje~~ fraguje. Nenhum interesse de glória nos impulsiona, entretanto quisemos o desejo de sustentarmos um nome, que herdamos e que de vemos transmitir ao futuro. Foi uma coisa me preocupa, o futuro dos meus filhos.

A aventura nos atrai, entretanto a saudade nos impede. Muitas coisas novas nos esperam. Terras e povos estranhos, costumes e culturas diferentes.

No transpormos a prua do navio, deixamos para trás uma fase da nossa vida, para iniciarmos outra, cujo fim pode ser a todo momento.

O futuro em si é incerto e desolado, mais incerto e tenebroso é o nosso.

x

x

x

No 12.30 de manhã deixamos o quartel, no larro do Capistrano, com destino à estação da Vila Militar; o tempo partiu às 14 horas. O embarque da tropa foi lento e penoso; o calor quasi insuportável.

Recebemos a visita do sr. Getúlio Vargas, e de D. Jaime Câmara, Bispo católico.

No 18 horas fomos ao refeitório fazer a primeira refeição, tipo Americano. No dia de hoje passamos na expectativa da partida. Todos mais ou menos aborrecidos com o aperto, o calor e o retardo da saída. Realizamos o primeiro exercício de desembarque com alívio.

No despedir-me, disse deixar a Vila Militar minha esposa e a Carlota para serem levadas suas despedidas. Foi-me possível beijá-las mais uma vez. Pouco antes de sair, recebia uma

intéressante, que nous venons de voir, nous a été
présentée par le même auteur. Elle est
la suite de l'ouvrage intitulé "Les
généralités de la géographie". Elle est
divisée en deux parties, la première
contenant les principes de la géographie
et la seconde les applications de ces
principes à la description des pays.
L'auteur expose d'abord les notions
générales de la géographie, puis il
applique ces notions à la description
des différents pays du monde.
L'ouvrage est écrit d'une manière
clair et concise, et il est très
intéressant pour tout le monde.
Il est indispensable pour tous ceux
qui veulent connaître la géographie.

Le livre est très intéressant et utile.
Il est écrit d'une manière claire et
concise, et il est très intéressant
pour tout le monde. Il est
indispensable pour tous ceux
qui veulent connaître la géographie.
L'auteur expose d'abord les notions
générales de la géographie, puis il
applique ces notions à la description
des différents pays du monde.
L'ouvrage est écrit d'une manière
clair et concise, et il est très
intéressant pour tout le monde.
Il est indispensable pour tous ceux
qui veulent connaître la géographie.

Le livre est très intéressant et utile.
Il est écrit d'une manière claire et
concise, et il est très intéressant
pour tout le monde. Il est
indispensable pour tous ceux
qui veulent connaître la géographie.
L'auteur expose d'abord les notions
générales de la géographie, puis il
applique ces notions à la description
des différents pays du monde.
L'ouvrage est écrit d'une manière
clair et concise, et il est très
intéressant pour tout le monde.
Il est indispensable pour tous ceux
qui veulent connaître la géographie.

carta dos meus pais. Foi um motivo 3
de grande prazer pois trouxe boas
notícias, inclusive do meu refrigerante
que há tanto não vejo.
Bom hoje, uma das coisas que a Deus
me deu no dia da despedida.

22-9-1944. Quando nos levantamos
já não víamos mais o "cais do porto".
Uma penação forte envolvia o mar de
tracado. Sabíamos que estávamos na
quasebarragem pelo simples motivo do
mar calmo. Os poucos fumos divisam
o perfil das casas e o tel. roupell
a fortíssima de penação, proporcionando-
nos a vista grandiosa do Rio de
Janeiro. A poucos metros estavam,
possivelmente, a minha esposa
e minha filhinha. O que seria feito
do ambas, já teriam voltado ao
Paraná? Como deveu fazer essa viagem?
A 12, 45, quando terminava de almoçar,
um apito forte despertou-nos e o no-
vamente do navio foi sentido. Todos
correram para fora, para a despedida,
por dirigiamos nos ~~para~~ a saída da
barragem, era a partida definitiva.
Sage, Sts Cruz, S. João, ficaram pa-
ra Traz, Copacabana ... e o Rio dessa
pauze.

Logo em seguida a ordem: colocar salva-
vidas, não se separar dos casais; e
o perigo que se aproxima. Tão longe dos
teatros de guerra, entretanto vivendo os
seus inúmeros perigos. Novo exercício
de desembarque; o navio começa a po-
gar. Tudo para mim é novidade.

Viajamos, conforme já disse, em um transporte de
guerra norte-americano, para tropas. Foi um 2.000
construído neste ano; leva em seu bojo 5.000 homens
brasileiros, além da tripulação própria.
Tem 200 metros de comprimento e chama-se General Magalhães

Carta do meu pai. Foi em outubro
de grande prazer pois trouxe
notícias, inclusive de meu
pai e da minha mãe.
Bom dia, meu pai, tudo bem
me deu um dia de descanso.

Subs. P. 144. Quando me levantava
já não vi mais nada e não sei
onde foram os meus amigos e
também os meus parentes que
estavam com mim. Quando me
levantei, não vi mais nada e
não sei onde foram os meus
amigos e parentes que estavam
com mim. Quando me levantei,
não vi mais nada e não sei
onde foram os meus amigos e
parentes que estavam com mim.
Quando me levantei, não vi
mais nada e não sei onde foram
os meus amigos e parentes que
estavam com mim. Quando me
levantei, não vi mais nada e
não sei onde foram os meus
amigos e parentes que estavam
com mim. Quando me levantei,
não vi mais nada e não sei
onde foram os meus amigos e
parentes que estavam com mim.

Quando me levantei, não vi
mais nada e não sei onde foram
os meus amigos e parentes que
estavam com mim. Quando me
levantei, não vi mais nada e
não sei onde foram os meus
amigos e parentes que estavam
com mim. Quando me levantei,
não vi mais nada e não sei
onde foram os meus amigos e
parentes que estavam com mim.

Dentro das possibilidades, da situação é muito bom. O
 maior sério problema é o da alimentação dos tro-
 pa que absorve todo o dia, num constante reverse-
 da alimentação normal é feita duas vezes por
 dia, aos homens de serviço proporcionalmente
 mais uma ao mais dia. Nota-se que os pra-
 ças, em geral, estão desalimentados com esse sis-
 tema, sentindo um pouco de fome. A ali-
 mentação, entretanto é boa e substancial.
 Eu estou de serviço no compartimento 4204 L,
 proa. Foi proporcionado à parte da tropa uma
 boa peça cinematográfica com o filme "O me-
 uins lobos". Uma das maiores preocupações para
 nós é o ar viciado dos alojamentos, prin-
 cipalmente a noite, em virtude do excremento
 total do navio.

Apesar da "comaradagem" do mar, inúmeras
 pessoas sentem os primeiros efeitos do enjoo.
 O salão de estar não teve a costumeira
 concurrencia e hoje cedo esteve vazio.

Estou lutando contra o mal-estar próprio,
 com pastilhas de Vasano e uma providencial
 diarreia, felhada a mais de 15 dias, em fei-
 ção. Viajamos em comboio; à nossa direi-
 ta e frente um destróier U.S.A., a ré e direita
~~querida~~ um cruzador Brasileiro; a ~~a~~ esquer-
 da e frente um destróier U.S.A., navio que
 conduz o 1.º R.T.E. e a retaguarda um cru-
 zador U.S.A.

Estamos fazendo uma viagem tranqüila com
 referencia ao perigo de ataque submarino. Não
 há porque, mas alguma coisa está me atraindo
 para essa aventura. Até ao escurecer
 divisamos o contorno das costas do Brasil.
 Pelas etiquetas encontradas na cama do
 meu camarote, deduz-se que nosso navio
 conduziu feridos, pois as mesmas assinalavam
 quebraduras e amputações de pernas.
 Mantive animada palestra com dois
 marinheiros U.S.A.: Savaris e Silvio. Ambos,
 descendentes de italianos falavam esta lingua,
 e um pouco de português.

[illegible]

1. *Chrysomelidae* (10 species)
 2. *Curculionidae* (10 species)
 3. *Chrysomelidae* (10 species)
 4. *Curculionidae* (10 species)
 5. *Chrysomelidae* (10 species)
 6. *Curculionidae* (10 species)
 7. *Chrysomelidae* (10 species)
 8. *Curculionidae* (10 species)
 9. *Chrysomelidae* (10 species)
 10. *Curculionidae* (10 species)

[The handwriting is extremely faint and illegible.]

dos entendemos, cordialmente, conversamos sobre 5
várias assuntos entre os quais os de família.
Silvia é casada; no dia 7 deste nasceu sua
primeira filhinha, já fazem 5 meses que não ve
sua família. Saverio mostrou-me o retrato
de sua esposa, belíssima americana.

Este contato foi algo agradável pois a rees-
tação dos nossos entes queridos foi o principal
assunto. Eis um dos grandes problemas que a
guerra traz a todos: a separação da família.
Foi a segunda maçã que a gentileza da
minha esposa proporcionou-me. Estava deliciosa,
~~pois~~ pena ter sido a última.

23 - O dia amanheceu radioso. O mar Negro
destroçou as águas escuras do grande
Atlântico. As ondas, espumizantes, batam forte-
mente de encontro ao costado e na sua volta
assiste-se um espetáculo maravilhoso de cores.
O azul forte vai ao pouco tornando-se até
ficar muito claro, a espuma alva penetra
no azul tomando a água com mistica cor.
Em torno redor surge a imensidão: a
água e o céu. O mar está um pouco mais
agitado, o número dos que enjoam aumenta
consideravelmente.

Porisamente 3,30 da tarde. Organiza-se um
conjunto musical e o "speaker" anuncia:
"Bem, salve a América". Meu pensamento
volta para a minha Carolina que tanto
desejava aprender essa canção. Bem sal-
ve a América, sim, salve-a por favor.
Que a tragédia da guerra jamais a envol-
va novamente. Que o sangue a ser der-
ramado por nós, seja um estímulo pa-
ra os futuros chefes, no sentido de darem ao
povo merecida paz e tranquilidade plena.
Ao terminar as lições acima, tive o grato pra-
zer de conhecer o sr. Cap. Daniel Cristóvão, homem
de princípios distintos. Espírito fervoroso e prati-
cante, tem na sua crença um forte estímulo
para enfrentar as vicissitudes da vida e a
situação que nos envolve.

[illegible][illegible]

Com os olhos cheios de lágrimas, reconheci a
a família distante e as preocupações com
a sua filha, jovem de 16 anos, cuja felici-
dade futura é o seu grande anelo.

As saudades que nos impolgam, a solidão
e a incerteza que envolve o nosso empreendi-
mento, fazem com que nos aproximemos mu-
to mais e não raro se encontram estes espí-
ritos francos que carregam os mesmos pen-
samentos que os nossos. Compreendemos-nos
rapidamente e a amizade brota espontânea
e sincera.

Penso ter encontrado no cap. Daniel
não só um bom companheiro de viagem
mas um futuro amigo.

Nossa segurança foi aumentada hoje, com a
chegada de mais dois cruzadores, e dois des-
troiders, todos U.S.A. A aviação coopera, igual-
mente, no patrulhamento. Às 18 horas, os
cruzeiros do Brasil (possivelmente o Rio Grande)
deixaram-se, por ter terminado sua missão.

Nessa ocasião, surgiu no espaço a
figura imponente de um "blimp" que veio
participar do patrulhamento. Foi mais
um imponente espetáculo que se assistiu,
tando-se em vista o conjunto do comboio
e a aeronave que refletia esplendores
sobre o mar.

Encontramos diversos cardumes de
peixes voadores, além os muitos peixes
que se observou até agora.

Os companheiros estão extrañando sen-
sivelmente a comida de bordo, principal-
mente o sabor. A comida é quasi des-
provida de sal e as sobremesas são
"perfumadas" no dizer de quasi todos.

Intei terrivelmente contra a amare-
lo do sol. Passei bastante tempo a indis-
por. Somente a cama me propicio-
nava alívio. Dormi quasi o dia todo
e logo depois do jantar voltei para
a cama.

A primeira coisa que me veio à cabeça
 foi a ideia de fazer um livro sobre a
 história da literatura brasileira. Mas
 depois de pensar um pouco, percebi que
 isso seria muito complicado. Então, decidi
 fazer um livro sobre a história da
 literatura portuguesa. É um assunto
 muito interessante e cheio de detalhes.
 Vou começar por falar da literatura
 medieval, passando pela renascença,
 o barroco e o romantismo. Quero
 mostrar como a literatura portuguesa
 evoluiu ao longo dos séculos e como
 ela se relaciona com a história e a
 cultura do país.

24 Domingo! Um mundo de recordações, chega 7
ao meu pensamento. 400 milhas nos
separam já dos portos do Brasil, rumo a Europa.
Domingo! Um dos dias mais gratos para
mim, pois passava-o no convívio da mi-
nha esposa e filhinha, gozando as de-
licias dos passeios de Rio e das diver-
sões que encontrávamos. Que domingo
diferente estou passando hoje. Os princi-
pales sentindo a falta do convívio da
família, sente-se o efeito da viagem
que está trazendo muita indisposição.
O passado superior estava completa-
mente torrado na parte que o sol batia
batava-se pouco interesse na conver-
sação, todos estavam deitados.

Quêremos desanimar nstei entre as praças, que estão
desprovidos de diversão. O navio é muito peque-
no para todos se divertirem ao mesmo tem-
po. A viagem está ficando monótona. O
passeio não muda e não mudará por
muitos dias ainda. Unicamente a apro-
ximação dos aviões patrulha, e bem
a tarde um cargueiro que passou muito
distante.

Ninguém sabe as coisas em que pontos nos
encontramos. O contato com o comando
do navio não é possível e somente ele
pode nos informar.

A temperatura externa melhorou consi-
deravelmente, entretanto a interna é a mesma.
Vista-se agora o mau cheiro que vem das
cozinhas, a fumaça e o calor nos pre-
judicam muito. Às 16,30 horas todas as
vigias e escotilhas são abertas para
efeito de esgotamento, o ar fresco soimen-
te penetra pelos exaustores.

O nosso domingo foi despedido de qual-
quer interesse. Pela manhã foram reali-
zadas missas, não tivemos o costumeiro
exercício de alarme e bem a tarde
surteu um avião conduzindo um obje-
tino para exercício anti-aéreo, aliás

9 Não foram as datas contidas na página;
este diário não sabia as datas em quan-
tas andava.

A monotonia continua a impelir, nada atrai e
nada ~~suspeita~~ distrai. O balouço da vida,
nunca eterno vai e vem com seu rumorizar
característico, à expulsa que se afasta, o
respingo da água já não prende mais,
o nosso atencão. Resta-nos uma coisa
pensar.

O pensamento eleva-se e vai até os nossos
entes queridos, cuja lembrança torna-se um
mistilo de tédio e preocupação.

São reavivados, fatos descritos, são as
profundas preocupações que surgem para
empunhar os bons pensamentos.

O que será dos meus, si por ventura não
repassar? Terá a minha esposa forças su-
ficientes para assumir o controle da vida de
duas crianças, que ainda gozam as delícias
da existência, oriunda da ingenuidade
característica da idade?

Terão meios materiais suficientes para
as meus receberem modesta educação?

Eis as amargos cismas de um pai. Não é
a morte que me torna recioso ~~na~~ luta
que já estou travando, pois entre todas
as coisas é a mais real.

Preocupa-me é o mal que campeia no coração
dos homens, a invidia, o despotismo e a
lumpação da sociedade que, desprovida dos
freios da moral, rola descontroladamente pe-
ra o abismo da desgraça.

Eis porque me preocupo.

Encontrei hoje, pela primeira vez o Ilber Pimpa.
Fiquei conhecendo o frei repeto que residia no
lugar muito tempo e conhece a família Pimpa.
Foi proporcionada a troca pequenos diversos
constituída de música, livro, e cinema.

Faltam 15 minutos para as 15 horas
quando encerei estes linhos.

10
Tivemos alguns minutos de distração com o exer-
cício real de defesa anti-aérea. Meu avião bi-
motor com base em território nacional surgiu no
céu transportando o alvo, substituído de
espécie de quadradão alongado na ponta de
um só lado muito comprido apim de por-
porcionar a aeronave uma margem abso-
luta de segurança. Com o aparecimento
do avião, que não tinha sido notado por
nós, ouvimos de o toque de alarme recebido
com esta preocupação pois não houve previo
aviso do que ia passar. O cenário da qua-
ranta que assumia seus postos de combate
foi mistivo de inquietação. Graças a Deus
a ordem transmitida pelo município dissi-
por as dúvidas, tudo aquilo era um sim-
ples exercício. Logo ouviamos o estampido
de canhões de um dos cruzadores e um cin-
formavam-se, em torno do alvo, nuvens de fumo
da granada que explodia. Nosso navio tam-
bem tomou parte no exercício, com balas,
tracante de canhões anti-aérea e as pro-
prias. Embora o objetivo não tivesse sido atingido
podemos verificar que os projéteis passavam
muito perto. Mas dos navios da esquadra
da teve a felicidade de atingir o alvo.

Nosso navio remanda francamente para
as proximidades do esquadro. Em consequen-
cia o calor está aumentando considera-
velmente e o interior do boxa ficou fran-
camente insuportável. Exaustos obrigados
a permanecer dentro do vapor pela ordem
revela de escurcimento, entretanto o suor
e a falta de ar renovado quasi nos des-
esperava. Para coar tudo isto, a refri-
geração do nosso camarote não funcionou.
Embora deitado, sem fazer qualquer
movimento, suava terrivelmente! Foi esta
uma das piores noites que passei a
bordo. O alojamento das peças, igualmente
estava insuportável.

Carrei muito bem, durante o dia.

26 A única frousa que guerra a paisa-
gem é a transformação da esquadra de
navios de guerra. Eles aumentam e di-
minuem, tornam a desaparecer, voltam no-
vamente. Meu avião sobrevôa o comboio
bem cedo, era um quadrimotor que nos
proporcionava um investimento apuro e co-
pioso. Entretanto, conversando com um
aviador patricio, que também se dirige
aos campos de luta, ele disse ser o últi-
mo avião que partia de base nacional,
possivelmente de Fernando Noronha, pa-
ra fazer patrulhamentos. Passariam
por a não contar com esse valioso ele-
mento.

O microfone de bordo anunciou o pro-
grama para os festejos a serem realizados
por ocasião da passagem pela linha
do Equador. O ritual não será espe-
cialmente transporte de guerra e, possivel-
mente, com as graças de Deus, teremos al-
guns momentos de alegria. Precisamente da-
qui a 24 horas, isto é, amanhã, às 16
horas, segundo anunciou o comando, pas-
saremos pelo Equador. Pela primeira vez
recebemos uma notícia que determinas-
se nossa situação, embora vagamente.

Diariamente, às 12 horas, houveram se
notícias dos festejos de guerra. Eles en-
tão da atuação dos brasileiros nas frentes
de combate. Embora seja com satisfação
que recebo, em virtude dos brasileiros esta-
rem demonstrando bravura e vontade
de vencer, tenho muita pena pela parte do
luto.

Sublinhamos que o Cap. do navio elogia
a atitude dos brasileiros que se encontram
a bordo, pela maneira correta como estão
agindo. A tropa tem se comportado
muito bem, dentro da possibilidade de es-
tar e da situação.

Estou, felizmente, passando muito bem. Os 12
balanços do navio já não me preocupam
e a sensação do enjojo desapareceu.
Umorei-me regularmente e cheguei mes-
mo a fazer a extravagância de fazer
chocolates. Apesar da gentileza grande
de amigos e companheiros quasi não tenho
conversado. Fico-me melhor quando estou
só.

Encontrei hoje o sr. Major Hugo de Mattos
Moura, meu antigo professor no liceu
Rio Branco o qual rebelou prodigiosa me-
moria não só reconhecendo como, apesar
dos 18 anos, ter dito o meu nome.

O major Mattos Moura é técnico em
artilharia anti-aérea.

Hoje choveu um pouco e uma leve bruma
cobria o mar.

Às 17 horas foi realizado o primeiro ritual
que assinala a passagem da linha do
Equador. Sua Magestade Clementino, enviado
ao nosso navio o seu real secretário
almirante Jones King que veio participar,
em protocolo entrevista, o grandioso acen-
tecimento de amanhã.

O almirante Jones King surge no salão
de estar dos oficiais, caracteristicamente
vestido e ornamentado com vistosa
coroa real, recebendo dos presentes feli-
va recepção. Em seguida, dirige-se
à ponte de comando, onde anuncia
ao comando do navio a visita, am-
nhá, de sua Alteza Real, que virá
do fundo do mar, em sua maravilhosa
de baravela, afim de anunciar e feste-
jar o grato acontecimento. Por isto, e
na qualidade de Alteza Real, espera
ser fardignamente recepcionado pelo
comandante e pessoal de bordo.
Assim sendo, esperamos, com a gra-
ça de Deus, a festa que assinalará
a passagem do Equador.

Misti em filin, que me distraiu du-
rante duas horas, bem como a fita da
viagem do G.R.T.E., no qual foi o havi-
rel.

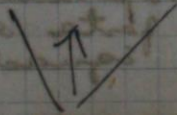
26

Quando, despreocupado, assistia o espetáculo
do entardecer, aproximou-se um gumpaleiro
e, em poucas palavras, que tiramos, e con-
versações versam sobre assuntos de família.

Meu amigo está desolado com a separação
de sua esposa, dizendo que era com a
maior amargura que se lembrava. Sentia
tantas dores, que não podia conter as
lágrimas. Eis um espetáculo que passa
em minutos, porém, mas, entretanto, são
sepultados no 'proprio intimo' daquele
que é o seu protagonista. Breve a ati-
tude dos soldados. Seus olhos, miram
o infinito e parece que uma dor
seu, a dor de saudade, domina quase
toda. Aquels olhos dizem muito
mais que palavras; a tristeza, mis-
turada com a incerteza e com a pes-
simalidade da missão e na vida
de motivo de lágrimas. Si não chora-
mos, é porque o amor proprio reali-
za titânico esforço para vencer a
situação.

Si quisesse penetrar nos segredos, obser-
vamos muitas dessas coisas, que um cole-
ga não teve forças de ocultar e, tendo
ferteza, si ele o fez é porque vive-
ra a essa dor.

Toda via a. Sofremos, porque nossos
pensamentos estão sempre voltados para
junto da nossa família, preso
pela mais tremenda saudade, oprimido
dessa dolorosa separação, cuja dura-
ção ninguém pode calcular.



97. Os seus festivos, das musicas camavadas, 14
das, enccheram, desde as primeiras horas,
da manhã, os salões do navio. Festivei-
se conforme fora previsto então, a passagem
da linha do Equador. Entretanto, a hora
que devia ser 16, foi antecipada para 10 e,
interessante, ninguém sabia ao certo si esta-
vamos passando no Equador ou si já tinha-
mos passado e, nessa hipotese, quando isso
aconteceu. As notícias eram desencon-
tradas. Assim, não fiquei sabendo, com
exatidão, em ponto.

A exiguidade de lugar e a super lotação
do nosso transporte não permitiu uma
festa tão grandiosa para seus assisten-
te. O sal estava muito quente e o meu
lugar bem quente, bem como de quisto-
dos, em geral. Somente amiche e chega-
da da Rio Septimus e seu cortejo, no salão
de estar, dos oficiais. Todos vieram fan-
taziados de acordo com as possibilidades
encontradas no vapor e o cortejo chega-
va ao numero de mais ou menos 10 ho-
mens, destacando-se o "padre" e uma "baia-
na" muito bem caracterizada.

Todas as autoridades navais e militares se
reuniram para receber o cortejo que foi aca-
mado com palmas e musica. A seguir
percorreu todo o navio, realizando-se, entre
outros, o batismo simbólico, nas pessoas
de poucos oficiais e soldado, (para que b
a todo). Durante alguns minutos, pois, o
navio vibrou, com um pouco de musica
e alegria.

... e tudo caiu na velha monotonia.

O mar calmo, como sempre; a escuridão di-
minuiu perceptivelmente então, pois estavam só
com um cruzador e dois destróieres, os outros
não mais sobreviveram a temboio.

Os oficiais sentados nos passadiços, nas
caixas de munições e alguns dormindo.
Muito pouco assunto; nossos olhos se perdiam
no horizonte, em saudosas recordações.

União, já reclamavam publicamente a
ausência das famílias, e quasi todos
estão se absteendo com a longa via-
gem. O assunto do dia consistia em
uma teorica feijoadá que possivel-
mente será servida hoje. Todos suspi-
ram por uma cozinheira brasileira e
eu por um olheiro que a minha mãe
tão bem sabia preparar.

Uma das coisas mais interessantes que vi
hoje, foi um cardume de pentena, de peixes
voadores. O peixe voador tem uma certa
semelhança com as nossas andorinhas, duran-
te o vôo. O peito é brilhante e as costas,
inclusive a parte superior das asas, são
escuras. Tem o vôo parecido com as ando-
rinhas quando estão planando.

Saram da água em grande ^{cardume} e voa-
ram agrupados. Lembrei-me do Salto do
Rio Tibagi ^(conceição) perto do Ipanema, quando
assisti a subida de milhares de lambe-
ris, quando o sol esquentava.

O voador faz lances grandes, mergulhan-
do repentinamente e superficialmente pas-
sa novamente a aparecer.

Um ótimo conjunto musical de bordo esi-
lva-se entre as 15.30 e 16.30. Embora
composto por 6 elementos demonstram boas
qualidades, apresentando 3 cantores, um
dos quais simplesmente ótimo que apre-
senta "Marilena" e ~~uma~~ "Toma Soneto".
A música é esta que me proporciona gratissi-
mas recordações dos meus tempos passa-
dos, quando estudante.

A música em si é doce e saudável.
de; muito mais saudável ela nos traz e
não se pode, nesses momentos, evitar a
fuga do nosso pensamento para um
proximo daqueles que estão muito dis-
tante: a família.

Uma grande notícia circulou pelo ar, mais ou menos a, 17 horas: seria, de fato, perdida a fei-¹⁶jeada prometida. O ataque dos prates, que continham essa tradicional comida brasileira foi um acontecimento e os elogios à culinária nacional um fato. Os americanos também fizeram feijão. Logo em seguida surgiram os paracetamios em torno de feijoadas que comemorou a passagem do Equador e, no dizer de quasi todos, que ^{isto} veio matar a fome dos brasileiros.

Um "espírito" mais enérgico veio contando que encontrara um soldado brasileiro chorando desoladamente. Perguntou qual o motivo de tamanha prate e a praça sem rodeios respondeu: - "É meu tenente, estou chorando porque eu já e tive que vomitar a feijoadas!"

O calor a noite foi de desespumar e, para todos nós, a pior hora é quando se houve o chefe do serviço de polícia a bordo anunciar, mais ou menos a, 18 e 45 - "escurecimento total", senhores, passa-geiros e tropa devem se recolher imue-
diatamente e, os que estão fumando, joguem os cigarros. Todos cumpram a ordem com presteza, porque do seu bom cumprimento depende parte da nossa segurança. Desde sexta-feira, dia da partida, não vemos mais o luar e nem as estrelas.

Um virtude do calor quando muito; nossas roupas estão ficando imundas, mesmo porque, por falta de cadeia, fomos forçados a sentar e deitar em qualquer lugar. Já lavei, embora escondido, algumas peças. É proibido lavar roupa, para a tropa, em qualquer dependência do vapor.

28 - O céu amantueceu com de chuvas. Passada
meia hora, quasi negra, annunciava-se a
chuva. Nosso navio navegava agora
em plena região das calmaria, aquela
mesma que foi a causa do descalçamento
do nosso Brasil, pelo mestre Balzar,
facto esse tão discutido em nossa his-
tória.

De facto o mar aqui apresenta qual-
quer coisa de diferente. A zona que alia-
mos durante o todo o dia mais
parecia uma imensa baía. A onda
pão maisas e o balanço do navio
muito poucos.

Inicialmente nossa atenção foi voltada
para algumas aves, isoladas e outras, voan-
do em bandos. Mas, no mar quer
dizer aproximação de terra. Os palpites so-
bre a nossa 'porção de viagem' forti-
maram desenhados, e, tenho a impressão
que nenhum homem da tripa sabe.

Fala-se em Dakar, Gibraltar, escre-
ver cartas para serem enviadas, esses
locais, tudo, seguindo para, e balanço no
ar.

Fortes chuvas, fizeram durante todo o
dia. Bom, a nossa via, alguns pingos
nesta página. Mas, os meus as
b, 30 fortíssima rajada de vento, sopra-
do de proa a popa, encapelaando as águas
do mar. Já estamos acostumiados
com o balanço do navio, de maneira
que ninguém estranhou.

A noite o calor foi tremendo. A verdade
é que nos aproximamos da costa africana e,
portanto o calor deve aumentar. O interior
do navio, onde poucos forçados a ficar, por
impossibilidade do escurecimento tem uma mais
temperatura e um só cheiro. Não ha
nada capaz de minorar esse sufocamento
a não ser a tão esperada chegada e
novamente a terra firme.

29. Dormi muito pouco em virtude do 18
calor e porque os meus amigos, de ca-
marote convalesceram até a madrugada.
Invariavelmente cansados e frouxos.
Continuamos a navegar próximo a costa
africana, sem entretanto ver terra e aui-
da em plena zona das salinarias. Pare-
ce que o mar está hoje mais tranquilo
que ontem. O tempo melhorou, de manei-
ra que estamos fora muito sol.

Segundo dizem já passamos Dekar e
marchamos diretamente para Gibraltar.
Hoje pela manhã suspeitou-se aproxi-
mação de submarino. Os submarinos tomou
nova formação e os vasos de guerra
executaram manobras rápidas, aumen-
tando seu país de ação. Os guardas,
tomaram seus lugares, junto as peças,
de artilharia e metralhadoras que
guardam o navio. A zona que atra-
vessamos proporciona um ótimo campo
de ataque aos submarinos. Tudo, segundo
me parece, e tem as graças de Deus, volta
a normalidade. Os navios e vasos de
guerra tomaram sua antiga posição e
o submarino continua sua marcha em
direção a qualquer porto da Europa em
guerra.

Nos poucos momentos que dormi sonhei
com a minha esposa e Carlota. Foi uma
grande satisfação para mim.

A vida no navio continua desinteressante.
Pouco organizam-se conjuntos musicais
e outras diversões, porém não se nota gran-
de interesse pelas mesmas. Continuamos pre-
ferir os lugares menos frequentados não só
para poder esquecer ostensivamente estas
linhas como também conversar mentalmen-
te com os meus, que se encontram mui-
to distantes. Tenho vontade de imaginar
as feições do João Alberto e da Lourinete;
como está o meu filho velho, o que a Car-
lotinha conta do Rio de Janeiro,

Finalmente a viagem realizou-se a viagem de volta, fomos então papai e mamãe, com realce a notícia da minha partida, finalmente, tantas coisas precisava saber mas, que, no momento, são impossíveis.

Na sexta-feira passada, precisamente a uma semana, deixamos o Rio de Janeiro para iniciarmos nossa aventura. Hoje estamos finalmente no meio da viagem, viagem esta que parece estar durando um ano.

Em cada vez mais, nos afastamos daquilo que nos é mais caro: a família e a pátria. Todas as ilusões, que alimentávamos, todos os castelos que mentalmente construíamos, espedaçaram-se contra a força do destino. A velhice é para o homem a época em que vai relembra o passado, reviver as faltas, preparar-se, finalmente, para ingressar no paraíso do Além, preso já, pelo desoposte físico e pelas dores, a um leito ou a cadeira do inválido corporal, com os movimentos incertos de músculos causados.

Este navio parece ser a nossa velhice prematura. Com os nossos movimentos torcidos, pela falta de espaço, somos forçados ao repouso excessivo que nos obriga a recordações. Estamos nos preparando moralmente para enfrentarmos a grande luta. Talvez umito de nós, não teremos o tempo suficiente de receber o último consolo de um carinho amigo e nem de pedir a Deus que nos perdoe pelas faltas que cometemos nesta existência.

É bem possível mesmo, que a nossa alma não tenha tempo de sentir a transição, em virtude da rapidez do choque. Por isso tudo, levados, nestes momentos, de meditação e peregrinação pelo passado, o homem pensa muito para o alto afim de implorar as graças do Senhor, pedindo sua proteção eterna.

A dias antes observando a que é um aloj. 20
mentos de praças neste navio. O alojamento
recube o nome técnico de compartimento,
superintendidos por um capitão ou major
com o auxílio de seis oficiais. O compari-
timento A 204 L, pira, é o q'el aloj os sol-
dados da linha fuzileira e onde eu deu
serviço, alias, bastante ruim, em virtude
do calor elevadissimo que existe nesse lo-
cais, desprovidos de qualquer ventilação
direta. O ar penetra por meios meca-
nicos, processo da exaustão, de maneira que
o ambiente fica carregadissimo. As por-
tas são trançadas cuidadosamente as 18h30
e abertas somente no outro dia as 7 da
manhã. Cada oficial entra de serviço duas
vezes, ^{por dia} num total de quatro horas, devendo
permanecer-las dentro do compartimento.

É muito interessante observar-se um comparti-
mento entre as 20 e 24 horas. Aquilo mais
parece um grande mercado. 303 homens, aloj-
dos num salão mal ventilado a que, em caso
normal abrigaria de 30 a 50 homens. Camas com
4 andares, um corredor que mal cabe um homem,
atracalhadas com mochilas, sacos, calçados e
todas outras bagatelas. 303 soldados oriundos
de todos os estados do Brasil, do Norte ao S. grande
do sul; do preto refinado ao loiro e ruivo; de cen-
tezas das mais variadas nacionalidades, embra-
ra todos nascidos no Brasil; do malandro de
rua ao operário, lavrador, proprietário, gira-
ficus, academico, artista, professor; do bem
educado ao mal educado, soldados, cabos,
sargentos e sub-tenentes. Tudo ali se mistu-
ra, em constante esbarão, com quebra
visível das normas de hierarquia e discipli-
na. Alguns nus, outros semi-nus, poucos cor-
retamente vestidos, todos, porém, suados,
suarentos e avulsos por mais um pouco
de ar, um ar fresco a que refrescasse,
como aquele que corre lá fora, mas, que
a possível presença de submarino, ini-
migos ~~em~~ impede-nos de respirar.

Muitos paços procuram a cama, sentam
vistos no chão e outros ainda dormem
no chão que é mais frio.

O barulho é ensurdecedor. Um musical
canta e dedilha velhos violões, mais adiante
um ^{outra} tango ~~deleite~~ ^{deleite} ~~aparece~~ ^{aparece} sair de um
disco já gasto, que as emissoras do Rio
“guerosamente” cederam ao soldado espe-
dicionário, por não servir mais aos seus
repertórios. Soa, porém, da canção nacional e
do tango argentino mistura-se o barulho
dos dominós, de assovios, de gitos e
impropérios; de conversas animadas, e
anedotas picantes, de grupos que jogam
cartas com espalhafato.

Todos os cantos e passagens estão api-
nhados. O vórtice aumenta e diminui pa-
ra aumentar novamente. O navio joga
mansamente e continua a sua mar-
cha. Os paços se dissolvem os grupos.
O cansaço domina os homens e a calma
vem deitar sobre o ambiente. Um ou
outro retardatário vai ou volta de va-
nhos. Meia noite. Luzes claras, apaga-
das, somente discretos focos vermelhos an-
davam a visões.

Roncam os dorminhocos. O ambiente ain-
da segue o calor abafado. Aquelas
corpos semi-nús expõem suor em abun-
dância que cujo cheiro se mistura ao
odor característico dos porões de navios.

O oficial, na sua ronda, fica que-
si desesperado. O suor também aparece
em todos os seus poros e pela sua
narina, penetra o cheiro da transpiração
dos soldados misturado com “chulé”, de
corpos mal lavados, de roupas e sapatos
sujos, da amônia e da fumaça de cigar-
ros que furtivamente se despreendem dos
baleiros. São 303 homens que se sacrificam
como muitos outros 303 que viajam pelos
vários compartimentos, desse grande trans-

porte, ^{viagem} direção aos campos de batalha, 22
sem, todavia, fazerem a menor reclamação,
dando as melhores vestras de submissão e
disciplina.

Ninguém, a não ser os que estão im-
portando esse suplicio, pode jamais pa-
ssar uma ideia do que é um ^{compartimento} compartimento para tropas, ou um navio
transporte de guerra, tendo em conta
que todo o espaço representa um grau
de valor.

~~30~~ 30 de Setembro.

Estava hoje em que se
realizava o meu casamento civil, início
esta nova página do meu Diário.

Esta data que é para mim dupla-
mente significativa representa, no dia
de hoje, recordação, saudade, e tristeza.

Tão longe das pessoas de minha família,
da minha esposa, dos meus pais, dos meus filhos,
e dos meus irmãos, nada mais me resta
a não ser a grande dor que a saudade
me traz com a solidão que me envolve.

O protocolismo do abrigo de alguns amigos,
de nada serve para um coração que sangra
com as punhaladas da separação e da
recordação, mesclada com as incertezas
do porvir. Falta-me o calor suave e con-
fortador de amplosos meus ~~meus~~ amigos,
do carinhoso daquele, ao quais estamos li-
gados pelo sangue, dos beijos quentes de
uma esposa e o osculo carinhoso de
uma mãe e filhos. Falta-me tudo isso,
falta-me mesmo a vontade de viver neste
dia de hoje. Perambulando neste navio que
a todo momento pode ser um sarcófago,
nada encontro capaz de proporcionar um
pouco de alento e de satisfação. Já revivi
o passado que para mim foi tão bom, lembrei-
me dos meus sujos fisionomia tive a grata
satisfação de ver um soubo, um bom soubo,

o maior presente que Ceu podia me proporcionar neste dia.

Restou-me a fé e a esperança de, no próximo ano, podermos estar novamente reunidos.

Esqueci minha peça a Jesus, relembrarei Santa Antônia e pedirei duas graças para todos, vis; que a sua proteção seja um estímulo e uma perece esparsa nessa luta que travamos.

As 16 horas assisti a missa. Mor dia, de semana a missa é realizada naquela hora.

Com o pensamento voltado para o Altíssimo, tendo em vista ~~permanente~~ a lembrança dos meus entes queridos, senti inefáveis momentos de gozo espiritual.

Ao terminar a missa, com a bênção do Reverendo, ouvi a drama grandiosa da Ave Maria que me arrebatou ao máximo. As lágrimas que deviam cair pelas minhas faces, foram alojadas em meu coração como uma gota amarga dessa provação imensa.

Aquela mesma Ave Maria que há quatos anos era executada ao finalizar o meu consorcio; esta mesma Ave Maria que adorei nos musicos e que sempre é uma grande recordação para quem para alguém nesta existência e tem saudades a sentir.

Assim foi o meu 28º aniversário de nascimento e o 4º de casado.

Como teria passado os meus entes queridos?

Amam-becemos ainda navegando na zona das caluárias. Somente depois do meu dia é que saímos dela.

Já estamos acima do tropico de Can. 24
Per, segundos nos dizem. O dia esteve
brusco e a visibilidade pequena.

Um navio quebrou a monotonia da
paisagem, a parecendo muito ao longe.
Este aparecimento constituiu verdadei-
ra festa; teve a impressão que um
quem tinha conhecido um navio
pois todos correram para tomar co-
municamento do seu aparecimento.

Comemoraram aniversários hoje o
2º e 1º. O 1º O'Reill. O 1º
Oste Sidnei Simões, festeja o 1º de sa-
pamento. Este fompauheiro está pie-
pado com sua penhora pois, ao deixarem
o Rio, estava na maternidade esperando
o nascimento do primogenito.

Quada um de nós, em geral, cor-
rega, neste vapor, ao menos um pro-
blema a resolver e que é moti-
vo de grandes preocupações.

Comemorando o meu aniversário ganhei
um prato a mais de sobremesa, pleitea
do pelos fompauheiros de mesa:

Sidnei Golani, Paulo Cunha, Jauli, Quena,
Otavio Colta e Tanagossa.

A sobremesa constituia excelente compo-
sta de pera e pecego, aliás um dos me-
lhores pratos de bordo.

Nos meus fompauheiros de quarto ofereci
um "drop", comprado na cantina
dos oficiais, existente a bordo. Nessa
cantina compraram-se varios objetos de uso
pessoal muito bons e baratissimos;
chocolates, doces, cigarros, artigos de toilette,
lêãs etc.

Inverando o dia ouvimos o cantor Grilly,
marinheiro de bordo, convocado, que nos deli-
cion com encantadora canções.

A temperatura baixou um pouco, tendo
melhorado sensivelmente o ambiente interno
do navio.

1 de Outubro de 1944.

Éis o ~~vale~~ segundo domingo que passo longe dos meus e da minha Pátria, sulcando o Atlântico, perto das costas da África. A temperatura continua em declínio, entretanto o mar é sempre monótono. Entre as 12,30 e 13 horas surgiu no horizonte um barquinho a vela que vinha em nossa direção, sem todavia o fôlego deter-se ou tomar qualquer providência com relação a mesma. Em todos os compartimentos do navio foram realizadas missas católicas, protestantes, e uma judaica. Os domingos aqui nada diferem dos demais, ^{sempre} monotônicos, a mesma monotonia de sempre. Sabemos que em terra nos esperam coisas mais desagradáveis, entretanto todos queremos a terra firme, estamos ansiosos por ela, para passarmos uma noite contemplando o céu estrelado, o luar...

Até isto nos foi proibido.

Hoje vou ~~idêntica~~ a leitura de "A morte vem nos repara" a qual, por certo, terá uma constante recordação da minha esposa e filhos.

Embora tenha dormido pouco, passei bem a noite visto ter feito permanecer agradável temperatura.

Beem a tarde voltamos a ver dois veleros de pena, sinal provável de terra próxima.

A noite fomos surpreendidos com um show organizado por elementos de bordo e oferecido a oficialidade brasileira.

O desenvolvimento do programa foi interessante e animado. O mesmo conjunto, ao qual fiz referências em páginas anteriores, com os cantores, proporcionaram a todos um belíssimo espetáculo. No final, realizou-se rápida e cordial troca de gentilezas entre a autoridade de bordo e o Sr. General Falconiere, comandante das tropas.

do Brasil, neste navio.

Dois grandes surpresas foram proporcionadas ao ouvinte. A primeira teve como protagonista o fotógrafo de bordo que entrou na sala carregando um estojo de trabuco e de vara e mandou executar uma musica de Tchaikowsky para piano e... bateria. Quando abriu o estojo notou-se a ausencia do trabuco, entretanto continha partituras de musica, uma das quais entregue ao torador de bateria. Ante a incerteza do pianista para agitar a partitura no piano, julgava-se que aquilo tudo não passava de mera brincadeira de um simple, ~~pianista~~ fotógrafo de bordo.

Ouvem-se as primeiras notas, acompanhadas da bateria. Tudo polbocado. O riso explode entre a assistência. Logo seguinte, desfiguração e nada mais. Em gesto dramático levanta o piano, retira a partitura da bateria, rangem a couraça e voltou para o piano. Ante a ~~estufa~~ surpresa geral dedicou com segurança e maestria uma musica daquela grande fôrça. A assistência vibra sinceramente e um "obrigado", em autentico português, retirado no momento de um manual pratico da lingua portuguesa foi o final da peça.

O organizador desse "show" foi o major cappelão de bordo, um espirito ativo, tipicamente comunicativo e alegre. Organizou tudo com presteza e, dentro das possibilidades, com bom gosto e encanto.

A luz vermelha do encarceramento e os dois refletores que iluminavam o conjunto, formavam interessante contraste. O major cappelão não poupa esforços e parece que conseguiu seu objetivo. Recreou as felicidades, graças. Proporcionou nos a segunda surpresa, demonstrando suas otimas qualidades de cantor. Solou "Deus salve a America" e pediu que a assistência

fixasse o côro. Mais de 300 vozes, se
trouxeram naquele momento, mistura,
e vibrantes, cheia de fé e esperança, pos-
sivelmente quasi todos com o pensamento
voltado para nosso Deus e nossa luti-
ca, para nossa Patria e para a nossa
familia.

Mua dôr profunda comprimiu o meu
coração e, entre toda a alegria que o pe-
java, uma lagrima pелou em minha
face... Aumentamos mais uma vez nos
religiosos.

2ª Ainda navegando em plena costa
Africana, com a esperança de chegarmos
emiti logo ~~depois~~ em Gibraltar. Em pou-
cos o tempo se escoa e breve, chegaremos
ao nosso destino, se Deus quiser.

Cada dia, aumentam os perigos e a apo-
ximação do inimigo. Depois de muitos
dias, voltamos a receber a protecção aerea
por intermédio de dois pequenos quadri-
motores. O dia está frio e lúesco, a visi-
bilidade pequena.

Este foi um dos dias mais mon-
tonos que já passei a bordo, absoluta-
mente nada se passou digno de registro.

Nossa vista já está cansada com o
panorama e o pensamento rolando pelo
espaço em busca da Patria, do lar e
da familia, onde outros corações, também
devem estar presos da mesma ansiedade
de e esmagados pela dor da separação
e incertesa.

Lá longe estão nossas mães, incru-
ladas e debilitadas em lagrimas; nossas
esposas, desafiando, entre choros, as contas
de um rosário, em prece fervorosa; nossos
filhinhos, talvez paudros, implorando ins-
tantemente pela presença dos pais, ^{que} vão
partir e não mais voltarão. Eis o spe-
taculo mental que empolga o cerebro
de um combatente, enlaidado com
as doas recordações, de uma vida ~~passada~~

que foi muito boa, cheia de pubes em - 28
gosto de um lar feliz.

O fundo, entretanto é mais negro, por-
que pela frente vemos uma coisa
misteriosa, incerta, tenebrosa, uma gran-
de interrogação: o futuro.

x

x

x

3 Baúdos de diferentes avers circulavam
em volta dos navios dando uma possível
demonstração de aproximação de terra.

O "blimp", depois de prolongada ausen-
cia veio dar com o seu esbelto porte,
mais grandiosidade ao ambiente e, com
o seu poderio, mais garantia ao comboio.

Pela tarde recebemos o apoio de mais
dois destróieres grandes e nesta ocasião en-
contramos um cargueiro.

À 17,30 uma notícia espalhou rápida:
TERRA.

No horizonte, entre as brumas, divisa-
mos uma faixa mais escura e, ao pos-
sível delinea a costa apicada. À 18,30
ante grande alegria, surge, também en-
tre as brumas, a costa herpácula,
com as suas elevações. Marchavam
francamente em direção ao estreito de
Gibraltar. Meu navio cargueiro com o

nº 189 cruzou em direção contrária,
passando muito próximo. O comboio tinha
nova formação: um destróier a frente
e em fila por um segue o nosso bai-
co, o que conduz o 1º RI e finalmente,
o Cruzador, ^{o 2º RI e o 3º RI} o disco ^{de direção} para a direita ^{deve} emerge de
uma grande nuvem, rubro amarelado, para
o seu poente, tingindo as águas, ao longe,
de estranha cor, enquanto as águas, na
exteima do navio têm de cor azul celeste.

Que esplêndido entardecer. O queio do
homem enganado com o espetáculo
maravilhoso da natureza. A linha
de navios, aumentada com o esplêndido
"blimp" e bem ao fundo o cargueiro.

que ~~de~~ ^{de} ~~de~~ pouco passava por ^{as} forma-
vamos um conjunto grandioso, digno de
uma magistral tela ou da pena
de um escritor. Todas estavam
empolgadas com o acontecimento, melha-
do, com a grande alegria de poder ver
novamente terra, embora ~~de~~ longe, sem ter
nos experimentados os dissabores, de ata-
ques inimigos e dos perigos oriundos dessa
grande travessia em tempo de guerra.

São 20 horas, precisamente. Navega-
mos no canal que nos leva ao Mediter-
râneo, após atravessarmos a histórica forta-
leza de Gibraltar. Quando as levantar,
já estaremos navegando no "Mare Ma-
gnum".

Em virtude do escurecimento não se-
rá possível assistirmos a passagem pelo
estrito.

Adiantamos o relógio mais meia ho-
ra.

Existe uma lenda que todos os que en-
tram por Gibraltar devem comprar ao
Rei Septimo, sua passagem de volta.

Essa passagem constitui em uma
doação ao Rei, antes de se penetrar
no Mediterrâneo, de qualquer moeda
que é lançada ao mar.

Em ~~as~~ vários colégios ofertamos ao
Rei nosso tributo da volta.

Sim, para voltarmos, si Deus nos permi-
tir, às terras onde nascemos e que vamos
defender com todo sacrifício; para voltar
aos nossos lares, afim de sentirmos
o calor da amizade e a docura dos
carinhos dos nossos ente queridos.

Que a lenda se torne uma grande
realidade, para a felicidade de milhares
de famílias do Brasil.

São 22 horas e, segundo o que infor-
mam, já estamos no Mediterrâneo.

Lentamente estamos atingindo o nosso
primeiro objetivo e o ponto de final

da travessia, antigamente tão perigosa e hoje mais segura graças aos novos aparelhos que controlam a presença do inimigo. Segundo podemos observar as precauções para segurança do comboi são honestamente e absolutamente descuradas mantidas.

Sente-se confortável tranquilidade e tem-se a grata impressão de que ninguém teme mais a viagem.

Que esta confiança e esta segurança sejam mantidas, com a graça de Deus.

Deus lido "A morte não nos separa", o livro é muito bom.

4 - Em pleno Mediterraneo.

Abundantemente cheio de água. O mar mediterrâneo está por demais calmo. Não se tem a impressão de que navegamos em mar alto, mas sim, lenho. Me dos passeios no litoral. É a mesma sensação, parece a nossa Guarabara em dia de grande calmaria. Nossa escolta diminuiu sensivelmente, somente dois "destroyers" na companhia, nenhum avião fez libertura.

Tudo é imensa calma. Agora as notícias que mais circulam são as referentes com o dia da chegada e o desembarque. O comando já está providenciando nesse sentido. Os oficiais estão escrevendo suas primeiras cartas, são as notícias que levarão um pouco de consolo e tranquilidade as famílias.

Depois, a sensação da chegada, de um feliz término de viagem, desta viagem que representava uma grande preocupação.

Às 8 horas da noite, o serviço especial da F.E.B. oferece um "show" aos Comandantes americanos e demais oficiais americanos deste navio. O "show" foi exclusivamente de brasileiros, tan-

do um bom transcurso, agradando a
toda. Nessa ocasião, falsas feitas, a
despedidas, em caráter oficial, havendo
tira de gentileza entre o Excm. General
Falconiere e Cap Kead, comandante do
navio. O comandante brasileiro recebeu
e ofertou ^{uma} recordação.

A festa terminou com o entrelaçamento das bandeiras do Brasil e U.S.A. ao som do hino de nossa Pátria.

5 - Está no seu final a primeira parte do meu diário. É a chegada que, finalmente, está prevista para o amanhecer do dia 6. Já estamos sob a ação da onda posterior do desembarque, os preparativos foram iniciados. Os mallets estão sendo arrumadas; já foram pagas as taxas portuárias, para avançar; os oficiais escrevem cartas e microfones, se-
guidamente, transmitem notícias que dizem com ^{muito} regularidade de desembarque.
Segundo o que se ouve avança ced. Estamos em Sapale, termino da nossa travessia.

Embora exista uma noite pela nossa frente, temos quasi absoluta certeza da chegada, sem os incidentes do tempo de guerra. Trouxemos o Altissimo com saúde e sem perigo ao porto de destino. E Ele levanta a vinha favorosa prece de agradecimento, pela grande graça que nos concede. O nosso ultimo dia e' breves, chuvoso e frio, caracteristicas da estação, que vamos encontrar na Italia. Contrariando o costume, passei quasi o dia todo, dentro da Camarote, arrumando minha coisa, lendo e escrevendo, além dos afazeres dentro da companhia. Todos estão preocupados com o peso da bagagem, agora sensivelmente acrecido com a "caixa rolô".

A minha mala está super-cheia, não sendo possível ~~fechar~~ arrumá-la como devia.

Quasi todos pediram autografos aos companheiros. Na pagina seguinte vão alguns, sendo dos colegas de quarto e outros amigos. Será uma grande recordação dentro deste diário.

10,30 da noite. Quasi hora de dormir. Dentro do nosso alojamento brincou-se um pouco e divertimos-nos. É a ultima noite a bordo e o ultimo instante desta viagem.

Pretendamos levantar cedo para assistirmos a chegada e conhecemos a ilha de Capri.

Existi, no alojamento das praças, o ultimo terço rezado a bordo.

Quanto à parte por ser possível, existirei a missa.

Do encerrar a descaída da viagem qual a impressão que ficou gravada em meu pensamento?

Ela foi melhor do que esperavamos com referencia a segurança. Não apresentei os sintomas que imaginava, tudo coisa logo para o desinteresse e monotonia. O conforto do navio foi relativamente bom. Não se podia deixar melhor, dentro de um transporte de guerra, com milhares de homens.

A camaradagem imperou, bem como a disciplina. Tem-se a impressão que os oficiais e marinheiragem americana sempre leva boa impressão da nossa tropa.

Isso é uma grande coisa para nós.

6 - levantii cedo, conforme previ. Quando terminava de me vestir o microfone anunciou que a tropa podia sair dos alojamentos pois estavam chegando. Ao subir para o paradisio estavamos em frente a celebre ilha de Capri, na entrada da Baía de Nápoles.

A conformação topográfica e geológica de Capri é interessante. Vê-se a cidade e casas construídas no alto dos montes.

Em seguida vê-se outra cidade e aldeias, já no continente. Ao fundo o Vesúvio e o cenário de Nápoles. O porto está cheio de navios, bem como em determinados lugares, constitui verdadeiro cemitério de navios. Ao fundo o cenário e as construções destruídas.

São os primeiros sinais da guerra. As 8,30 atracavam, fora dos "cais" e as 10,30 encostavam.

Os soldados jogavam cigarros e os homens lá em baixo matavam avido para pechal-os.

Nenhuma pessoa teve a ver Nápoles. A cidade, pelo que estou vendo do vapor, não justifica aquele velho ditado: "Ver Nápoles é morrer".

Os primeiros navios que vieram foram 3 enfermeiras, brasileiras.

Foram iniciados os trabalhos de descarga do navio. Misti um pouco, achando interessante a pouca água visível e grande o navio, depois do porto, abertos.

- 1 J. Frankini de Azeite
- 2 J. Karagoza, 6^o Ten.
- 3 Gilberte Gubert - 1^o Ten.
- 4 Ruben de Duzello
- 5 Emílio Waver - 1^o Ten.
- 6 Antonio de Brany Pichay
- 7 Octavio Costa, 1^o Ten.
- 8 Lidnyy Rusyshtans, 1^o Ten.
- 9 Boris Wam, 1^o Ten.
- 10 J. Costa da Costa, 1^o Ten.
- 11 Alex. Ceiz Brasileira de Costa, 1^o Ten.
- 12 Paulo Cunha Grevedy, 1^o Ten. Per.
- 13 Mario Gabermanbues Bill, 1^o Ten. Per.
- 14 Oney Ribeiro Graça, 1^o Ten.
- 15 Trausca Sarcosky, 1^o Ten.
- 16 Olay Boniero De Oliveira, 1^o Ten.
- 17 Dilson S. Lourenço, 1^o Ten.
- 18 Jac. Amilham Chedilo, 1^o Ten.

2^a Italia.

Nesta dia 6.10.1944. contrariando o que estava previsto e todos esperavam, atracamos, passamos o dia todo a bordo, com determinação expressa para ninguém sair do navio. Bem a tarde, alguns elementos foram forçados a desembarcarmos para que houvesse facilidade na descarga dos portos. Seleamos que não mais desembarcamos em Nápoles e sim faremos baldeações para outros barcos e seguiremos até Livorno. Os companheiros que desembarcaram estão alojados, segundo informam, nas dependências de uma Universidade.

Fiz parte do dia bastante amolado, com dor de cabeça e resfriado, possivelmente em consequência do distúrbio intestinal que tenho sofrido desde o embarque. São 22,30 horas, já escrevi cartas para Maria, Papai, Tadeu, Delfim, Compadre Antonio e Padrinho. Estou passando o melhor e vim escrever mais um pouco.

As informações que temos da vida de Nápoles, 36 é a mais impressionante. Em todos os recantos, miséria e desolação. A fome é verdadeiros flagelos e os homens lutam avidamente por qualquer coisa que os soldados lancem propositalmente, embora esteja terminantemente proibido. O espetáculo que se assiste é de conflagrar o coração e a justiça, da depravação moral são verdadeiramente horripilantes.

A noite, a cidade ficou mergulhada em quasi profunda escuridão, apesar de não haver escurecimento. Fracos lúes, são observados, em poucas casas. Tem-se a impressão que a tristeza envolve Nápoles. Também ruído característico de uma grande cidade vem até nós.

O outardecer também foi triste. A neblina envolvia a baía e o sol, com grande dificuldade batia polvemente nas águas do Mediterraneo. As águas da baía de Nápoles são bem verdes, de maneira que o contraste com as de além baía é interessante.

Os pontos que dominam a cidade possuem grandiosos e pesados castelos, de remota construção. Em frente ao nosso navio um edifício em ruínas, consequência da guerra, entre tanto nas suas linhas podemos verificar quasi belas tinham sido, sobresaindo-se o estilo suavemente modernista, sobris mas distintos, coberto com o imper marmore de Carrara.

Forma verdadeiros contraste com as demais casas, que poderiam os "cais", toda, ela, varada, no mesmo estilo sem preocupações arquitetônicas, e dando a impressão de casas sem conforto.

Destacam-se dos telhados as cúpulas, de ^{de} várias igrejas, alguma, danificada, e outras, quasi destruídas.

A temperatura pode ser comparada com a de Lameira; sente-se um pouco de calor. Depois de muito tempo passamos algumas horas da noite fora do navio, não houve

mais o reconhecimento.

Continuamos atracados em Napoli, com preparativos para nos dirigirmos ao porto de hiverno, o que será feito em barcas, por se desembarque. A vida de bordo para nós está sendo pesada. Não ser alguns oficiais superiores, ninguém mais pode sair de bordo. Quasi todos anseiam para conhecer a cidade, entretanto, todas as tentativas, para conseguirem a permissão, fracassaram.

Debruçamos nos nos amurada, e nos limitamos a ver o movimento do porto que pode ser abrangido pela nossa vista, contemplando de verem o mesmo panorama de Napoli. Tudo que se vê é americano e de americanos. Quindentes de emergência, caminhões, "jeeps", tratores de diversos tipos, navios descarregando, vagões de estrada de ferro carregando, pilhas e mais pilhas de mercadorias. O nosso navio continua se desfazendo da carga que enche seu bojo. Lá no fundo do porto vi caixas com a marca característica do Mito Leão, do Paraná. Como não podia deixar de ser, lembrei-me do meu Estado natal.

Os trabalhadores do porto, todos italianos, enchem a praça, em constante vai e vem, gesticulando muito quando falam, o que é observado pelos brasileiros.

Lá no fundo, circundando uma torre, quatro belos cativos, parasteiam em torno de suas amarras, com uma ansia incômoda de liberdade. Mais parecem quatro imponentes peixes aereos, lançando faixas de prata e prouto para cumprirem sua missão. Com toda certeza estão dependendo algum importante objetivo.

O céu é cortado por numerosos belos grande de aviãos, dos mais variados tipos e tamanhos.

eram esperados. A sorte, entretanto, com
as graças de Deus, nos favoreceu.
Hoje fomos filmados.

8 = Terceiro domingo que passo a bordo, com
a única diferença de estarmos ancorados na
terra. O dia amanheceu chuvoso e um
pouco frio. Continuamos presos no na-
vio. Assisti a missa das 9,30, dor-
mi depois do almoço e fui fazer a no-
va relação de embarque, de compaulha.
Depois da missa, fiquei no paradisio
para assistir o movimento do porto e do
"Cais". Alguns italianos aproximaram do na-
vio, na expectativa de receberem qualquer
coisa que a generosidade do brasileiro
podia oferecer. Senti então, em minha
alma, toda a tristeza que vai no co-
ração italiano e a miséria que o
envolve. Alguns homens, visivelmente
abatidos moral e fisicamente, mal
vestidos e magros, erguiam seus olhos,
expressivos e melancólicos, para nós,
e em gestos autorizados, levavam a
mão à boca fazendo um sinal de quem
pode comida. Ninguém, das mulheres, que dei-
xaram suas famílias lá no Brasil distan-
te e que lamentam a separação e a san-
dade, é capaz de resistir um desses ape-
los. É a miséria em seu mais elevado
grau, é a esmola da comida.

A comida atirada era motivo de dis-
puta e, com ~~o~~ avides, somente caracte-
rística daqueles que sentem muita fome,
rapidamente devorada, sem, muitas ve-
zes, se lembrarem do mais simples gesto
de agradecimento, enquanto outras vezes,
surtem demonstrações de grande reconheci-
mento. Vi um belo menino em frente ao na-
vio. Meu pensamento se voltou para o meu
filho, tive um desejo ~~de~~ muito grande
de proporcionar aquele infeliz um pouco
de comida. Si não o fiz foi para não

contrariar os odres existentes nesse sentido, pois os homens se aglomeram e entram em verdadeira luta para alcançar as coisas.

Entre tanta desgraça e miséria, lembro-me de um fato ocorrido em minha existência:

Quando trabalhava na Cerâmica, encontrei, ~~uma~~ dia certa vez, um ninho de sabão. Como o sabão é uma ave que prejudica muito as frutas, não tive a menor dúvida em destruir seu ninho, com três ovos. Hoje eu penso neste meu gesto. Destruí um ninho e três ^{futuros} ~~aves~~, porque, para alimentarem-se de roubavam-me algumas frutas, que nada me representavam. Agora o que vejo? Bão, destruída, lar, defeito, crianças abandonadas, miséria, corrupção, luto, tristeza, tragédia. Comparando aquele pequeno acontecimento ~~para~~ da minha vida, que é uma demonstração do egoísmo humano, com a grandeza que estão assistindo o que devo pensar, o que devia fazer?

Chego a uma conclusão, o Criador devia fazer bom o homem o que eu fiz com a ave-sabão. Muitos deviam ser sacrificados no ventre materno, para que não pudessem mais tarde constituir o germe de tanta tragédia, de tanto sangue, suor e lágrimas.

A Itália foi o berço do Cristianismo, das ciências, letras e artes. Espalhou pelo mundo os benefícios da religião e dos conhecimentos mais avançados; beneficiou povos, levou o progresso para todos os recantos. Foi dentre os seus filhos que surgiram os fundadores da lei e do direito. Entretanto, as legiões romanas, imprevistas e azevichadas, também levaram a destruição e o luto, esmagaram muitos povos. É bem possível que esteja passando pelas provações, que o céu determina aos pecadores, e as almas que necessitam a remissão dos atos passados.

Assim como os chineses, os árabes, e os
gregos, chegou a vez dos italianos. O aspe-
cto do sul é doloroso. A terra de Dante
e de Garibaldi rotem pelos abissos da der-
rota, e os seus filhos se vêm humilhados
pelo invasor, entregam as irmãs, as filhas,
e até as esposas, a sanha sexual do ven-
cedor, em troca de qualquer coisa que
mate a fome. As mulheres ficaram
desmoralizadas ao ponto de operarem-
se publicamente, embora cobrindo
o filho no braço. O respeito não mais
existe ante um caso destes e são im-
menses os casos em que o marido
qual mercador, põe a ruia em breca
de amor para a irmã.

Um dos homens encanecados da descor-
ça, contou publicamente, que um marinhei-
ro lhe proporcionou tanta alimentação,
entretanto violentou sua irmã, com uma
simplicidade de assuntos, finalizou di-
zendo que queria lucrar com aquilo.
Foi o seu único protesto, dando
tracalho clara de que a reação deixou de exis-
tir, assim como o moral. O auge pro-
prio é quasi todos os predicadores do Homem
Rebeldes ordem para prepararmos-
nos, apin de iniciarmos o deslocamento para
hivorno, o que será feito em barcas, de
desembarque. Mas uma pensação pa-
ra a nossa viagem. As barcas, são
pequenas e quasi sem depas. Crie que
será algo perigoso e o conforto não
existirá. Aquando me os aconte-
cimentos. Hoje terminaram a des carga
dos porões que estavam abertos.

Provavelmente será a ultima noite que
passarei no U.S.S. General Maigs. Tanto cer-
teza que lá adiante nos recordaremos
com saudade, destes dias passados nele.
A que nos espera é o desconforto e
as duras lides de campanha.

9 - segunda-feira. O dia amanheceu chuvoso e um pouco frio. Trabalhei-se febrilmente afim de se ter concluído para o transbordo dos bomeus aos launchs de desembarque. Pela manhã fiz a troca do dinheiro brasileiro pela "lira aliada", dentro da minha compravista. A "lira aliada" é o dinheiro que está sendo empregado na Itália, pelos aliados. Tem o seguinte valor:

1 dólar corresponde a 100 liras, ou um cruzeiro 5 liras. As notas são impressas com grande simplicidade em papel de qualidade ordinária. Os valores pequenos são pedacinhos de papel enquanto existem notas de tamanhos fantásticos.

O dinheiro italiano quasi nada vale. O nível de vida é baixíssimo.

No momento que escrevo estas linhas já foi iniciado a baldação do pessoal ao lado do nosso navio, dividiam-se as barcas, componentes da primeira leva, todas cinquentas e com o mesmo formato. Constituem pela formação.

A medida que são completadas, fazem-se ao longo, provavelmente para se fazer o agramamento.

Às 18 horas, deixava o U. S. S. General Meigs para a minha barca que me levava a Livorno. Nesta ocasião passei, pela primeira vez o polo italiano, percorrendo o pontão, entre as de metros. Em um descanso, antes de entrarmos na barca, tive a oportunidade de conversar com dois ex-combatentes italianos, que ainda ostentavam seus uniformes. Meu dilettante era 22 anos. Como todos os italianos estão amargando com a queda da sua pátria e da miséria que a assola.

As embarcações menores que não parti-
ciamos logo e a sim apanhã cedo.
Nossa barca é a de nº 552, com
uns 30 metros de comprimento por 7 de
largura. Tem 4 alçapantes para solda-
dos além das acomodações para a
guarnição que é pequena. Sem aspecto é
agradável e está muito limpa. Os ofi-
ciais estão alojados com a praça, por
falta de camaratas especiais.

O comandante é um 2º Ten., bastante sim-
pático e logo procurou fazer camarada-
gem com nós. Usei a raça sintética
tipo K, que apreciei muito. Achei nutriti-
va e salubre. Durante a viagem
leva a nossa alimentação.

Conseguí comprar algumas fotografias
com vistas de Nápoles e Capri.

Poucos metros distante da nossa bar-
ca permanecia o navio Gen. Ueig. Sem
prate grandioso decimava-se imponente
e elegante. Durante vários dias foi um
solido aliado e, tendo certeza, torçamos
pandade dele, no futuro.

10 - terça-feira. Às 7 horas da manhã, acor-
dei com o ruído da ponte que era reco-
lhida para a partida. Vesti-me rapidamente
pois queria despedir-me do Gen. Ueig.
e lançar mais uma olhada para Nápoles.
Ibora torrencialmente, entretanto para-
eci fora. Assisti o espetáculo de
centenas de peixes saltando perto da ur-
sa embarcação e muitas gaiotas que so-
brevavam na quia de pegal-a.

Lentamente fomos deixando o embarca-
douro para dirigirmos-nos para fora.
O porto está cheio de navios de todos os
tipos e tamanhos; aos poucos outras em-
barcações se juntavam ao nosso e iam
passando. Segundo contaram o nosso bar-
co é o capitaneia. A cidade de Nápoles
está envolta pela nuvem de chuva,

44
entretanto parte do Navio estava lanha-
do por avermelhados raios de sol. As casinhas
brancas, construídas nas encostas do vulcão eram
vistas perfeitamente. O cenário da cidade acom-
panha o contorno da baía, em toda a sua
extensão. Hoje me foi possível ver como é gran-
de a cidade. A chuva passou; em nossa frent-
e e aos lados a vista é ampla mas a re-
taçada grande muralha envolve a cidade.
Saímos pelo lado norte da baía. Os por-
tos apareceram os botes que haviam par-
tido no dia anterior e que, provavelmente,
por uma questão de despiantamento perma-
neceram nas imediações. Uma grandiosa
formação naval preparava-se naquele mo-
mento. Duzena, de barcos em coluna por-
tões, desfilavam na baía de Anápolis, tra-
zendo mais de 10.000 soldados, expedi-
ções do Brasil. As águas e as elevações
batidas pelo sol, o panorama da baía
os castelos que se erguem em cada eleva-
ção e, finalmente, a grandiosa para-
da naval empolgou nos naqueles momentos.
Desfilávamos ante as ilhas, acidentadas,
cada um com panorama mais exótico e
com um marco das gerações passadas, repre-
sentado por um velho castelo ou simples-
mente pelas suas ruínas.

A ilha de Capri vai ficando a esquerda;
dirigimo-nos para a ilha de Tívoli, onde exis-
te um castelo em ruínas. Tudo ali evoca a
época dos ferozes e das Cruzadas. Ve-se
a ponte que liga o castelo a ilha maior;
a muralha que contorna a parte que po-
de ser atacada com mais facilidade.
Em frente a Tívoli o comboio deriva
para a direita e alcança o mar alto.
Os barcos saltam e giram sob as ou-
das, mas práas erguem-se enormes
"biquetes" de água e espuma, o comboio
aumenta a velocidade. Surgem
os primeiros enjoados.

Em várias ilhas da baía, pode-se
notar escavações ao nível da água, presu-
mindo-se serem abrigos de submarinos.
Às 15 horas deservei pela primeira vez,
em minha vida, a formação de
trouba de água. Fenômeno interes-
sante e que se reproduz por várias
vezes. Formava-se uma barreira negra
de nuvens e entre esta e as águas
do mar uma faixa completamente
clara. Os poucos nota-se um
apêndice que sai das nuvens, es-
capa, em direção as águas do mar.
Este apêndice cresce e forma a trou-
da, que chega até o nível do mar,
onde alcança as águas do mar de-
va-se verdadeiros repuxos. As bor-
das da trouba são escuras e o in-
terior claro. Seu formato é o de
uma cobra mais ou menos esti-
cada.

O navio joga muito, poucas
pessoas sentem bem. Procurei a todo
o custo, vencer o enjoo mas, foi im-
possível. Mais ou menos às 16,30
em diante não foi possível conter
o mau estar. Peguei o meu trilete
aos peixes. Desei instante, a via-
gem, para mim, foi de sacrifi-
cício. Deixei para o alívio.
Todos enjoavam, o ambiente estava
abafado, mas era a solução, deitar
e ficar quieto. Não jantei.

Durante o dia todo navegamos na
costa italiana, entre o continente e
inúmeras ilhas. Avistam-se muitas
vilas e povoados enclavados nas
costas acidentadas da península.
À noite, o nosso martírio foi mu-
to maior. O mar continuava forte,
nosso barco fazia verdadeira
acrobacia, erguia-se e voltava
com estrondo, parecendo-nos que

Heitor de Mello e Alvim - Cap. Comd. da 3^a Cia
 Mendes da Costa, 1^o Ten.
 Yosephus Barreto 2^o Ten.

Orazo Ribeiro Granja (Lieutenant first)
 Carlos Augusto de Souza Ap. M'ora
 João Gomes Brito 2^o Ten.

Richard England, Lieutenant (junior grade),
 United States Naval Reserve.

Comandante da L.C.T. 552

Falemaria. Smt. Col. 2^o Ten. 7/2

Myron Ross Brown. 2^o Ten.

Wilson Machado Silveira
 2^o Ten.

José Reginaldo Leite 2^o Ten. - 1^o Cia.
 Luís Augusto Lima. Major
 E. J. Corinn cap.

S.S. Subj. Cap. Comd. 2^a Cia.

Alarico de Camargo Bastos - 1^o Ten. R/2

Daniel J. Cap. Comd. 1^a Cia. SILVA 4-2-45

José Maria Lima, asp. a of 5/4
 Luiz Terini 2^o Tenente - 1^a Cia.

José Rosa Guillelmo 2^o Tenente. 1^a Cia

House of Wells, Chinn - Cap. Cont. de 500
Houses de Cont. 1/2 ton.
Houses de Cont. 20 ton.
Grip (Hill's Grip) (Hill's Grip)

House of Wells, Chinn - Cap. Cont. de 500
Houses de Cont. 1/2 ton.
Houses de Cont. 20 ton.

House of Wells, Chinn - Cap. Cont. de 500
Houses de Cont. 1/2 ton.
Houses de Cont. 20 ton.

House of Wells, Chinn - Cap. Cont. de 500
Houses de Cont. 1/2 ton.
Houses de Cont. 20 ton.

House of Wells, Chinn - Cap. Cont. de 500
Houses de Cont. 1/2 ton.
Houses de Cont. 20 ton.

House of Wells, Chinn - Cap. Cont. de 500
Houses de Cont. 1/2 ton.
Houses de Cont. 20 ton.

House of Wells, Chinn - Cap. Cont. de 500
Houses de Cont. 1/2 ton.
Houses de Cont. 20 ton.

House of Wells, Chinn - Cap. Cont. de 500
Houses de Cont. 1/2 ton.
Houses de Cont. 20 ton.

ia abrir pelo meio. Esquadrava na, onda,
parasteava, deitava para a direita
e para a esquerda. Muita, vez, até
o meu cérebro se pitoria. Enjoado como
estava a sensação era horrível.

Acordava polissaltado com o estrondo
do barco de encontro as ondas. Sentia
muy que as aguas lavavam a cabeça.

Entre o sufimento do enjojo, um
pildado teve a idéia de maldizer aqulle
que inventou a nossa viagem em tão
pequenos barcos.

Os improprietos não melhoraram a
nossa condicção. Tudo é guerra.

Na pagina anterior estão alguns
autógrafos dos meus companheiros de via-
gem e do Conte. do barco.

11. quarta feira - Em Livorno. 7,4oda
noite.

Quanheci completamente enjoado. Não
foi, ao menos, possível calçar os meus sa-
patoz antes de vomitar. Peguei meus
capotes a maanta e fui deitar na colie-
ta. Assim permaneci a manhã toda.

Bastava sentar-me para o enjojo voltar.
O mar continuou impossível o dia todo.
Vi até marinheiros enjoarem. Os nossos
homens estão passando mal. Eu já es-
tava vomitando suco gástrico e biliar.

Darrei mal. O dia estava muito boni-
to, muito sol, o seu limpidos com
nuvens muito bonitas. Continuavamos na ple-
na litor, avistando cidades e vilas. Muito
cedo avistamos Livorno, entretanto, tivemos
que deslondar vasto campo de ruinas, o que não
tornou muito tempo. Livorno oferece apa-
rível aspecto. Belos edificios, arvores pela
rua e ao fundo, emoldurando o ceu.
ris as elevaçõz, com encrustaçõz de cores
brancas e o tracado das plantaçõz.
O quebra mar está bastante dani-

ficados. Chegamos em frente a Livorno
mais ou menos a duas horas, aliás, hora-
rio previsto, após percorrermos 300 milhas.
O mar estava muito agitado e o com-
boio parou fora do abrigo. O porto é
artificial. Nosso navio continua dan-
cando o mesmo acontecendo com os outros.
Fora do porto estão muito navios
americanos, fuz, tropa e material.
Em face da nossa situação da frente
de batalha, todo o esforço do transpor-
te aliado tem sido para Livorno.
Com as chuvas, as estradas, que ligam
a frente ao porto de Chapelle, mais am-
pla e menos perigosa, estão impraticá-
veis devido as destruições de guerra
nas obras de arte. Foi em do, uesti-
vos principais para a nossa via-
gem em barcas, em vez de serem
transportados via ferro e automovel.
Ao entrarmos no porto fomos divisan-
do, lentamente, o espetáculo que a guer-
ra assinalou. A entrada do porto es-
tava atiravancada com navios propo-
sitalmente afundados. O trabalho dos
americanos conseguiu furar uma brecha
para dar passagem aos seus navios, de
tamanho relativo. Para qualquer lado
que se olhe é só destruição e navios
afundados. A zona portuária está
residida por fabricas. Tudo se resume
em escombros e ferros retorcidos.
Os depósitos de combustível estão com-
pletamente estragados, e um deles
assemelha-se a uma caixa de fósfo-
ros na qual se deu um murro.
Parece que a luta em Livorno foi maior
que em Chapelle e, em consequen-
cia as destruições.
Somente iniciamos a entrada no porto
as 16,30. Estávamos enervados com
a demora e todos sofrendo a agui-
da dor. Quando começava a escu-

recer, estavam encantados. Vestia o cenário vi os meus companheiros Ste. Visti e Wapo que saíram do 11º R.T. para ingressarem no 6º R.T. Perguntei pelo humilhal e fui informado que está doente.

Recebemos a notícia de que não desembalaremos mais, hoje. Passaremos, pois, mais uma noite na histórica 552, cujos balancos serão recordados por todos, como momentos de verdadeira agonia. 21,45 estamos reunidos na sala de estar, recordando fatos passados, família, pátria e no meio muita prosa fiada. Tive que ler, aos meus companheiros algumas páginas do meu diário.

Declararam que ficaram satisfeitos e acharam interessante.

Às 10 horas da noite todos, obrigatoriamente, recolhem-se. Eu desejo dormir, descansar um pouco para refazer-me da "espega" do dia.

12 quinta-feira. Piza (anedores) Em um parque de sacadas real.

14 horas e 15 Acampamento Brasileiro.

Após uma noite regularmente dormida, desembalsamos em hivornio as 8,30 debaixo de forte chuva bastante fria. A estrada estava lamacenta em virtude da chuva e do intenso tráfego de caminhões. Marchamos, inicialmente, algumas centenas de metros até o local onde se encontravam as viaturas, que nos levariam ao acampamento, debaixo de forte chuva. Nesse instante comecei a ver B verdadeiros efeitos da guerra. Hivornio, na parte do porto e suas dependências foi teatro de tremendas lutas. Portos, estrada, fábrica, casas, pontes, condutores de eletricidade, fios telefônicos, tudo e resava o terreno da luta. Poste por poste telefônicos pendiam os fios cortados, tanto de lado direito como esquerdo. Barcas entulhavam um canal cujas paredes também estavam estragadas.

chados. A viagem de caminhões até o acampamento ofereceu uma visão grandiosa do flagelo. A destruição cam-
peou em cada recanto e quanto mais avançávamos maior ela se tor-
nava. A estrada de ferro hiberna a Piza resumia-se em trilhos apa-
lhados, em um leito cheio de crateras de bombas. Era as estações completa-
mente destruídas, a eletrificação total-
mente cortada, os postes arrancados com explosivos, lanços de trilhos arrancados com os dormentes, trilhos retorcidos e em cada encosta foi colocado um linguiço de destruição, pri-
meiros pontos a linha se abria e os trilhos estavam arrebatados.

Logoente a estrada de ferro é mui-
to, com duas destruições, de demorada observação. Minas e projéteis de artilharia estavam espalhados a
margem da estrada que percorriamos, aliás asfaltada tendo nas margens plan-
tações de pinheiros.

Passamos em varias praças, semi aban-
donadas; os terrenos muito planos prou-
reem fortuna. Não se notava atividade pessoal parecendo que tudo aquilo
estava envolto pela tristeza silen-
giosa que envolve a Italia. Por onde
passávamos sempre o mesmo espetáculo
da fome e da miséria. Crianças, moços
e velhos levantando os braços pedindo
comida. Todas as casas mostravam
sinais evidentes do combate, com maior
ou menor intensidade. Passamos por
muitos estabelecimentos de reaprovio-
namento e de material dos americanos
excluídos pelos bosques e munita-
res completamente expostos. Os america-
nos estão trabalhando febriamente na
reconstrução daquilo que é necessario
para a continuação da guerra.

como estadas de ferro, rodagem, um
talão, portuaria, etc.
Uma das visões mais assombrosas da
guerra foi do aeródromo existente entre
Livorno e Pisa e uma fábrica nas
suas proximidades. Além do monte
de pedaços de aviões, o aeródromo
em relação aos edifícios não era
mais do que um montão de ferro
retorcido e disformes. Os vastos au-
gers mais pareciam montes de ferro
velho e as demais instalações de
nada valiam. A pista foi reconstruída
pelos americanos e nela foram
vistas muitas aviões. A fábrica tam-
bém apresentava o mesmo desolador
aspecto. Maquinaria e paredes mis-
turavam-se em expressivo monte de
ruínas. As destruições, desse ponto,
em diante aumentaram conside-
ravelmente até que, entre elas,
pudemos divisar uma torre incli-
nada que chamou a nossa aten-
ção. Intuita, na sua grandiosidade
de permanência a celebre Torre de
Pisa. Parecia um sonho, mas encon-
trava-se em Pisa, cuja caracterís-
tica é a sua torre inclinada, que
tantas vezes admirei nos meus livros
e que, jamais esperava ver, em sua
verdadeira grandiosidade. Ao lado de
que se a catedral. Pisa sofreu muito
com a guerra e, pela parte
que atravessamos, vimos muitas des-
truições, e mais do que em qualquer
parte. Já na entrada da cidade diri-
mamos para a esquerda, tomando belissi-
ma estrada com lindos arcos, até
darmos ingresso no Real Parque de
Casade, onde se encontra o novo
acampamento. Recanto verdadeira-
mente maravilhoso, digno de mag-
nades reais, com os seus bosques

profundo, e o castelo imponente, apas-
sar das feridas, de guerra que ostenta
em vários ângulos.

Por onde passeiava a vaidade de
um Rei que não suble per Rei, adu-
lados pelos seus famulos, rodeado pelo
protetorismo estilístico, acampam
hoje as tropas de um país até a
pouco considerado com ~~quedas~~ respeito
pela nação da velha e soberba Eu-
ropa.

A grandiosa e soberba alameda de pinhei-
ros é trilhada pelos caminhões, e pela tro-
pa e, nos campos de relva, eleva-se o
acampamento. Vão naquilo enfiados
de homens, misturados com o ruído das ma-
quinas dos veículos o ócio de um tro-
ço que não suble ser o verdadeiro guar-
da e guia do seu povo.

Dentro da minha barraca encontrei um
estilhaço de granada que guardarei como
recordação.

Durante a tarde assistimos a passagem,
sobre o acampamento de duas grandes
esquadrilhas de bombardeiros americanos.

Não assistimos o deslumbrante
espetáculo de uma barragem anti aérea
em fivros. Apesar da distância que
nos separa de fivros, via-se perfeitamente
os projéteis na sua trajetória
e depois o estrepitoso explosão da gra-
nada, que mais se parecia com uma
tempestade que rugia distante.

Aquilo que assistíamos, tornou-se
fivros, hoje na realidade.

As instalações da tropa são identi-
cas a de um acampamento brasileiro.
As refeições são muito boas. Mais de
10.000 brasileiros estão concentrados no
parque, aliando-se uma ao lado
das outras, as Cias. B, C, etc.

O movimento é intenso, são mi-
lhões de homens com os seus res-

viciados, pestíferos, e numa pequena área. Os bosques em volta do acampamento estão rodeados por campos de minas, que constituem o terror e o maior perigo a qualquer pessoa. Uma delas foi encontrada em pleno acampamento, tendo a providência determinado o seu canal exato, precisamente onde peria a passagem dos soldados.

As notícias que recebi sobre o humível e as mais desventuradas.

Aproveitei o dia para descansar pois, ainda estava com a sensação de balanço da barca.

13 - sexta-feira. - O dia amanheceu belo. O ar puro e ligeiramente frio fazia-nos lembrar o clima do Paraná. Depois de muitos dias ouvi novamente o canto de passaros. Ao fundo do acampamento ve-se os Alpesinos, teatro das grandes batalhas para conquista da linha Gótica e que é o nosso destino. O sol batia em cheio nas dobras da montanha, deslizando-as de um verde-limão alaranjado.

Escrevi, durante grande parte do dia, aos parentes e amigos do Brasil. Lentamente iniciamos os trabalhos na Companhia com referência a organização. As praças estão em folga, descansando da viagem. Tive o grande prazer de abraçar o Meirinho, Meirinho e o Cap. Ventura, o primeiro dado como morto e o segundo gravemente ferido, conforme as notícias que chegaram ao Brasil. Pelo acampamento aparecem muitos italianos, crianças, mulheres, homens e velhos, procuram de comida, roupa para lavar, cigarros. O coração quebras do brasileiro a todos atende, sendo que alguns perdulários e inconscientes rodeiam as mulheres com intensos meus respeitos. Comei ontem uma boa cerveja americana que é vendida no acampamento. E todas as crianças que aparecem

procura dar qualquer coisa para comerem. Quando estavam no meio, quasi ninguém comia o "Flaks" de maneira que trouxe muitas caixas. E' uma alimentaçao sadia e boa para crianças.

Ha dias que não tenho lido "A morte não se repara". Esta leitura da leitura por o livro sempre me traz viva a lembrança da minha esposa e filhos, finalmente da minha familia.

Hoje, hoje, noticias do horriovel, que se encontra em um hospital de feridos, ferido em consequencia de acidente automobilistico. O Ten. Sabendo me propoz a dar essa informaçao.

Conversei com o machuca que esteve em vista ao meu acampamento.

Encontrei o meu cunhado que veio com o 9^o B. E.

Meus amigos. O frio não nos deixa dormir a vontade e as camadas incomodadas, tambem cooperam para isso. Estão muito resfriados e durante a noite sempre vão passar bem.

O dia todo foi tomado com as atividades da companhia. Já trabalhamos muito, tomando varias providencias, e fomos forçados a transferir nosso abastecimento dentro da area do Btl. Embora a necessidade dentro do acampamento. Somente os italianos que por ele perambulam em busca de comida, cigarros ou roupa para lavar. Hamurientos contam a tragedia que estão passando, re-simulando Mussolini, outros Victor Emmanuel e outros, ainda, outros.

Falam sobre a passagem dos "tedescos" como denominam os soldados alemães, desertados. Tem um parente preso, dos aliados ou alemães, morto ou em paradeiro desconhecido. Outros estão separados da familia, da

quais não possuem notícia.

Durante a noite realicei um passeio com o Silva pela vasta alameda do parque, muito escura, pela falta de iluminação e cheia de soldados. Às 10 horas da tarde e ao amanhecer, como os verdadeiramente atormentados com os penelouços.

15 - Domingo. O segundo domingo que passo na Itália e o quarto longe dos meus. O dia amanheceu muito frio, entretanto belíssimo. Muitos planos havia feito para hoje, entretanto não foi possível realizá-los. Meu maior desejo era visitar o tourival no hospital em Livorno. Fui pela manhã a Livorno, afim de auxiliar o transporte da bagagem do Btl. Mas, uma vez apreciei o tráfego, agradável si não fossem as destruições. Vivemos um pequeno incidente com o comboio, tendo sido ferido o motorista de um dos carrinhos, bem como os passageiros tornaram-se forte polvancos.

O que nos esperava em Livorno não era a bagagem do Btl. mas sim um grande mistério da Bagagem da expedição. Senti frio, e o nosso almoço foi pobre. Do estabelecimento de intendência via-se o mar, sempre agitado. No céu uma grande quantidade de "bêlups". Em frente a intendência notava-se grande movimento; passavam veículos dos mais variados tipos e fabricações; soldados de quase todas as partes do mundo, até indus e marroquinos.

Vi um grande hospital e uma Academia antigamente denominada Constante Ciano, hoje o lounge que formavam esse edifício foram arruinados, e as fachadas estão os furos dos para-fusos que seguravam o nome daquele que foi uma das causas do desastre.

tre italiano.

Os títulos de curiosidade retirei alguns nomes de ruas pelas quais passei: Largo S. Jacopo, Pia. Za Roma - Via Giosuè Mauri - Via Vittorio Alfieri - Ipolito Nievo.

Pelas praças que passei, observei poucos trato e elas não são artísticas.

Na saída de Livorno encontrei-se um autêntico cemitério de veículos, taulas e caubões.

Aí vi o maior caubão, até hoje. Verdadeiro gigante da morte, montado sobre um vagão auto-movel.

O Correio e Telegrafo de Livorno está marcado com os destruições. Do seu bellissimo "luminoso" restam somente pedaços e a ameaça de fano.

16. Segunda-feira. Durante a madrugada os caubões andavam ao longe a voz roca dos caubões que trazavam a distância. Sobre o nosso acampamento rugiam os motores dos aviões, em sinistral e a guerra que se aproxima, lentamente. O frio continua nos incomodando de noite, bem como a respiração.

A tarde fui visitar a cidade de Pisa, celebre por suas construções históricas, monumentos raros de arte antiga. Cidade antiga, tem suas ruas sinuosas, com calçamentos, em geral, feitos de grandes pedras. Possui linha de bondes, porém destruídos pela guerra. Presentemente não tem luz nem água encanada o que está sendo restabelecido.

As comunicações ferroviárias também estão cortadas. Instalam-se em suas ruas, os autômatos "tróleys" como meio de transporte de passageiros, de emergência. O comércio é acalorado. Quasi todos os estabelecimentos estão com as portas fechadas. Unicamente os vendedores de "lembranças" de Pisa estão ativos. Pessoa de todas as idades trocam ou vendem fotografias, isso em grande número e em todas as peças. O dinheiro vale mais do que o dinheiro.

Crianças pedem "cigarras" para meu "papá".
Muitos pedinte, implorando esmola. Meu
aleijado, alias o primeiro que vi, pediu-me
comida. Não tinha, ofereci cigarro. Aceitou
dizendo: já que não se "manja" fuma-se.
Hoje sou eu para chegar ao angel. Vi um
academico de Direito, rapaz aparentemente
distinguido, muito bem vestido, cursando o
4º ano, em plena pescaria, afim de conseguir
comida. Ele me contou o que passaram
e estão passando. O grande problema é o
da comida. As pessoas estão bem vestidas,
mas sem comer. Meu ex-marechal italiano
pedalava, entre o povo, numa velha bici-
cleta, ostentando seu uniforme. Em todos
os recantos observam-se os prurposos e varia-
dos uniformes daquilo que foi o exercito
italiano, alguns ainda bem conservados.
Oficiais e praças vestem os, como si fosse
uma roupa comum, sem ao menos re-
tirarem as insinias de arma e posto.
Pequena parte do exercito está dando servi-
ço de policia nas cidades e estradas.
Encontrei um cidadão que viveu em S.
Paulo durante 24 anos e que voltou para
a Italia. Está desilado e passando pri-
vação. Recebem-no com "Viva o Brasil"
dando-se a reconhecer com o seu "porte-
quês" italianizado. Mostrou-me e as lojas
onde podiamos comprar vinhos, alias
bem inferiores. Pagamos 15 liras (34000)
pelo quilo. Tivei um copo de vinho
que um sargento nos ofereceu, tambem
de qualidade má; além de novo, pare-
ce que não é puro. ^{alguns} ~~os~~ italianos es-
tão aproveitando a situação para
fazerem negocios pouco escrupulosos
com vinhos, impingindo aos soldados
verdadeiras drogas venenosas, com
efeitos desastrosos para os incautos.
Contam-se de casos de sequelas
e graves doenças. Estes vinhos são feitos
com alcool metilico.

Entre as construções históricas, que vi em Pisa contos:

1.ª) As ruínas das termas onde Nero tomava banhos nas suas estações de água em Pisa. Uma vistosa placa de mármore descreve, em latim, o que representam as ruínas.

2.ª) A maior sensação foi o meu ingresso na famosa torre de "Pisa". Jamais, pensei poder pisar naquelas escadarias, que levam ao alto de um dos mais famosos monumentos da arquitetura. As pedras das paredes estão lisas e brilhantes de tanto os visitantes esbarrarem nelas. A subida é íngreme e causativa; o corredor escuro e estreito. Mal podem passar duas pessoas em sentido contrário. O ingresso é mediante o pagamento de 5 liras (1 cruzeiro). O interior da torre é despido e desinteressante.

No penúltimo pavimento estão 5 grandes pilares, num dos quais vi a seguinte inscrição: *Innum Hoc Des Des Que addictus ciccolao Cortello*
redituro A-D-M-DCVI.

Éo último andar sobe-se com dificuldade. Dêle tem-se o panorama total de Pisa e da vasta planície que a circunda. Toda a grandiosidade histórica da cidade é vista da torre, com grande facilidade.

A oeste o rio Arno e varios outros rios, cortando pequenas propriedades, e com o curso interrompido com a destruição das pontes.

Da torre de Pisa podemos ver, também, o que foi a guerra nesta cidade com os braboos, que as casas e os seus telhados ostentam.

A torre está construída numa praça, limitada pelas ruínas de um velho castelo, pelo hospital e pelo muro da fortaleza do antigo castelo. A praça encerra também a Faculdade de medicina,

a catedral, o batistério, Campo Santo (o Monumental e casas residenciais em pequeno numero, destacando-se a que é ocupada pelo padre. A torre de Pisa é propriedade do Vaticano.

As construções historicas dessa praça são todas, vasadas em mármore.

3) A catedral é outra construção grandiosa que ocupa a praça. Não me foi possível visitá-la internamente, entretanto descreverei o que vi por fora.

Sua construção representa uma grande cruz, destacando-se a gigantesca torre circular, embora baixa.

Toda construída em mármore, apresenta belíssimas colunas, destacadamente as da frente que são trabalhadas artisticamente.

A porta principal e as duas outras, todas da frente são de bronze com esculturas em relevo representando as cenas da Paixão e morte de Jesus Cristo. A perfeição do trabalho é impossível de descrever-se, é sobretudo pomposo, e as figuras, apesar do tamanho pequeno, são perfeitas, si pudermos dizer que existe alguma coisa humana perfeita. Na porta principal existe uma lagartixa-gasta e reluzente que tem sua lenda.

Um velho chamou a nossa atenção dizendo que aqueles que ali tocassem teriam "boa sorte". Não me contive e fui tocá-la para ficar como está, é necessario que milhares de pessoas toquem no bronze, pois parece que foi polido.

Sob a porta há a seguinte inscrição:

4) Hoc opus eximium Tanicritum Prati orem

Visitei em seguida o Campo Santo Monumental, cemitério construído nos anos 1.100 de 1.200. Evoca o passado de Pisa com os seus túmulos antigos e de formato estranho. Está com o teto completamente destruído e bastante danificado em consequencia da guerra. Conversei com um dos encarregados em

encarregado da reconstrução. Discreto que o teto era construído com uma composição de chumbo e, em virtude do bombardeio, fundiu-se e despenhou-se, colando as imagens e os tímpanos. As paredes estão revestidas de pinturas, todas bastante danificadas. À esquerda da entrada está o busto de Brutus, e a direita de Hadria, ambos imperadores romanos.

5º) O último monumento que se encontra na praça é o Batistério. Circular e alto, completa aquela bigia arquitetônica de linhas grandiosas e enojadas, talhada no mármore, mas mármore. Exteriormente apresenta uma série de colunas e varia, imagens, todas sensivelmente gastas pelo tempo. A porta principal está protegida com um alarço de tijolos, possivelmente para resguardar qualquer valor artístico. No seu interior, simples, mas grandioso, resalta logo os trabalhos em relevo, e o soalho.

O soalho está entre sacos de areia, não sendo possível ver o. O soalho é todo de mosaicos coloridos, em mistura com o mármore. O local onde são realizados os batismos, e que ocupa o centro, nota-se a importância artística do conjunto, todo lavrado em mármore com rosáceas maravilhosas. A estatura em bronze de S. João Batista domina o ambiente. O altar ostentava modesta cruz, mas, como o local dos batismos, é todo de mármore com rosáceas. Nas janelas vê-se belos conjuntos de vidros com cenas bíblicas.

Chamou-nos a atenção dois grandes mármore, com esculturas em relevo, porém quasi gastas e que são periclitadas com dificuldade. No velho hospital nota-se um antigo relógio com um único ponteiro, igual a um que vi em Tiradentes, em S. João D'El Rei.

Como lembrança desse paesei trouxe dois
pedaços de madeira do Cemitério (Campo
Santo Monumental). Espero que tenha a
felicidade de levá-los ao Brasil e terem o
fim que desejo eles dar.

Deixei de comprar bellissima agurela
da torre de Pisa por não ter dinheiro.
Dar e nem possibilidades de enviá-la
ao Brasil. Custava apenas 60 cruzeiros.

Foi essa a minha tarde de segunda
feira. Espirei-a bem, entretanto, as
pessoas daqui, recanto, sentia estar
só e, com saudades, lembrava-me da
minha esposa, dos meus pais, dos meus
filhos que tornavam bem mais grato
e alegre, aqueles momentos.

Fivei que voltar a pé de Pisa ao acam-
pamento, percorrendo 6 quilômetros.
^{Recalamos a visita do Sr. ministro Gaspar Dutra e}
^{do general U. S. S. Cronmer.}
1/2 para feira. Cevante o roncar im-

pertinente dos aviões, e a
troar dos canhões, vieram perturbar
e nosso sono. É bem possível que os
almoços já estejam rondando o nosso
acampamento...

Meus companheiros foram a busca
fizer questão de ficar, pois estão com mu-
tas saudades de todos de casa e
ficando só estão mais a solidão.

O dia todo foi de recordação e o meu
coração pulsou ancioso pelos meus ente-
queridos. Escrevi muitas cartas aos
pais, e amigos, e vezes instantes
o meu pensamento estava sempre
voltado para o Brasil.

Neste acampamento, com a graça
de Deus, não se pensa em guerra, a não
ser quando se ouve os tiros de canhões e
o ruído dos aviões. Temos uma grata ilu-
ção que estamos num acampamento em
terra do Brasil e, com as possibili-
dades de um breve voltarmos ao lar
idolatrado.

Recebi a minha bagagem, em casa uma
seu brava a minha esposa, pois ajudou
a arrumar a roupa e proporcionar tudo
para o meu bem estar. Hoje sinto a
satisfação em ver e lembrar tudo
isso. Chegou o transeiro que estava fazendo grande falta.

Tem chorido quasi todos os dias,
hoje, principalmente, caiu forte, pouca
da.

18 - Quarta-feira. A manhã de hoje foi to-
mada com o perigo da Gila.

A tarde voltei a visitar Piza, com o
intuito de passar pela local, onde ainda
nao estive. Fui a casa do Sr. Vitorio,
aquele italiano que viveu muitos anos
em S. Paulo. Acompanhou-me o tenente
Saragosa. A casa de apartamentos
é modestissima e visivelmente mal
cuidada. Apesar de ter muitos anda-
res nao possui elevadores.

A presença de oficiais brasileiros cau-
sou curiosidade e varias pessoas
foram conversar conosco.

Hevi cigarros que foi aceita por to-
dos inclusive mulheres e moças.
Ofereci doces, que foram recebidos com
avidez inchnivel. Minha velha colocou
um na boca, parece que ficou abuci-
rada quando sentiu a sensaçao do doce,
colocou outro na boca e logo em segui-
da o terceiro. Nao sabia como devo-
ral-os, se os mastigava ou chupava.

Do sr. Vitorio levei uma pouca de comida
e deu-me uma caixa com doces quasi
cheia e uma carteira de cigarros, pe-
dindo que apartisse com todos. Ele
entistado, foi quando imediatamente,
sem antes beber aos demais.
Ofereceu-me um copo de vinho que,
como o tomado anteriormente, nao era bom.

Todos os presentes, estavam sob a
amarra da fome, todos reclamavam

o forquido feijão.

Saiamos. Dirigimo-nos para o centro comercial. Toda a casa, com o espírito de destruição, poucos estabelecimentos abertos e numa casa com letreiros de vendedor de frutas, poucos encontram tamancos, em um restaurante vendem-se antiguidades, bem poucos estabelecimentos continuam com o antigo ramo de negócio. Muitas casas alugam bicicleta.

Entramos em uma livraria onde comprei algumas imagens de santos em gravura. Não comprei outras coisas, por falta de dinheiro, mas da não recebemos os vencimentos do mês de setembro.

Pela rua vimos extensa destruição, cujo desatulho estava sendo feito. Em uma confeitaria alguns elegantes tomavam refresco.

Fomos até a Piazza de Cavalieri, alias, um local que insistentemente desejava visitar. Este local é grandioso pelas recordações históricas. De forma circular, ostenta prédios antigos e recordando o passado de Pisa. Uma estatua de bronze de Ulisse Dini, grande matemático italiano está na entrada da praça. Outros monumentos que se encontram nessa Piazza é o de Cosmo de Medicis, toda em mármore. Um chafariz fornece água a população, bem na frente da estatua de Medicis.

O Edifício da Escola Normal é soberbo, apesar de antigo. Com pinturas a óleo, em toda a parte externa, apresenta a exuberância da arte arquitetônica antiga.

A esquerda, encontra-se uma torre, tendo um arco que proporciona passagem.

Esta torre tem sua história, relembra-da pelos dizeres em uma placa de mármore:

Qui sorgeva la torre dei Gualandi
la tragica morte del Conte
Ugolino Della Cherardesca
le diede il titolo della fame e suscitò

nel divino Alighieri lo pdeguo ed il
canto onde il ricordo del misero
casi si eterna.

Esta torre tem o mesmo estilo da Escola
normal, heur como outros edificios da
cidade, todos com "frescos de 1800" eter-
namente.

Dirigi-me a catedral. O templo princi-
pal de Pisa e verdadeiramente estonteante.
Nao se pode dizer si aquilo e mais um
templo de Cristo ou um museu. Hateri
a falta do peepito que se deve dar a
esse local e a impressao que tive dos
visitantes, e que somente a arte o intere-
sava.

Senti-me pequeno ante a grandio-
sidade do templo, da riqueza artistica
que encerra em todos os seus recantos.
A ella estao ligados nomes que se imorta-
lizaram no diversos ramos da arte e
tudo o que encerra requer hora, para
uma visita mais aproveitavel.

Os poucos minutos que disponha pa-
ra a visita, foram pouco. Suficiente
para despertar o meu interesse e o
desejo de voltar o mais breve possivel
para uma visita demorada e meticulo-
sa. Deixo para escrever sobre a
catedral apoi a proxima visita, ape-
sar de ja ter iniciado a antologia.
Com algumas cantanhas amadas, em
Pisa, muito bto.

Citei o fitio dos sapatos da uirga que e
uma pla de cortica e uma tira de
couro em paos para prender o pé, seu-
do muitas vezes com a simples forma de
um tamanco.

As ruas e cidades estavam cheias
de crianas, algumas muito lindas.
Uma menina com o nome de Lucia
pelia atrair-me, particularmente
a atencao pela sua beleza e apre-
ci. He uma doce e gentilmente

tar, em Livorno, o hospital. Foi um dos momentos mais sensacionais, questionando-o, apesar de ferido, por um projecto, na penma escura. Foi-me possível, depois de tantos dias, concretizar o desejo de ver o meu irmão, de quem tinha as maiores peccias. Outros brasileiros encontravam-se no hospital 64, todos descontentes com o tratamento de desintresse que estão recebendo.

Em seguida fomos percorrer Livorno, cidade que já fiz referências neste diário. Hoje penetrando mais profundamente em seus recantos, a impressão que tive foi mais desoladora. Altingimos a area central e, antigamente comercial, onde o peso dos boulevardeiros foi mais forte. O espectáculo é indescritivel. Abada escorreu, mesmo as varias igrejas, que estão totalmente atingidas. Livorno é uma cidade semi-abandonada. Aqui e ali alguma pessoa, remanescente das mudancas e restos de casas comerciais. Tudo está morto e silencioso. Uma casa partida ao meio e lá os altos, uma pama querendo cair. Artigos domesticos pendurados nas ruínas. Montes de escombros atulham as ruas. Livorno é bem uma fotografia da guerra. Vi algumas estatuas, entre elas a de Cavour, toda em ruínas. As praças mais pequenas chacaras em ruínas, e abandonadas.

Durante o dia, foram observados dois objetos sulcando o espaço, a grande altura e deixando um rasto de fumaça. Sabemos que eram aviões estratosféricos, alemães. A fumaça era a condensação dos gases, na estratosfera. Aquella fumaça foi um facto interessante por todos discutido, alguns dando o palpite que eram bombas voadoras.

20 - Sexta-feira. O nosso acampamento foi hoje abençoado com a anunciada visita de S. Excia. O general Mark Clark, comandante do 5º Exército e em consequência, nosso comandante supremo.

As 13 horas, todas as tropas que chegaram ultimamente do Brasil, em um total de 10.200, alincharam-se na grande alameda de S. Honoré. S. Excia. passou revista na tropa, acompanhado de seu estado maior e altas patentes brasileiras.

Diremos uma grata impressão do chefe; novo, altivo e simpático, inspira confiança absoluta.

Voltar a visitar o bairrinhal que está passando bem.

O nosso acampamento foi rodeado de defesas anti-aéreas. Temos a impressão de que estão tendo uma incursão alemã.

Na viagem que fiz a Livorno observei o retorno das populações os seus bens, trazendo em carrinhos, bicicletas e na costa, tudo aquilo que conseguiram salvar, durante os dias tormentosos. Todos procuravam refugio nas montanhas. As crianças, pequenas, geralmente estão sobre o veículo, enquanto os mais velhos, além de serem carregados, ~~se~~ empurram.

Eventualmente, tive a impressão de que é a mesma tragédia que se assiste no norte do País, durante os grandes secos, é o mesmo fenômeno das retiradas, vindos, furos, somente que o agente provocador é outro.

21 - Sábado - Por uma gentileza do Senhor Viti fui hoje visitar Florença, uma das grandes cidades italianas. As nove horas da manhã, saíamos do acampamento com outros oficiais. Após passarmos o rio Arno, em Pisa, tomamos a esquerda afim de alcançar a auto-estrada

que nos conduzia ao grande centro.
Five a oportunidade de conhecer mais
uma parte de Pisa, onde se verificou
o peso das destruições, durante os ataques.
Sabe-se que em 10 minutos de ataca-
que aereo sobre Pisa, morreram mais
de 5.000 pessoas, por ai podemos fazer
um calculo do peso do bombardeio que
atingiu de preferencia o logar por onde
passa e que é a margem do rio.
A entrada Pisa - Florença é toda
asfaltada e geralmente arborizada, entre-
tanto um pouco estreita. Está suprimida
do um peso excessivo de viaturas, que
contem neste percurso e que se contam
as centenas, tornando perigosos o percurso.
Todo o trajeto é feito, em geral, entre casas
e algumas aldeias. Pisa e Florença,
praticamente são ligadas por uma rua,
tal é a densidade da população mar-
ginal, a estatura. Se grandes plantações,
geralmente de hortaliça, e legumes,
além dos painéis que são
infalíveis. O terreno é geralmente
plano e grande, retas, são famili-
tadas. A quessa acompanhada
a rota Pisa - Florença, em todos
os recantos. Temos a impressão de
lados das destruições, da falta
de agua e luz. A entrada de
Pisa foi completamente desol-
pada, nenhuma ponte foi pon-
pada e milhares de italianos fi-
caram sem lar. Sempre o mesmo
na hora da volta para casa, com
os ultimos haveres e, em outros casos,
o rebuscamento das ruínas, para
delas tirarem algo que se aproveita ou
quando não, o resto de um ente
querido. Em toda a Italia sempre
o mesmo desolador cenário; até a
natureza parece compartilhar da tristeza.

Entretanto, ao lado da destruição, da ⁷⁰ tragédia e da miséria, começa a palpitar a alma laboriosa do povo. O sol há uma ruína também há o trabalho. Parece que o povo italiano não esmoreceu e sim aumentou o seu esforço, na ansia incansável de levantar, novamente, a terra que eles deu a nacionalidade. Por isso trabalha na razão direta da tragédia que o envolveu. De sol a sol, sem distinção de idade ou sexo, lançou-se ao labor, procurando recuperar tudo o que a guerra levou.

A árvore pulsa o solo, lentamente trazendo para dois bem tratados bois, mais além desmontam os primeiros sinais da vida vegetal, depois já se vê exuberantes frutos.

É o ritmo da vida, pela qual lutam agora os filhos da Terra da Itália.

De Pisa a Florença, de Pisa a Livorno sempre a mesma coisa, muito trabalho.

É o povo da Itália, com ele vencerá, e com as graças de Deus será feliz.

A miséria, as artes em geral serão o seu apauzamento e, a luz que dela sempre irradiou, voltará a luzir, como um convidativo ao céu a Humanidade para receber seus grandiosos e benéficos raios.

A terra de Dante, de Vinci, de Miguel An- gelo, não pode e jamais deve ser vencida. Pelo desespero e pelo desanimo.

Por isso, seu povo luta, luta e há de vencer, porque abençoado será a sua provação e o suor da experiência.

Classe viatura rola pela estrada. Passamos Cascina, Pontedera, S. Miniato, Empoli, Montelupo, Lustra e finalmente Florença, perfazendo um total de 100 quilómetros. Os arredores de Florença constituem uma grande horta. As destruições diminuem ao aproximar-

de da cidade. As pontes, porém, es-
tão todas destruídas, com excepção da
Ponte Vecchia. Somente alguns vesti-
gios de foulate e encanamentos,
mas se ve casas destruídas.

Florença é antes de tudo um museu,
cada casa do seu centro parece evocar
uma página histórica. Em
grande numero destruídas, de pedra
dão um apêto. As ruas es-
treitas e pitorescas. Cidade antiga,
encena em si toda a evolução pas-
sada, através dos seus palácios, museus,
e edifícios.

Parando na praça del Duomo, centro
da cidade. A vida comercial da
cidade é ainda, ativa. Operam de
noturnos o esgotamento de antigos.
Quasi toda, as casas estão com
pequenos baldos.

A catedral e o batistério, chamam
logo a atenção do visitante.

O batistério, também chamado igre-
ja de S. Giovanni é todo de mármore.
Sua parte interna está com prote-
ção contra a guerra. Na entrada possui
dois sarcófagos, que datam do ano 1288.

A catedral, ou igreja de S. Maria del
Fiore constitui um grandioso contraste en-
tre o seu exterior e o interior. A parte
externa é um verdadeiro monumento de
arte oriental, com suas pesadas portas
de bronze onde estão gravados fatos
biblicos. O interior é grandioso mas
de uma simplicidade chocante.

A nave da igreja é de tamanho colos-
sal mas despidida de altares, quadros
ou esculturas, que tornassem mais
vivo o ambiente. O altar está rodeado
por uma protecção de mármore e é sim-
ples. Unicamente Jesus Cristo crucificado
em tamanho natural encontra-se nele.
A igreja tem o formato, interno, de uma

crúz e o altar não está no centro e
sob a cúpula. Os fundos e a esquer-
da e direita existem altares, todos sim-
ples. A cúpula, com a sua pintura,
foi a peça que mais me chamou a
atenção.

As igrejas da Itália não possuem a
mesma monumentalidade das brasileiras,
que, geralmente, são tomadas por
muitos altares e imagens.

Observei aqui que não possuem nem
a via sacra, mas sim e apenas
quadros a descrever as passagens da
história cristã.

A Catedral de Floren-
ça expõe a escultura dos Apo-
stolos e dois bustos. Poucos quadros
existem no seu interior. Não sei
se foram retirados pelo motivo da
guerra. Disseram-me, porém, que é
uma igreja que prima pela sim-
plicidade. Não existem bancos.

Na parede interna, da frente, está
um antigo e monumental relógio com
um único ponteiro. Na igreja de
Pisa foram em São Maria del Fiore, o órgão
e o coro estão colocados ao lado do
altar, não e sua cima.

Grandes artistas trabalharam nos vários
adornos da igreja.

Do lado direito da igreja e separado
foi construído ateneu, que é um belo
monumento todo em mármore.

A visita mais importante que fiz foi
ao Palazzo Vecchio, grandioso monumen-
to de arte antiga, museu atualmente,
onde se verificaram importantes aconte-
cimentos políticos acentuados de amor e
que muitas vezes decidiram o destino
de Toscana e da própria Itália.

Conheci ainda a Ponte Vecchio, Palazzo
Davanzati, Palazzo dell'Arte della
Lana, Palazzo Feroni e Colonna di
Piazza S. Trinità, Basilica de S.

torre e Monumento de Giovanni delle
Bande Nere, Palazzo de Podesta, loggia
Bell' Oragna, Fonte de Captivo, Gal-
ria Oficial, Palazzo Strozzi, etc.
Varios monumentos estao protegidos
ou entao foram retirados do seu loga-
r por motivo da guerra.
Vi diversas exposicoes de escultu-
ras em mármore, todas belissimas.
No Palazzo Vecchio existem pintores
copiando quadros, que vendem aos tu-
ristas, bem como senhores especialistas
em miniaturas a oleo. Estas minia-
turas sao verdadeiras obras de arte.
Almoçamos em um restaurante
americano, que atende as forcas ali-
adas (Sofisticadas). Pagamos 50 liras, por
pessoa e uma boa garrafa de vinho
por 90 liras. Como recordacao desse almo-
ço fica anexado o pedaço de barbaute que
era o rotulo de Seguranca da garrafa
do Chianti.
Estive nas margens do rio, que
começa barbaute, e ao seu lado
de escombros das antigas pontes.
Florenca e um centro para onde con-
vergem soldados de todas as forcas,
que lutam na Italia contra o eixo.
Tem o aspeto lisano dos variados
uniformes. Os indios geralmente usam
vestidos, quasi maltrapilhos, o ame-
ricano e o ingles com o ar do ven-
cedor; o brasileiro furioso; o polaco, inglo-
savo, canadense, etc.
Voltamos a noite, chegamos com chur-
ra e cansados. O passeio valeu o cansa-
ço porque depois de trinta dias viamos
finalmente uma cidade, sem destruicao e onde o povo nao
estava faminto, mendigando a todo custo.
Florenca conserva, ainda, o esplendor
antigo, com a diferenca que faz parte
de um pais vencido.

22. domingo. Foi o patrocínio do nosso Regimento, foi usada, na catedral de Pisa, uma grandiosa missa cantada. Presidida pelos sacerdotes expedicionários e com o concurso de padres da localidade, revestiu-se de brilhantismo invulgar. A impolgarada magestade do templo histórico, a harmonia do grande coro orfônico, emprestaram a solemnidade uma tonalidade arrebatadora que a todos empolgou. Centenas de brasileiros, abriram um precedente nos acontecimentos da Europa, com exclusão, provavelmente, de Portugal, mandando rezar uma missa, por ⁵⁶ padres brasileiros, sendo o pregador tal e qual um sacerdote brasileiro e com ⁴ grande assistência de brasileiros. Frei Orlando, na sua predica, evocou a nossa patria distante e a nossa familia tendo de maneira soberba, ~~se~~ debruçando do ^{da} missa de orador.

A Santa Missa terminou ao som do Hino Nacional Brasileiro, entoados com estentor pela multidão de soldados e me pela primeira vez rebou sobre as abóbodas de uma igreja europea.

Todos nós saímos sensibilizados e profundamente impressionados com a solemnidade que assistimos.

Após, em poucos minutos, demos uma volta na praça da igreja, carregando a imagem de N. S. Aparecida, padroeira nossa, passando pela base da Torre inclinada e terminando no Batistério.

São agora, precisamente, 15 horas e 45 minutos. Na solidão do acampamento, semi-ereto, na minha barraca, ao ouvir do pingor da chuva, escrevo mais esta pagina que, como toda, as outras deste diário são feitas, debaixo da incensa saudade do meu, entre,

torre e Monumento de Giovanni delle
Bande Nere, Palazzo de Podestà, loggia
Bell' Orsagna, Fonte de Apertino, Gale-
ria Oficial, Palazzo Strozzi, etc.
Vários monumentos estão protegidos
ou então foram retirados do seu loge-
ar por motivo da guerra.
Vi diversas espécies de escultu-
ras em marfins, todas belíssimas.
No Palazzo Vecchio existem pintores
copiando quadros, que vendem aos tou-
ristas, bem como senhoras especialistas
em miniaturas a oleo. Estas minia-
turas são verdadeiras obras de arte.
Almoçamos em um restaurante
americano, que atende as forças ali-
adas (só oficiais). Pagamos 50 liras por
pessoa e uma boa garrafa de vinho
por 90 liras. Como recordação desse mo-
mento fica amarrado o pedaço de barbaute
era o rotulo de identificação da garrafa
do Chianti.
Estive nas margens do rio, que
com barcos, está no seu leito cheio
de escombros das antigas pontes.
Florença é um centro para onde con-
vergem soldados de todas as forças
que lutam na Italia contra o eixo.
Tem o aspeto lisano dos variados
uniformes. Os indios geralmente usam
vestidos quasi maltrapilhos; o ame-
ricano e o inglês com o ar de ven-
cedor; o brasileiro furioso; o polonês, im-
placável, cansado, etc.
Voltamos a noite, chegamos com chuva
e cansados. O passeio valeu a cause-
la porque depois de trinta dias viamos
finalmente uma cidade, com aspeto de
cidade sem destruição e onde o povo não
estava faminto, mendigando a todo custo.
Florença conserva, ainda, o esplendor
antigo, com a diferença que faz parte
de um país vencido.

22. domingos. Sob o patrocínio do nosso Regimento, foi usada, na catedral de Pisa, uma grandiosa missa cantada. Presidida pelos sacerdotes, expedicionários e com o concurso de padres da localidade, revestiu-se de brilhantismo invulgar. A impolgarada magestade do templo histórico, a harmonia do grande coro orfônico, emprestaram a solenidade uma formalidade arrebatadora que a todos enupolgou. Centenas de brasileiros, abriram um precedente nos acatamentos da Europa, com exclusão, possivelmente, de Portugal, mandando vestir uma missa, por padres brasileiros, sendo o pregador também um sacerdote brasileiro o com tão grande assistência de brasileiros. Frei Orlando, na sua predica, evocou a nossa Pátria distante e a nossa família, tendo, de maneira soberba, a circunstância do. da missa de orador.

A Santa Missa terminou ao som do Hino Nacional Brasileiro, entoados com entusiasmo pela multidão de soldados e que pela primeira vez rebou sob as abóbodas, de uma igreja européia.

Todos nós saímos sensibilizados e profundamente impressionados com a solenidade que assistimos.

Após, em poucos minutos, demos uma volta na praça da igreja, carregando a imagem de N. S. Aparecida, padroeira nossa, passando pela base da Torre inclinada e terminando no Batistério.

São agora, precisamente, 15 horas e 45 minutos. Na solidão do acampamento, semi-deserto, na minha barraca, ao ouvir dos pingos da chuva, escrevo mais esta página que, como toda, as outras desta diáscia, são feitas, debaixo da inversa saudade do meu, este,

queridos. Ainda não me foi possível acor-
tumar com a separação. Em cada crise que surge em minha frente, vejo a fisionomia
dos meus filhinhos. Cada coisa que vejo
traz a recordação da minha esposa.

Finalmente, meus pais, meus irmãos
e meus filhos. Tudo me trazem uma
saudosa evocação e uma vontade lou-
ca de retornar.

É bem possível que ainda sejam
reiniciadas em sua plenitude as nossas
atividades de preparação belica e, com
elas o encurtamento do tempo que dis-
ponho para rabiscar minhas notas.
Ainda hoje vou escrever cartas, muita
correspondência em tempo para enviar.
Espero de ser domingo não sei do
decompartimento a não ser para ir a mis-
sa. Vou escrever para os meus, afir-
mando que eles possam ter a satisfa-
ção das minhas notícias.

23 - segunda-feira. O dia foi monótono, dentro
do nosso grande acampamento, nin-
guém saiu, pois os parciais estão gran-
demente suspensos. Meu almoço de ins-
talação foi enfiado e o primeiro pro-
grama de trabalho veioomar a nos-
sa barraca. O dia passou com as
pequenas fôrças da companhia que de-
viavam ser atenuadas. No acampamento
conversaram várias notícias, com referên-
cia a guerra, fato este muito raro.

A morte de Bonnel e de Guderian; a
invasão da Alemanha pelos Russos,
conversaram rapidamente pelos vários esca-
lões. Todos estão ansiosos por uma
notícia decisiva da frente de con-
bate.

A noite, estive conversando com
diversos amigos. O assunto foi pura-
mente familiar e com de as gra-
tas recordações da família distante.

Meu desejo incessante de voltar don-
na grande parte dos homens. Possivel-
mente bem poucos temem a luta,
entretanto as saudades são muito
grande. Cada um contou a sua
despedida e a impressão de fronte-
dela. O tenente Roberto não se informou
com a separação; o Belfort sente saudades,
mas tem um espírito de militar; o
batista procurou vencer o momento
crítico da despedida, mas o seu ca-
choro advertiu a partida do dono
e provocou choro; o França é sol-
teiro e indiferente.

10

"Meu filho um soldado romano"

Eu fui soldado das derrotadas legiões roma-
nas. Todo homem vencido não tem honra e, aquele
que não conseguiu manter sua honra não é digno
de sangrar um nome. Eu, estrangeiro, não te-
nho nome, porque tomei com a minha Patria
traída, no campo da luta. Saí "balila", crí-
me e eduquei-me como legionário da moderna
Roma, fui, finalmente, condutor de homens.

Meu espírito voou, muito cedo, para o cam-
po do idealismo. Jovem e sedento de forma, for-
midade dentro das leis rígidas e talvez diásti-
cas de um regime não meus, rígido e diásti-
co. Evolui lenta mas definitivamente para
o porto que se desejava: tudo se resumia na
Patria. Bem, a velha Roma, com as suas
legiões impavidas, com o seu Império que
devia se perder na linha do horizonte visual.
As páginas soltas da história do meu
povo tive a inspiração para a minha condu-
ta, embriagando-me com os fatos gloriosos
que marcam a grandiosidade da forma-
ção e da evolução nacional.

Como "balila", como legionário, como che-
fe, só admitia uma coisa: a Patria. Ela
marcaria todos os meus esforços físicos e
mental, meu sangue e a minha própria
vida.

O meu egoísmo e os meus devotados

mulheres desejavam-me muito maior, muito mais rica, muito mais forte. Souvente com o esforço e a tenacidade dos seus filhos podiam ser grande, respeitada e rica. Euitei, com o meu patriotismo inflamado, em todos os re-
fautos, o trabalho e a perseverança, a volun-
dade de vencer.

O ideal dos meus chefes, era o meu proprio ideal e devia ser o de todo povo italiano.

Breguei a necessidade do poder e do domi-
nio do forte sobre o fraco, do civilizado
sobre o barbaro.

Cultivei com carinho o germen da guerra por-
que os meus maiores desejavam e prezavam
a guerra.

Ela veio, com um aceno promissor de glo-
rias e vitorias.

Todos o meu esforços concentrar-se, ainda
mais, nos destinos da Patria e na materializa-
ção dos ideais meus que deviam ser de
todo o povo italiano, pois eram os do Par-
tido e dos chefes.

Deixei de ser somente um patriota
condutor de homens, para ser um patriota
devotado, fazendo todos os sacrificios em
beneficio da causa que abraçara.

Travesssei a Italia, de norte a sul,
entre flores e palmeiras, euvergando meu lizo
uniforme, acompanhando minha tropa, em
demanda aos campos de batalhas, onde des-
java acidentemente levar de vencida o in-
imigo. Intei no deserto. Senti varias ve-
zes o fragor da batalha e o seu macabro
estrepito. Jamais temi o perigo e a fadiga
porque meu olho estava a Patria exigindo
a minha bravura e a minha resistencia.

Avancamos e recuamos, cto me inti-
midez com estes, enquanto exultava com
aqueles. O recuo no deserto não signi-
fica derrota porque a guerra no deser-
to é de movimento e não de posição,
com elle ~~movimento~~ precisavamos desga-
tar o inimigo.

Fui ferido, socorrido e promovido. No meu leito, acompanhei a peripécia da luta, ansioso pelo meu restabelecimento e pelo conserto da minha tropa.

Minha condecoração e promoções foram proporcionadas a título de brevia. Conquistava o meu primeiro grande desejo: o de ser bravo entre os bravos, na defesa dos sagrados interesses da mãe Pátria.

Desesperado recebi a primeira notícia, dos decisivos fracassos na África.

Corri para a Escúlia, afim de auxiliar a preparação da sua defesa.

O inimigo chegou. Lutei com redobrados ardor porque lutava em minha própria Pátria. Não pudemos detê-lo, estavam sendo definitivamente vencidos. Cai prisioneiro, após queimar, suprecido, o meu último cartucho.

Depois, oh, como tenho vergonha de recordar! Aquilo que eu ajudei a construir com o meu esforço, aquele edifício que julgava indestrutível, intangível, perfeito até, queimou sem fagor, no torvelinho da desavença, da miséria moral e da traição. Aquelles honras que eu considerava impolutas, foram tão miseráveis como os cães domados que ladram ao abandono. A minha idolatrada Pátria, a velha e lendária Itália, souho da minha proximidade, miseravelmente vencida, rolando no abismo vergonhoso de uma infamante derrota.

Após o armistício recebi, do inimigo, a graça da liberdade incondicional. Deixei com ele, entretanto, tudo o que dignifica o militar: a minha espada, símbolo do meu mandato e da honra pessoal.

Do inverso, pelvulho agora a Itália, de sul a norte, em busca do descanso para o meu corpo e do repouso para o meu espírito. Vou em ^{ninguma} busca do meu lar, da minha família, dos meus filhos que muitas vezes ficaram olvidados por a Pátria pedir a minha atenção.

Em vez de palmas e flores, assiste a realidade trunfada que passa a Itália e o seu povo: destruição, luto, miséria, fome e tragédia. Em cada recanto uma ferida deixada por aquilo que tanto almejavamos para a nossa glória: a guerra.

Meu digando o pesto de comida em lar, quasi sem comida, trilha a pé e esfarrapado as velhas estradas romanas dominadas pelo inimigo. Uma onda de odio e de vergonha vai ao meu intimo quando vejo, destruidos, a devassidão moral em triba do uaso de pao que mata a fome dos meus patriotas.

Não quero mais o bater firme e cadenciado dos meus pilados. bondoso, o peso moral que eu denota impoem a humilhação e esta velha suschitor, sou os trapez de uniformes e agasalhos, ultimas recordações materiais de minha carreira militar.

Levanto o pensamento para o alto, em busca do deulhor, que já havia esquecido, pedindo o seu conforto espiritual. Levanto, novamente levanto o pensamento, porque o meu olhar antigamente altivo, não tem forças de enfrentar o passado, pois assiste agora e em minha Patria e espetáculo que ia patrocinar em outras patrias.

As ruínas, as familias desamparadas, e a necessidade estão me despertando daquella prubos lomos que alimentamos no passado.

Tudo foi desvairo e ilustre que pola-param a estrutura nacional, destruindo-a finalmente.

Um grande povo, com sua historia e tradições, furva-se hoje, submissos a vontade do invasor. A cada passo ouço os improperios lançados contra aquelle governo e aquelle homens tantas vezes aplaudidos e ovacionados. Tambem ouço os gritos e os lamentos de centenas de cidadãos que se retorciavam nas prisões, ao bater seco e compasso.

sado do chicote do indago. O meu en-
tusiasmo de moço, sempre esqueci que pre-
gavamos a força e, sem ella, exigiamos
o cumprimento da nossa vontade.

A força é igual a desavença e odio.
Convencionalmente eramos aplaudidos, mas
o coração dos meus patricios, qual delicada
tela, luctua-se com o fêl do desgosto, em
incontida encia de aliviar-se da pesada
carga, rompendo os grilhões da ditadura e da
injustiça.

Hoje, poremte hoje, tarde demais, com-
preendo o nosso passado e as nossas intenções.

Nós fracassamos e este fracasso chegou até
os nossos innocentes filhos que tambem sen-
tem e sentirão por muito tempo, ainda, o
peso da nossa ~~de nossos loucuras~~ ~~de nossos~~ ~~loucuras~~.

Somos indignos de ser chamados ita-
lianos, porque incluímos uma pagina
negra no soberbo volume do ~~passado~~ ~~ro-~~
mânico, quando seria incumbencia nossa,
entregal-la mais digna, a posteridade.

Sei que as lagrimas da amargura
de nada valem, a lição, porem, sera ú-
til.

Atista minha peregrinação que representa
o meu calvario, faço minha fervorosa prece
a Deus, para nos conceder a fé e esperança
suficiente na luta que devemos travar. Que
a vontade de paz seja o apanagio do povo
italiano, e que, governos mais esclarecidos
nos guiem através da penha do futuro para
o mais rapido resurgimento da Italia,
berço imperecível do Christianismo, da
ciencia, lettras e artes.

Forasteiro, adeus. Jamais nossos caminhos
se cruzarão; ^{irremediavelmente} leva porem o retrato da
minha Patria á tua Patria e que, elle seja
um estimulo ao teu povo pelo amor
à paz e ao direito alheio, com a ajuda
de Deus, que nunca deve ser esquecido.
Adieu, forasteiro, para sempre adeus.

24 - Quarta-feira. - O ambiente do acampa-
mento está ficando, aos poucos, desinteressante.
A repetição dos acontecimentos fazem
os desprovidos de atrações. Continuamos
completamente alheios aos acontecimen-
tos que se passam. Agora a própria aviz-
ção aliada muito pouco surge sobre
nossos abarracamentos. O luar distante
dos canhões também não é mais ouvido.
Ninguém deseja falar um guau e pare-
ce mesmo que ela está muito longe.
Fui rapidamente a Piza, após de comprar
papel e fita para a máquina de escrever.
O passeio a Piza já é também desin-
teressante, porque nos acostumamos a ele.
A temperatura baixou muito e tem
chovido muito.

25 - Quinta-feira. O frio e a chuva continuam.
Foi recolhido hoje, o material que não
devemos levar para a frente de combate.
Unicamente as atividades normais
da vida. Fui a Piza buscar as fitas
de máquina. Comprei dois belos livros
do proprietário. A tipografia a quem
levei um pouco de café, açúcar e cigarros.
Beim a tarde fui ao Deposito do Pessoal
após de pegar a correspondência e volu-
mes que lá existiam para o horvival.
Chover o dia todo. Faz um ano que fui pro-
muito.

26 - Quinta-feira. O frio e a chuva continuaram.
Esta madrugada tivemos temporal de vento que
permaneceu durante quasi o dia todo. Alguns
árvores, das planícies, foram derrubadas, inclusi-
ve uma perto da nossa barraca. Partiram
para o front, após de fazerem estágio, o cap-
tativo e o filvo. O dia de hoje foi
temível. A chuva, frio e humidade quasi
não permitiam que se saia das barrac-
as. A terra está lamuda e mesmo
dentro das barracas, a humidade pene-

na nos objetos. grande parte do - 82 -
tempo ocupei com a minha muito gran-
de correspondência. Enviei aos amigos e
parentes os cartões postais e as meus acri-
vi carta. Deitei cedo pois não se supor-
tava o frio e os meus pés estavam con-
gelando.

27. sexta-feira. - Melhorou o tempo. Pela
manhã, um sol fraco despontou no horizon-
te. Os fundos do acampamento sempre o
quadro maravilhoso que os sequeiros op-
ressi, enoldurado pela vegetação es-
briante do belo parque, onde nos encon-
tramos. Cada manhã um novo quadro,
e a cada instante um novo panorama
que varia de acordo com o movimento do
sol. Aquels raios fracos de sol que
caíam sobre os picos negreiros, tingiam
as delras, do nevoso, com tonalidades, pa-
teadas, e as, partes mais escarpadas, de
um vermelho pálido. A combinação foi
deslumbrante tendo chamado a atenção
de quasi todos. Além da estiridade, nor-
mais, tivemos uma aula no batalhão.

28. sábado. Debaixo de garoa, iniciamos nossa
primeira marcha de treinamento, num percurso
total de 16 quilômetros, todo elle feito em zona
de operação, durante a resistência alemã em
Risa. Tivemos, ~~intencionalmente~~, uma pálida ideia
da guerra, em um bosque. Nosso itinere
nos foi somente dentro do vasto pinheiral
que constitue o grandioso bosque do gran-
de Parque Real de S. Roussore, em Stima
estrada, geralmente asfaltada, com alguns
locares revidos pelo efeito dos explosivos.
Tivemos o prazer de ver casamatas,
depositos de munições, campos de minas,
com as celebres minas tipo italianas,
alrigos contra tanks e respectiva de-
fesa, alrigos para soldados, com
vira, de comunicação, campos de ara-

me fapado, uniões, raças, e tantas
outras coisa, toda da, insuportável,
pois geralmente encerram um "bela-
trap", mortífero e traiçoeiro engulo
alemão. Em tudo nota-se a facil-
dade de imaginação do "teólogo". Casas
de cimento, construídas no meio do mar,
em paredes verdadeiramente descomen-
sais; ferro e cimento para construção,
abandonados, finalmente, coisas
que poderiam observar durante um
to tempo sem, entretanto, aproximar-
se delas. Em varias arvores, fixas por
arame, vemos cargas terríveis de li-
manite. O nosso trajeto foi exclusi-
vamente entre o ex-campo de bata-
lha. A ponte do canal do lupo com-
pletamente destruída, e um pouco an-
tes a data da construção de esta-
da: 1862. O parque grandemente de-
negrado, com muitas cantinas de
arvore abetadas ou atingidas por
projetis, alguns dos quais deixaram
assustadoras crateras.

Os terrenos apresentam o espelho da mor-
te pois estão minados, em cada recanto
uma taboleta chamando a atenção
do viajante des preocupado: Mina.
Depois uma grande alameda de
cavallos, carregados de frutos. Um
brei-um do padrinho Inter que tinha
necessidade de usar casaca de ca-
vallo e para remédio. Um mal tra-
tado canibal, reminiscencia do grande
e efundado zoz, pastava calhumbem
te e alheio a tudo. Alguns faixos
voaram como o barulho da tropa.
Não consegui ver uma dessas aves
de perto. Parece que são muito belas.
A tarde fui a lizar com o Rezende.
Fomos a tipografia do Sr. Pequini-
m e comprei papel. Fomos comi-

dados para embeter na residência
que fica sobre o estabelecimento comer-
cial. Uma bela sala, com tudo
distintamente arrumado, notando-se
o ambiente fino de uma família
de trato. Dona Maria é a senhora
de sr. Jacini e Pedro Francisco o filho
do casal. Foi nos oferecido um
calice de cognac. Deixei ao meu
no chocolate um pé, leite e amêijoas.
Fui visitar o Machuca, com quem tive
prolongada conversa, lembrando-nos
famílias e nossa Pátria.

Voltei para a minha varanda.
Ouvindo, distante, o trinar da antilha-
ria anti-aérea e logo chegou a or-
dem de escurcimento do acampamento.
Parece que hiverno estava sendo ataca-
do. A antilharia anti-aérea
quando funciona, parece um espeta-
culo interessante.

As 9 horas da noite, o bom me-
lico e somno da cometa espava-
nou-se no acampamento com o
toque plangente do silêncio.

A cometa cerca todo o seu
sentimento e inspiração nesse toque
paudoso e nós, que já estamos deitados,
evocamos também paudosos os nossos
entes queridos, procurando os muito
distante, para que possam com a
lembrança mitigar a vontade incoerente
de revel-os.

29 - Domingo. - Recebendo um convite da
família Jacini, voltei a sua residência
afim de levar alguns cuidados ao me-
u. Fui recebido atenciosamente, ten-
do mostrado as fotografias do Paravi
e da minha família, muito apreciadas
pela senhora Maria e o Francisco.
Conversamos muito sobre o Brasil,
pois a curiosidade em torno dele foi

grande O oferecimento de qualquer ob-
mento ao italiano e recebido com agrá-
do, de maneira que me rodearam de
atação. Em seguida fui assistir a
miséria, na Catedral de Pisa, quando
da pesar pela E. J. Expedicionária.
Pela terceira vez entre na magnífica
catedral, verdadeira monumento artis-
tico, sobre de muros, ^{granitos e} madeiras, e
pinturas e esculturas, obra gigantesca
de arquitetura.

Sentia-me extraordinário, entre-
tanto tudo se harmoniza dentro dessa
grandiosidade.

Il have forma o pé da cruz, forma-
to da catedral, conforme descrevi anterior.
(pg 60.) Tem em cada lado duas, duas
series de enormes colunas, que
sustentam arcos em sentido longitu-
dinal. Todas com capitel trabalhado
e algumas construídas em granito origi-
nal da "Terra Santa". O teto é de
talha, com folheado de puro ouro,
em forma de rosas em alto relevo. Seu
conjunto é admirável. Nas paredes
encontram-se quadros a óleo, ^{com personagens} e
também natural, representando fa-
tas da história cristã, todos pintados
maravilhosamente por célebres pintores,
alguns dos quais são: Domenico Corvi

1787 — Antonio Cavallucci - 1732-1795
Pietro Benvenuti 1769-1844 — Francesco
Mancini 1705-1758 — Sebastião Conca
1680-1764 — Tempesti 1732-1802 -
Giuseppe Bazzoli 1784-1855

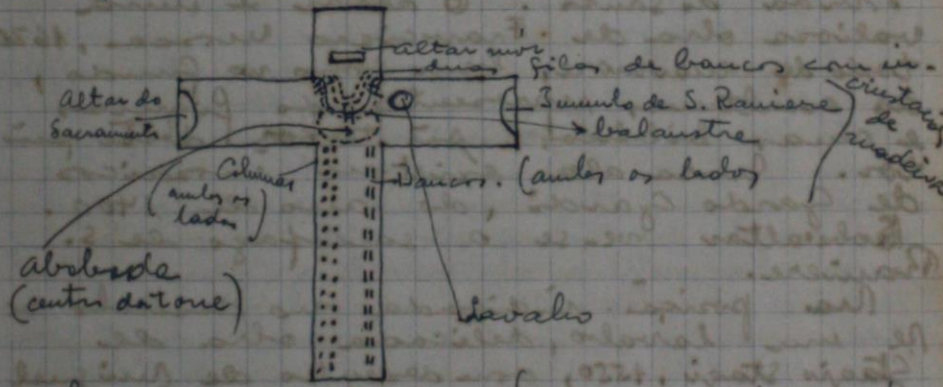
Quatro mausoléus, todos em mar-
more, exibem singularmente a nave
algumas, estatuas estão tiradas, em
consequência da guerra, bem como o
pulpito está protegido com sacos
de areia. A nave da igreja é recen-
trada da antiga, devorada por um
incêndio. Foi patrocinada por

Terdimando de Lucca 12 em 1600.

Guarda, como uma grande reliquia, a historica baupada que inspi-
rou Galileu Galilei e que continua
em seu primitivo lugar, refim de
paciar a curiosidade dos visitantes.

Deslumbrante e arrebatador e o espe-
tacular que a capela da tone pro-
porciona, com a cena da Assunção,
interessante e imponente obra de ora-
rio Riminaldi, em 1631, pintura a oleo.

No fundo, formando a cabeça da
cruz, re-se imenso mosaico, com
a figura serena de Cristo, que
abre acolhedora mente os seus braços
aos fiéis. A pintura, nesse local,
faz todas de Miguel Angelo, e feita
na propria parede. O altar e simples,



o figura de Cristo Crucificado em tamanho
quasi natural, ladeado por imagens de
santos, tambem grandes, e com can se-
gurando candelabros, e o que se nota
muito. O Cristo foi fundido em 1600.
O altar e construido em mármore azul
da Russia, tendo um medalha, com
mistral mosaico, representando a Assun-
ção. Na frente está o túmulo de um
dos arcebispos de Pisa, falecido em
1930. Este túmulo, feito na laje
da igreja, tem desenhos e inscrições
em cores, com mármore.

O altar está rodeado com um balaustrade de mármore, onde se encontram preciosos mosaicos, com uma nave oriental. Os desenhos são também em estilo oriental (árabe - árabe). A direita vê-se o órgão e o local para o coro.

Ainda em frente ao altar e dentro da balaustrade encontram-se bancos de madeira com incrustações preciosas, em cruz, também de madeira (ano 1400).

Nas paredes da nave, até uma altura de mais ou menos dois metros existe uma parede de madeira, com incrustações de figuras bíblicas.

A ala direita é toda dedicada a S. Raimundo, patrono de Piza. grandes quadros a óleo imortalizam cenas da vida do santo. O altar é uma valiosa obra de Francesco Mosca, 1620, todo de mármore, bem como no fundo, as esculturas representando figuras e cenas bíblicas. São todos de este pintor. Nessa ala existem mosaicos de Gardo Gardi, do ano de 1400.

Na ala esquerda vê-se o sacrário de S. Raimundo.

Na posição indicada no desenho vê-se um larabo, delicada obra de Stazio Stazio, 1550, com desenhos de Miguel Angelo.

A ala esquerda tem o Altar do S. Sacramento, todo feito de prata por Selini, em 1600.

Um conjunto, que representa o pecado de Adão e Eva, entalhando natural, foi esculpido, de um só bloco de mármore, por Mosca. Cristóvão é uma das valiosas obras que ornaram o templo.

A aproximação perigosa da guerra obrigou a proteção e a...

retirada de varios objetos de arte em os muros
e sua protecção, ficando assim, escondidos ao
olho do viajor curioso.

Em poucas linhas eis o que vi, muito ra-
pidamente na monumental igreja catedral de
Pisa. Sei, perfeitamente, que é o mais poli-
do esboço que uma pessoa pode traçar. Eu não
fiquei satisfeito em ver durante tão pouco
tempo, aquele gigante da arte antiga. Queria
voltar e durante horas extasiar-me na-
queles deslumbramentos de cores, naquelas
harmoniosas esculturas, e na arrebata-
da grandiosidade da construção.

Queria levar muito fixa, em meu pen-
samento, todos aqueles quadros que a luz
fraca existente no templo me permitia ver.
Como senti a falta de luz e como
odiei, naquele instante, a escuridão.

Quem espirito está preso a tanta exu-
berancia, almejando nova oportunidade
para admirar-se.

Bom recordação do passeio, trouxe de pe-
ços de marmore da catedral, arrancados com
o estilhão de uma grande.

Durante a tarde escrevi cartas, e cartas, até
que a luz do dia desapareceu. Os poucos
estão lendo o livro que a Deus me deu.
Está muito bom o mundo.

O fim e a chuva fizeram com que me dei-
tasse cedo.

30. Segunda-feira. O dia foi iniciado com
a retineira atividade do acampamento,
bastante prejudicada com o constante agu-
ceir que caíam. Pela madrugada,
forte temporal desabou na região,
com raios e trovoadas, além da
torrencial chuva.

Depois do alvorecer fui realizar o trabalho
da procura da correspondência da cis.
São varias cartas que encerram o pen-
samento e a maneira q'de se expor-se
de dezenas de soldados.

Ali estão as cartas, que vão levar
um pouco de satisfação e consolo
a tantos corações famintos de notícias.
São as mães, as noivas, as esposas,
finalmente todos os seres queridos que
lançaram pela chegada de notícias,
notícias que dirão estamos vivos,
~~de~~ estamos sentindo saudades, que
desejamos voltar para a Pátria
distante, para o lar, para a família.

Todas elas cheias de saudade e de
esperanças, de esperanças de voltar.
com as graças de Deus, sim, todos esperam
que a clemência de Deus conceda a gran-
de graça do retorno. Cartas que levam
o conforto os mães e esposas, animam
do todo nesse transe, dizendo que tudo
indica que as forças próprias são sufi-
cientes para vencerem as dificuldades,
e os entres da jornada.

É um furtivo calinho que resalta
naquelas linhas, as noivas sempre
leluladas. A simplicidade das pala-
bras é chocante com o espírito que
encenam. Aquelas cartas, real traga-
das, porque foram escritas por mãos
rudes, callosas pelo trabalho pesado, e
sem o conforto de uma mesa e uma
cadeira, encenam verdadeiros tro-
vances, ditados pela dor amarga da
paixão iteusa.

A noite tivemos a infame notícia
do deante que veio vítima o tenente
Mário Pinto, e de outro que ficou um
soldado. O destino tem os seus caprichos,
e o jovem alige foi vítima dele.

Teve uma morte ingloria, pois temo
entender que, se algum dia lhe fosse pos-
sível dizer, preferia morrer em pleno
campo de batalha, como um bravo,
enfrentando o verdadeiro inimigo, com
tudo o seu poderio bélico.

Chegaram da frente de combate, onde foram 190
estafetas, o Cap. Cármen e Hte. Wilson.

31. Terça-feira. Realizamos nossa segunda marcha de
treinamento, pelo itinerário da marcha passa-
do, com aumento de velocidade.

Os picos dos Alpes não alcançaram
logo alturas de neve.

Quando chegamos, fomos informados de \$
sepultamento do rapaz e do lamentável estado
ao qual foi reduzido o seu corpo. Que a paz
do Altíssimo e a luz Divina estejam com
a alma do infeliz e companheiro, por cujo des-
canso faço minha sincera prece.

Durante a tarde, realizei o nosso tor-
e balho do pagamento dos prazos da Cta. Bem
como pechei os meus rendimentos correspon-
dentes aos meses de Setembro e Outubro.

À noite li bastante o livro que a Deus
me deu.

Um dos nossos maiores martírios é a fal-
ta de luz no acampamento. Contamos unicamente
com a luz de uma velinha, paga re-
gularmente e cuja duração deve ser
de 10 dias. Para quem gosta de escrever
e de ler, é humilhantemente improvável uma
vela durar tanto tempo. As maximas
contamos com ela por 3 dias. Dai en-
tão, inicia o sacrifício.

1 de novembro. Fim de um novo mês; outubro
correu muito bem, com as graças de Deus.
Esperar da reparação e das saúdes, os
dias foram bons e tudo para nós foi
propício. Que novembro seja idêntico.

Pela manhã via-se ao longe a bor-
ragem de balões sobre hiversos; a oeste
os montes cobertos-se de neve.

Depois do almoço fui a hiversos
visitar o Loui val que foi transferido
para outro hospital. O estado de
saúde dele é bom. Gostei bastante
do ambiente brasileiro no hospi-

tal. Enfermaria brasileira com pes-
sal brasileiro. Os homens estavam animados e satisfeitos. O hospital me mostrou a fotografia da Elsa que o irmão Alberto que é a cara do Joãozinho.

8 de novembro. Dia de finados.

As exigências da guerra, tornam-se, em parte, esbrutecidas. O dia de hoje, que é para nós de recordação e de retraimento, que é um dia por demais res-
peitado, não foi guardado em nosso acampamento. Mais agitado que os outros, não nos permitiu descanso suficiente para voltarmos a vontade e des-
preocupados, o nosso pensamento an-
te o querido que já partira para o além. Somente à tarde, quando diminuí o trabalho, tive o ensejo de recordar o nosso Brasil e os que se foram. Este dia de hoje mereceu particularmente a nossa lembrança e a nossa reverência. À noite assisti a novena, tendo entã motivo para elevar o meu pen-
samento ao alto e ver de filar o per-
fil daquele que já compadilhava e sobrevivera a qualquer existência terrena. Depois a lembrança fixou-se nos entes que aguardam a minha volta e que eu ausio. Que culpa abrigar. O que teriam feito no dia de hoje? No ano passado eu estava no Brasil, agora na Itália, e o próximo onde passarei?

Manará com certeza foi a bolo-
nia, depois a Pelúzia, junto com
os demais da família, após de leva-
rem as flores aos que lá estão sepul-
tados. Em Curitiba foram ao Túmulo do velho Professor, da velha Franço,
do dr. Cesar, do Crânio.

Parece que compartilho disso tudo. Parece que estou vendo o grande cemitério de Curitiba como um jardim florido e a nuvem imensa pelas suas alamedas. Depois em Balneária. As vistas imensas das elevações suaves e verdejantes. A cidade sempre pacata com os seus telhados vermelho escuro. As casas perdidas entre o arvoredo e as plantações.

Finalmente a Colônia. O velho cemitério, ermo e silencioso, com as poucas catacumbas. Simples como deve ser um campo santo. Há estas as minhas irmãs e os meus avós.

Tudo para mim é saudade, muitas saudades e muitas tristezas.

Hi muito hoje, durante o pouco tempo que disponho.

São 8 e meio da noite; escrevo esta linha, a luz fraca da vela. Idéia que sempre reservei para as minhas meditações.

"Dar-lhe-ii os dentes do meu coração:

só a morte trará separação

para nós dois do amor no Santo abrigo

231 — "A morte não nos separa" —

3 de novembro. - sexta-feira. Aproveitando a ausência de correspondência que se fará ausente, escrevi, como sempre, cartas e cartas. A chuva continua implacável, obrigando-nos a permanecer nas baracas. A tarde ventou muito, e a noite uma verdadeira tempestade de vento desabou sobre o acampamento, colocando em perigo as baracas.

4 de novembro. Sábado. Pela manhã nada de novo, a não ser a chuva que falhou, depois de muito tempo tivemos um bom dia. À tarde fui a Pisa, que parece um triste espetáculo com as inundações, misturada com os detritos.

Além da tragédia da guerra, o rio tem
lançado sobre a cidade suas águas barren-
tes, que avançam nas residências
e nos estabelecimentos, inundando-os
até regular altura. A população luta
contra o barão; as ruas estão em
muito locais completamente impedi-
dos; as pessoas, com os pés sujos;
cheguei a ver causa, no centro da
cidade. A torre de Pisa está inser-
lada. Collei, hoje, a praça Gar-
ibaldi, onde se levanta a estatua do
"herói dos dois mundos".

Ganhei, do sr. Pacini, 7 volumes de Otol-
mologia, os quais espero mandar ao Taden.
A tarde, alguns músicos da banda di-
visionária, executaram um programa de
peças populares nacionais.

A noite, uma cerimônia religiosa. O nosso
batalhão recebeu, em procissão, a Virgem
Santíssima, que ficará a sua guarda du-
rante alguns dias. Duas filas de homens,
sem velas, aceras aguardavam a chegada
do auctor. A procissão da noite, o es-
pectáculo tornou-se interessante.

Os nossos soldados estão recebendo, no
culto religioso, um grande estímulo e o
consolo para os seus aflicções e saudade.
O reverendo tem proporcionado assis-
tência efetiva aos soldados, aconselhan-
do-os e encorajando-os, além das distri-
buições interessantes conversas e da ex-
ibição de danças, peças e nacionais.

Esta página, deixa emigração a
minha admiração, as ilustres padras,
que estão no "acompanhando esta dura
jornada", pelo espírito de interesse que
estão tendo ~~nos~~ ^{nos} nossos homens, além
das vantagens morais que a todos pro-
porcionam. Assim mesmo, pode e deve fi-
car indiferente a essas demonstra-
ções tão necessárias, no momento que
atingimos e vamos atravessar.

5 de novembro. Domingo. Aproveitando a folga, fui a Pisa, a fim de visitar a família Pacini, e de ir, com o Silvio, visitar a Catedral. Em virtude de estarem rezando missas, adiando a nossa visita ao Templo e nos dirigimos ao Campo Santo, ao qual já me repetei anteriormente, apesar de não ter podido entrar e ver com detalhes.

Hoje tive esse grande prazer. O Camposanto é uma página longínqua da história romana. Embora remissamente destruído guarda a imponência e a sinceridade da sua significação. Mergulhos na construção, em suas pilhas arcadas e colunas, todo um mundo, guarda tesouros preciosos em antiquidade, e os restos mortais de célebres personagens romanos.

Logo a entrada e a esquerda, a Tumba do grande anatomista Galei, destruída, estando expostos os ossos do ~~seu~~ inolvidável cientista. É digno de menção as vestes que ainda se encontram junto aos ossos.

Foi sem verdadeira mágoa que vi aquele quadro. Como lembrança trouxe um pedaço de mármore do túmulo.

As paredes estavam revestidas com belíssimas pinturas, geralmente representando cenas bíblicas. O Triunfo da Morte está semi-destruído, e geralmente todas as pinturas murais, sendo que algumas totalmente.

Mais adiante S. Miguel, com sua espada mostra o caminho do Inferno e Paraíso.

Túmulos, de mais variados formatos e com esculturas, baixos e altos relevos, ~~to~~ na sua grande maioria de Giovanni Pisani, alinham-se pela grande ala, algumas muito prejudicadas com o bombardeio. Vários túmulos estão no chão, alguns com a escultura em relevo só seu vulto. Conjuntos de sarcófagos Romanos, reminiscências

da ala da Catedral, destruída pelo incêndio, estão expostas.

O túmulo de Andria Vacca, bem como do Duque de Alesi (Vincenzo Marulli) - 1768-1808) caracterizam-se pela beleza escultural. O túmulo de Ovidio Isgarotto, discípulo de Cantova, tem a seguinte inscrição:

AEVKON ETOIEI

Mais adiante o túmulo de Bartolomeu Medici, com o busto ladeado por imensas cornetas, um dos não menores, e que representam o símbolo da solidariedade entre as províncias romanas.

Nesse cemitério, encontram-se túmulos egípcios e etruscos, formados por esculturas, inscrições, um pedaço de coluna, além dos sarcófagos.

Mais adiante está o túmulo de Tempesti, grande pintor. A Catedral possui belíssimo trabalho seu.

Depois haurentino Pignotto, filósofo, historiador e poeta.

Uma pintura mural com a concepção do mundo antigo, onde a terra ocupa o centro do sistema planetário. Depois os locais onde já reinou Carlos V, Imperador Frederico III, Bartolomeu Chesi, maior intérprete das leis. Em uma capela um trabalho de 1520, em terra cotta, com relevo, representando a ascensão de Maria. Nesta capela foi possível ver o início do grandioso plano de reconstrução das pinturas do muro. Estão sendo reunidos, com incalculável zelo, pedaços, por pedaços, as partes das paredes ou ante, da camada de reboco que revestia as paredes. Estas partes, que variam de dimensão, são meticolosamente revistas, por perito e depois agrupadas para a reconstrução. Os grupos recebem uma numeração para maior facilidade do trabalho.

Assim, quem vê esse trabalho pode avaliar como é delicado, exigindo do escultor um conhecimento invulgar e uma paciência gigantesca.

Seguem-se os túmulos de Alessandro Cherardesca, euerito arquiteto Pisano; Papa Gregório XIII - com a inscrição Pontifex - Max. - Patrice.

Em a Capela principal do Cemitério, o busto de Amadeo di Savoia domina o ambiente. Essa capela está atarrancada com os pedaços de parede, para a restauração das pinturas.

Encimando o meu trabalho de uma visita, vou ao túmulo de Otaviano Falzoni Mosotti, delicado trabalho de Giovanni Dupré.

A capsa Santo é uma famosa construção em mármore e todo o seu valioso tesouro histórico é gravado em mármore.

O interior do retângulo é descoberto. Nessa parte existe terra vinda do Monte Santo, em Palestina, trazida para a Itália em 2 galeras romanas.

Compri uma pequena selecção de fotografias do local e que poderão ilustrar palidamente essas poucas linhas.

A guerra rouba, em parte, valores e irrecuperáveis obras artísticas, cujo valor é inestimável. Os despojos de varias personalidades estão expostos em virtude da destruição, em flagrante atentado a memoria dos mortos, principalmente a de Galeno, cuja lembrança representa verdadeiros símbolos de trabalho espiritual, pela grandiosidade da sua obra em benefício da humanidade que hoje esquece, lamentavelmente, esses benefícios, nem os menos respeitando o descanso dos seus despojos.

A tarde fui à Cidade de Bucca, que sofreu muito pouco com a guerra. Bucca é como a demais cidades que visitei; ruas estreitas, e escuras, um pouco suja e que atribua à situação anormal da vida pública administrativa. A estrada que liga Lissa a Bucca é ótima, ladeada de frondosas árvores, com a faixa branca no tronco, afin de melhor guiar os motoristas, durante a noite.

A viagem foi muito agradável, a temperatura ligeiramente fria, entretanto o sol brilhava em seu limpo. A estrada toda asfaltada mais parece a continuação de uma rua pois é quasi habitado em quasi toda sua extensão. Atravessamos varias povoações, muito grandes, plantações de cana-de-açúcar, e vastas terras contra erosão. No fundo, as elevações, cheias de casa, alguns reboulins, de ovelhas, e castelos em ruínas.

A topografia do terreno é muito parecida com a que se vê entre Curitiba e o alto da pena, com a diferença que a estrada é mais ou menos plana. Um caminhão brasileiro jazia em profunda valla, com as rodas para o ar. Soube mais tarde que o desastre roubara a vida de um soldado nosso e ferira varios outros.

Chegamos na praça principal de Bucca e seguimos por ruas sinuosas, até a igreja de S. Fedirano, construida no século 12. (ano de 1100). Uma velhinha foi a nossa guia. Mostrou-nos o órgão de 1740, um quadro de Istetini de 1.500, a pia batismal de imersão, toda de mármore com relevos apresentando cenas do Antigo Testamento. É uma maravilhosa produção em mármore de Mestre Roberto. ~~see XIII~~ Roberto Magistris - cuja inscrição gasta pode-se, porém, ver com facilidade. A igreja possui varias capelas que

ocupam as duas alas, a 1ª do lado direito
é de 1800, tem um quadro de Andre de la
Ribia, de 1500, representando a Anunciação.
Existe uma pequena fonte batismal de Mater
Civitali (1489) toda em mármore com
relevoes modernos. Vimos a capela de
Santa Rita, onde jaz o corpo da mesma, de
1272 e que, segundo disse a guia es-
ta intacta. Vê-se uma fotografia re-
cente que atesta o fato.

A capela de Santa Ana, foi construida
em 1700. Os lavabos são de mármore
lavrados. Uma columna grega, consida-
do pelo tempo, sustenta uma das arcadas.
O seu capitel é lavrado.
O pulpito é de mármore, sem trabalho
de lavr, porém com interessante com-
binação de mármore, em cores. Sobre
ele uma pintura de 1200.

Uma das coisas que mais me impressionou
nesta visita foi o tremulo altar onde
permanecem os restos de Ricardo Coração de
Leão com a seguinte inscrição:

Divi Ricardo Regis ossa et cinere.
Depois a Capela de São Agostinho, a
pedra que colma o tremulo de S. Fedria-
no e a grande pedra cuja lenda é a
seguinte: Varios homens não conseguiram
de qualquer forma carregal-a e o Santo
fel-o pô. Esta pedra que está ao
lado esquerdo do altar maior é de di-
versos pedregulhos. Deve medir uns 4x2x50.
Vimos o altar do Bispo S. Cassio, onde
estão suas cinzas e sobre ele um
grande quadro a oleo mostrando o mi-
lagre de curar um doido.

Os candelabros do altar maior medem
pelo menos 3 metros e são inteiros.
O altar maior é simples e guarda o
corpo de S. Fedriano. A sua frente, la-
dos e retroguarda existem mosaicos
romanos de 1200 em mármore colo-
rido.

Um altar guarda o corpo de Sto. Fausta e sobre ele quadro representando o seu martírio.

O túmulo de hazaro Papi, cel. do exército ~~italiano~~ inglês, e grande escritor italiano ergue-se na ala direita.

A capela de S. João é um valioso trabalho de Giovanni Barata. Tem como reliquia um pano com gotas de sangue de Senhor. Destaca-se nessa capela a helle. da dos trabalhos em mármore.

Saímos da igreja, após pagarmos, a uma velha guia, a importância de 50 liras. No fundo da igreja e na parte superior foi construído um grandioso mosaico, representando Cristo, com os braços abertos.

Passamos pela casa em que pag. Paganini viveu e hospedou em buca, possuindo a seguinte inscrição em mármore:

Em questa casa fu ospite em 1809
della famiglia Bucchianeri
Criscolo Paganini.

Como o Vaidi - Zaragoza e Silva fomos tomar vinho em um modesto bar. Lá estava um americano (Soldado) bastante acalorado, tentando cantar Aguileta do Brasil. Este Erse americano foi motivo de muita riso pois, no estado anormal que se encontrava, tentou ser cantor e imitador. Andávamos pelas ruas estreitas das cidades, alguns delas com movimento intenso. Passamos por um cinema que estava funcionando.

Fui com o Silva visitar a igreja de S. Maria Catedral de buca, onde S. Martinho é o patrono. Nas quebradas a cadeia das igrejas que visitei, a Catedral é uma construção onde predomina o mármore. Sua frente é bastante parecida com a de Piza.

Ficamos um pouco atrapalhados no interior da igreja por falta de guia. Revoluemos o assunto com a apresentação a um padre que se encontrava na Sacristia. Com especial atenção mostram as partes principais internas. A igreja não apresenta a imponência da de S. Fedriano e, segundo nos disse o Reverendo, foi despida de adornos preciosos em virtude da guerra. Não possui bancos. Meu morão está protegido com madeira (no soalho) pois, segundo fomos informado, estava gastando-se. Dentro da igreja, na nave principal, lado esquerdo, foi construída uma capela octogonal intitulada del Volto Santo.

É uma bellissima obra de Matteo Civitali, do ano de 1400. Parece um filigrama em prata grande. Suas grades são delicadas. No interior está uma preciosa obra esculpida do artista Civitali, em puro cedro do Líbano, representando a cena do Calvário, isto é Cristo crucificado. O tamanho da imagem é um pouco superior ao natural e tem a original característica da dualidade de expressões de acordo com a face que é observada. Se vemos a imagem do lado esquerdo observa-se uma expressão firme, serena, quasi ridente; do lado direito, nota-se a doçura do olhar. O Reverendo contou que os adornos são todos de ouro, porém estão guardados.

Na igreja encontram-se dois ^{orgãos} ~~orgãos~~, um à direita e outro à esquerda da nave principal. Alguns quadros a óleo estão expostos, com representações bíblicas. Notei o de Cristo Ressuscitado de João Bolzola e o de S. Martinho. O altar, como os demais das igrejas italianas que já visitei, é simples, sustentando desconhecidas gandelalhas. Dei ao Reverendo cigarros, bem como a um outro que nos levou à sacristia, e nos ofereceram uma recordação da igreja, deu-lhe então uma oxímila e ele nos retribuiu com o oferecimento de uma medalha.

O nome do reverendo é: Bruno Belcioni.
Visitamos mais uma igreja, porém
já estava escura.

Dirigimo-nos a praça central
Piazza Giacomo Puccini onde está
uma estatua com a figura de Gari-
baldi, em mármore.

Fomos atraídos pelo Teatro da Comune
de Lucca. Gigli. Pagamos 20 liras,
para assistirmos parte de um pro-
grama de orquestra e canto. Com uma
hora de atraso entramos no salão
de espetáculo, absolutamente repleto.

Com satisfação ouvi o restante do
programa, integrado por vários cantores
clássicos e finalizado pela execução
de um trecho sinfônico pela orques-
tra. Os poucos momentos que pas-
sei dentro do teatro foram bons pois
era muito que não sentia aquele am-
biente delicado que a música propor-
ciona. Quando saímos do teatro,
Lucca estava mergulhada na escuri-
dão. O escurecimento total das ruas tran-
se ao ambiente a sensação de tristeza.

O clarão dos alofotes e das lanternas
elétricas rangavam a escuridão, enquan-
to que furtivas e escassas luzes, esva-
nem das janelas das casas.

Os transeuntes eram quasi que exclu-
sivamente soldados, que faziam grande
algazarra e davam expansões aos seus
impulsos alcohólicos.

A volta nossa ao acampamento foi
sem anomalia de ordem o fim era
muito intenso.

6 de XI - Segunda. Não houve o recebimento da
duas cartas da mãe, nada de novo no dia
de hoje. Depois de tantos dias de tanta expecta-
tiva, chegaram finalmente as tão almeçadas
cartas com as notícias da família e da Pátria
distante. Todos ficaram satisfeitos. Ora

nosso barraca ponente o Capitão não foi con-
templado com uma carta. Eu recebi duas
com data de 23-9 e 4 de 10. Não sei porque
achei que eram tão curtas. Desejava que con-
tinassem muito mais. Entretanto elas vie-
ram, na o que eu desejava.

7 de novembro. Nada de importante dentro
do nosso acampamento. Correu a notícia de
que dois soldados do 1º R.T. foram mortos em
consequência de uma mina, o que foi con-
firmado mais tarde.
A noite tivemos forte ventania.

8 de novembro. Fui surpreendido com a entre-
da, na minha barraca, do bonivel que ter-
ceira alta do hospital. Conversamos bastante,
ele acabou em minha companhia e depois
fui levá-lo ao depósito.

Durante a noite passada forte ventania
apareceu em nosso acampamento. Nossa bar-
racas tremiam e tinha-se a impressão de
que iam ser arrancadas do solo.

Chegou correspondência. Novamente. Para
mim parece que não veio carta pois não
fui contemplado na distribuição. Falei com
o Wainwright.

9-XI- Continuando nosso treinamento, reali-
zamos hoje uma marcha de 20 quilome-
tros com velocidade aumentada. Fomos
até a desembocadura do rio, local
que se chama Marinha de Piza, ante-
da guerra praia de baulos da popula-
ção da cidade. Marinha de Piza está
bastante destruída e a praia abandonada
em virtude de estar completa-
mente minada. Foi aí que o Marinho
morreu. O meu sapato, embora velho,
produziu me vastíssimos calos o
que me prejudicou bastante. O meu
sapato é de couro forte, entretanto não por-
ta uma forma boa pois o número
de estropiados em marcha é algo de-

vado. Depois do almoço escrevi cartas. Passei pelo depósito do pessoal da F.E.B., e
de frente a marcha, tendo então me des-
pedido do coronel que me disse vol-
tar ainda hoje para a front.
O coronel é a minha constante preocu-
pação nesta guerra, volto novamente a
pensar na sua sorte, visto ter que
enfrentar a mais dura zona de guerra
na Itália.

Entretanto, a nossa sorte está nas mãos
de Deus e tudo que Ele determinar aci-
taremos de bom grado, é o senhor dos
nossos destinos.

A noite, estou escrevendo cartas.

10-XI. sexta-feira. - O fato mais sensacio-
nal dos últimos dias, na vida do nosso
regimento foi, sem dúvida alguma, o
aparecimento da proclamação do visco
Cel. Comandante, aos seus comanda-
dos. A vibração foi geral e ela pare-
ce sintetizar o pensamento de cada
elemento do H.R.I.

Vou ver se consigo uma cópia pa-
ra ilustrar as páginas desse dia-
rio.

Depois do almoço recebi, como ofi-
ciais da Companhia a mi-
nha arma de guerra.

Este fato, dentro da minha vida,
tem uma significação toda especial.

Sempre tive a pretensão de ser
pacifista e agora vejo como um fe-
liz na mão, para fazer a guerra.

Como é caprichoso o destino. Essa
arma representa algo de importante e
dentro da maneira humana de pen-
sar representa a honra do soldado.
Devo lutar com ele, constituindo
a minha defesa, ante de tudo, e
a sua posse representará para mim

orgulho pelo qual dois lutar com todo o sacrifício.

Fui levar as minhas cartas ao correio, tendo enviado a correspondência n.º 94, excluindo um paizete com linhas endereçadas ao Tadeu.

Bouseguei suprir fotografias de Ruca aqui no acampamento. Uma é o interior da Igreja de S. Frediano e a outra de Vulto Santo. Ve-se os paramentos de ouro do Vulto Santo. Soube também que a imagem somente é mostrada aos fiéis uma única vez no ano. Devese notar na fotografia a diferença na esculptura dos dhos, que proporcionam a dualidade de expressão, conforme escrevi na reportagem especial.

O Aluiz e Rexaude foram a Roma.

Temos sofrido com os tremores temporais de vento que estão se repetindo quasi que diariamente.

11-XI. Amanhecem muito frio, tendo gelado um pouco. O capitão foi a Florença, fiquei com o Silva na via. Depois do almoço fomos a Pisa, tendo visitado a catedral pois o Silva não a conhecia. Em seguida fomos a casa do Sr. Pacini que já é nosso amigo. Sempre levamos qualquer coisa para oferecer e, em retribuição nos tratam com muita simpatia. Pierre Francisco esperou-me durante toda a manhã. Levei algumas fotografias do Pao de Jacini que foram muito admiradas. Na porta da Catedral encontrei um adorno de alabastro por 120 liras ou sejam 24 cruzeiros.

Quando já estava no acampamento vimos um avião estatóferico, segundo dizem alemão. O avião estatóferico sempre constitui um acontecimento pois tem a mesma impressão de que é um cometa, em virtude da andança das

gases. O Sr. Pacini ^o pereceu - dois volumes de medicina ocular.

12-XI- Domingo. O domingo de hoje foi bem diferente dos demais. Eu e o Gilva fomos passear com a companhia da família Pacini. Entre os alunos andamos pela cidade, visitando principalmente a margem do rio. Encontramos a oportunidade de vermos o extermínio de um casal de "partisans", perseguido pelos Comunistas, que estavam lenhos e camisas, vermelhas, além da bandeira rubra.

Os caixões estavam sendo conduzidos nos ombros dos "camaradas".

Uma das praças viu-se uma feira em miniatura.

Andamos por ruas escuras, estreitas e sinuosas. Na margem do rio tudo é destruição. Aquelas casas parecem lembrar o passado glorioso de Pisa. Quasi todas ostentam uma lresão, uma placa de amorre com inscrição, significativas ou então o busto de uma figura cuja existência está ligada ao edifício. Todos eles possuem, apesar de serem destruídos, os traços imponentes da arquitetura antiga e do fausto dos seus possuidores.

Com o Sr. Pacini e Francisco fomos à igreja de S. Xisto, assistir a Santa Missa. A referida igreja é simples, com um altar trabalhado em mármore, simples, mas bonito. Foi atingida pela guerra, mostrando um grande roubo no telhado.

A uma hora foi servido o almoço. A muito tempo não vivia o ambiente familiar, e sentava-me numa mesa decentemente preparada, com o conforto de um lar.

A refeição foi servida com simplicidade, consequência da guerra, porém os pratos estavam bem temperados e salgados. Uma sopa com verduras e massa; cobbler com batata frita, queijo, pão de guerra italiano com mel e vinho tinto seco e para a drink um finíssimo vinho branco doce, o melhor que já vi na Itália.

O ambiente foi cordialíssimo e a chegada de novos elementos da família provocou uma palestra animada, principalmente em virtude do bom vinho que despegou nossa língua facilitando-nos a conversação e a compreensão do italiano.

O tempo passou rápido e quando olhamos para os relógios já eram três horas.

Como lembrança dessas boas horas, trouxe o ~~meu~~ autógrafo ao presente. Uma grande gelada foi sentida hoje, e o dia todo passou frio.

13 - XI - 1944 - Segunda-feira.

A gelada fortíssima que se formou hoje, tornou o acampamento. Tudo ficou a cor branca, recordando-se, assim, o inverno em minha terra, no Brasil. Contaram-me que o frio fez o termômetro baixar a 8 abaixo de 0. Na hora do almoço começou a chover torrencialmente, prolongando-se a chuva até a noite.

Um dia chuvoso no acampamento é verdadeiramente terrível.

Esta manhã fui visitar o Barão Alberto e o Darsi, no campo de aviação. Os mesmos estavam ~~se~~ em preparação para a transferência de sede, como toda a tropa de S. Ronsore está fazendo. O Buse será o último a se deslocar.

A tarde estive rapidamente em Piza, afim de fazer umas compras. Escrevi para a Meme.

No acampamento uni ficou-se num acidente com um cargento da bia, que foi atirar com o fuzil e, em virtude do frio o lubrificante congelou não deixando o projétil sair do cano. Os gases provocaram a destruição do fuzile e do sato. Amilean perdeu um pedaço do dedo mínimo e ficou ferido na testa. Este acidente revelou-se de características que demonstram perfeitamente a força dos tiros. Um outro cargento ia atirar em primeiro lugar mas, como estava tremendo, na ocasião, passou o fuzil ao companheiro.

14-11-1944. Terça-feira. Nada de novo no dia de hoje. O frio continua bem forte e ventoso. Pela manhã tivemos um exercício com máscara contra gases, tendo entrado em uma câmara com gases lacrimogêneos e que irritam a pele. A tarde escrevi cartas.

15-11- Quinta-feira. O dia de hoje, com certeza, é de festa no Brasil. Aniversário e Proclamação da República. No novo acampamento ele foi esquecido pois, seguindo o serviço, não foi feita a menor referência.

Recebi notícias do Lourenço que muito me agradaram. Foi portador delas, o sargento Meyer, antigo morador de Palmeira. Dele seguemos pois recebi cartas da Meme, com a data de 10-10; é a terceira carta que ela me escreveu. Fiquei muito satisfeito com as notícias dos meus. Falei com uma freira que mora muito tempo no Brasil. Ela viu os acampamentos.

16-11- Quinta-feira. O dia foi monótono. A tarde fui a Piza, afim de comprar papel, para o exercício de tiro de armaria. Fui a casa do sr. Pacini. Soube hoje, que o novo deslocamento para outro local será breve. Visitará S. Ransone o Gal. Enrico Dutra.

17-XI-1944 - Fomei, com a bia. o dia todo em
Machina de Piza, realizando tiro de instru-
ção. O dia passou rapido porque a ati-
vidade foi grande. Pela manhã e depois
de muito dia, os repeninos se cobriam
com a neve. Esse espetáculo que não
me cansa, apresentou-se novamente
saberho. Como ele é grandioso e atre-
te!

Sabe que no proximo domingo debr-
caremos para o local do novo acam-
pamento, onde devemos realizar rapido
treinamento para tomar as posições.
Agora mais do que nunca, aproxima-
mo-nos da verdadeira guerra onde o novo
Destino será jogado.

Depois de tanto tempo deixamos Piza, a
cidade que nos acolheu muito bem e onde
vivemos dias despreocupados. Vela tomamos
o primeiro e verdadeiro contato com o povo
italiano; com os seus usos e costumes;
com a sua cultura; com a sua histo-
ria. Continuamos a ver Piza, já
tínhamos amigos e admiradores, sentia-
mo-nos em nossa propria cidade.

Por isso tudo, e com saudade imensa
que a vamos deixar e esse deixar é,
para os que se destinaram ao campo de
luta, uma interrogação.

Centenas de italianos viveram duan-
te 38 dias, da cidade brasileira, entre
muitas outras, tiveram sua mesa um po-
co mais farta, muito, depois de tanto
ano, tomaram, graças a generosidade
brasileira, novamente café.

Possivelmente, e será uma injustiça
se assim não o fizeram, o povo sentirá
tambem a nossa partida, principal-
mente aqueles que se continuaram
a receber da caridade brasileira o
alimento diario. Tenho pena das crian-
ças que ficarão privadas do pão, do
café que se lhes oferecia e era avi-

documente recebida.

Em levo de Pisa a mais grata recordação e deixo uma família amiga para permanecer a minha estadia nessa antiga e tradicional cidade romana.

18-XI-1944. A primeira jornada do dia foi dedicada a arrumação da bagagem da bio. para o deslocamento. Em juízo a arrumação das minhas coisas. Recebi, pela manhã, uma carta da mãe que muito me satisfez.

Quando fui arrumar minhas coisas, encontrei quebrado o "biscuit" de alabastro.

Depois do almoço fui a Pisa e fim de despedir-me da família Pacini. Fomos recebidos, me e o Silva, com muita atenção e delicadeza. Esperava nos bons doces e o costumeiro salice de bebida. Uma medalha nos foi oferecida e Pierfrancesco entregou-me uma recordação para a Carlota Maria. Tudo isso foi motivo de profunda simpatia que me tornou sumamente grato a distinta família. O sr. Pacini não se encontrava infelizmente.

No despedir-me, dona Anna, muito generosa, apresentou as mais convedoras palavras e Pierfrancesco concedeu-me um beijo.

Voltei-me e não doer a esquerda uma massagem acena um significativo adeus. Eu o meu amiguinho, inocente, que se despedia. O meu coração pergunta dolorosamente ao meu pensamento: voltarei a vê-lo?

Somente Deus o sabe.

Recebi também uma carta do bonival. Essa carta foi escrita na Itália, foi ao Brasil e retornou novamente à Itália. Voltamos de Pisa em um "trole" que nos cobrou a exultância de 200 liras ou sejam 40 cruzeiros, isso após regatearmos pois o proprietário pediu 300 liras.

Endereço da família Pacini:

Francisco Pacini

Rua della Faggiola - 9

Piza

{ Para por escrito
após termina-

da a guerra, por mim ou pela pessoa
que ficar com este volume.

Possivelmente será hoje o nosso último
dia em S. Rousore. Iniciarei, certamen-
te a terceira fase do meu Diário, com
a preparação para a guerra. Anunci-
mos novos cenários, será cheio para nós
e novas dificuldades, perguntas para ven-
cermos.

Que Deus nos conceda forças para ven-
cel-as, como até agora têm sido.

19-XI-1944 - Domingo. Despedimo-nos hoje de S.
Rousore. O dia todo foi de intenso trabalho, pa-
ra que tudo fosse preparado, nada faltando
na hora da partida. Sobre isto houve muita
confusão, principalmente dentro. Vários, na-
veis, e assim foi, até que muito tarde,
dentro, resolveu-se finalmente a partida defi-
nitiva. Logo depois do almoço fui reconhecer o
local do novo acampamento. Tudo vai mudar; o
terreno é íngreme, húmido, liso e cheio de valetas.

Nosso comboio foi o último a sair. Chegamos
ao destino somente depois das 11 da noite.

Parei por Velhiano
20-XI-1944

3ª Parte

Preparação Para a Guerra.

Filet de

Nesta primeira vez em minha vida, dormi
em uma barraca de praça. Ela foi mu-
to mal armada, o terreno estava molhado e
além de tudo era despolido, de maneira

vidade em canchais, pouco semi-ala-
gada. A direita, uma cidade com
as suas casinhas brancas, disseram-me
que é Casanova. Um grande lago e
parques alagados. No fundo é a direi-
ta os Alpes. Várias vilas, e casas,
^{ruínas} presas nas suas encostas. A minha
frente e bem ao fundo o vasto mar domi-
na o ambiente.

A minha retaguarda vê-se lúca, Filotole
e outras povoações. O grande acampamento
com as características, baracas, alinha-
das, as auto-estradas, os camiões, e
grupos se movimentando. No fundo, os
Alpes com os pontos mais altos, co-
lectos de neve.

Um grande castelo pode ser visto, na-
turalmente. Uma colina. Muitas árvores, sil-
vestres são encontradas. Estão maduras, e
florecentes. A noite foi, realizar exercícios.
São mais de 22 horas, quando escrevo
estas linhas. Si não me enganar a 24h,
hoje um ano que sai de Curitiba, com destino
a S. João D'El Rei.

22-XI - Quinta-feira. Pela manhã passamos no acam-
pamento. Escrevi uma carta para a mãe, apesar de
não ter assunto. Foi escrita com o único fim de não
quebrar o ritmo da minha correspondência. Escrevi,
também, vários cartões para Natal e New Year.
Logo depois do almoço fui pegar água em
Filotole, no "acquaduto" de Pisa. As insta-
lações foram completamente destruídas, bem
como as casas. O "acquaduto" de Pisa for-
nece água para Pisa e também Livorno.
Frente das instalações, encontra-se
um castelo em ruínas. As águas são
captadas do rio Serchio, que passa bem
perto. A tarde fui assistir o exer-
cício da 6ª. Sabi os movimentos que ficaram
em frente ao meu acampamento. Um as-
so e belicíssimo panorama de visão e
ante mim.

Viu um panorama tipicamente europeu. Os contrafortes, os alpendres e os alpendres bem ao fundo. Os muros cobertos de pinheiros, outros com plantações. As casas pregadas nas encostas, as estradas curvas, que avançam sem temer as alturas, tudo faz lembrar aqueles portais da Europa que tanto admirávamos no Brasil.

A altura em que me encontrava proporcionava boa vista.

As oliveiras estão carregadas de frutos já maduros ou madurando. Do alto ouvimos o ticoar distante de caubões e, com um pouco de dificuldade, via-se o efeito das anti aéreas, que ao explodir formavam círculos de fumaça.

A noite realizou-se uma festa, na área do novo acampamento. Os rapazes fizeram uma "baca" e compraram uma paifona. Quando a música estava animada ouvir-se novamente a artilharia, possivelmente em Spezia. Duas músicas bem diferentes, no mesmo momento.

São 8, 20 da noite. O cometeiro está tocando silêncio. As notas metálicas da cometa confundem-se com o pouco ruído do motor de um avião que está passando, possivelmente com uma carga de bomba para matar alguém ou realizar uma destruição.

23. XI - Tive desejo de comandar a via, no exercício hoje realizado e cujo tema era o ataque. Fiquei satisfeito com o desenrolar do mesmo. Depois do almoço fui a sede do Regimento, muito bem instalada no Palácio de basano, pertencente ao conde Giulio Guadagni, doutor em medicina e professor na Universidade de Pisa. Encontrei um livro, que encontrei no Palácio, resto de

uma desmanchada bibliotéca. Escrevi varios
cartões. Tivemos chuva durante todo o dia, o tempo
não está esconegado e lamacento.

24-XI - Sexta-feira - Pela manhã fui ao exerci-
cio que decorreu desinteressante. Depois do
alunço fui a Pistoia, afim de procurar a
Cantina brasileira. O dia estava feio, a via-
gem foi longa e ausitocemos no caminho. Não
chegamos com tempo de encontrar aberta a can-
tina e de Pistoia nada me foi possível ver pois
estava toda escura. Passamos por varias
provações, sendo a melhor a de L'altopado.
Entre o nosso acampamento e Pistoia via-
ja-se por ótima estrada, com os naturais
danos da guerra. As margens ve-se a grande
atividade do povo que lava a terra. Nas
estradas, o mesmo espectáculo da miséria e
da destruição. Os "esfolatos" retornando ás
suas fazas em todas as espécies de veículos,
sobre carregados.

Estive tambem em S. Rossore. Tudo esta-
va deserto, somente nossas barracas, permanen-
ciam em pé. S. Rossore sucerra, para mim,
gratas recordações.

Quando ainda estava deitado recebi mais
uma carta da mãe. Fiquei imensamente satisfai-
to. A chegada das cartas causou grande sa-
tisfação entre os soldados.

25 - sábado. Afim de acompanhar o Bertoni e o Carlo
Tatini, os serviços secretos do 5º Exército, fui a Florença.
A viagem foi pessima em virtude do tempo mau.
As estradas estão lamacentas e mais. O transito di-
ficultado com as pessimas estradas. Sudii por lo-
gares que de nada differenciam com as estradas
do Brasil, principalmente no campo de aviação
de Florença, onde existe verdadeiros "tramedal".
A dormente ás 3 horas da tarde conseguimos man-
trar o fide do serviço. Encontrei o major chefe, ra-
paz moço e simpático. Permaneci na cidade
uma hora, mais ou menos. Estavamos com
fome. Procuramos comida mas, não encontra-

mor. Afin de ganhar o jejum compramos alguns doces. Todos tinham a mesma aparência: secos. O gosto até não se fala. Comer, porque tinha muita fome. Dizer-se do que eram também é impossível, sei que me tinha gosto de semente de abóbora. Eram, em suma, para lá de ruins. Somente um povo em guerra e faminto pode estar ali.

Retornamos ao acampamento. A viagem foi mais dificultosa e demorou muito.

O aspecto de Florença é mais animador que o da primeira vez que a visitei. Encontrei soldados do 6.º R.T. que estão em descanso.

Cheguei muito sujo em virtude do barro, em trânsito não se tem possibilidade de banho, por falta de cuéis.

Comprei, em Florença, uma apostila e cartões postais.

16-XI-Domingo:

O dia amanheceu chuvoso e feio. Pela manhã escrevi cartas e cartões. Depois do almoço trabalhei na administração do rancho. A companhia teve instrução de campo, retornando tarde, todos os soldados estavam completamente molhados. Nosso soldado tem demonstrado resistência e tenacidade, não temendo as intempéries. A nossa vida tem sido, nessa semana, de sacrifícios e privações. A quantidade de lama é incalculável. Todos estão sujos e com as roupas molhadas.

O domingo foi inexplicável e sem interesse, pareceu mesmo ser um dia comum. Pela segunda vez, foi preso em nosso acampamento um provável espião italiano. A tropa brasileira tem proporcionado ao povo italiano humanitário auxílio, proporcionando alimentos, calçados e roupas aos que precisam, entretanto, auscultar poderemos ser vítimas da nossa ~~boa~~ bondade.

27. Segunda feira. Muito cedo voltei a 116
Pistaria afin de realizar compras, na ca-
lha brasileira. Lála encontrei o tenente
Müller, paranaense, solteiro do sr. Rr-
cha. Foi um feliz acaso esse encontro,
pois sempre tive vontade de conhecer
o tenente.

Cheguei no acampamento a 2 horas e em
seguida fui ao exercício do Btl. tendo re-
tomado muito tarde. O exercício decorreu bem
Os observadores militares americanos elogiaram
o exercício. O tiro de morteiro, sob comando do
1.º Ten. Paranaense, abafou a a progressão da
infantaria igualmente.

O frio e a humidade penetraram pelos
isolantes que possuíamos e foram as nos-
sas ossos. Todos estavam com frio. A chuva
compareceu, como sempre durante todo o
dia.

Ao finalizar o exercício o Cap. Cstrim fez uma
exaltação à tropa, dizendo que seria o últi-
mo exercício e que breve defrontaríamos o
inimigo.

28 - XI - ~~Segunda~~ Terça. O dia hoje foi de preparati-
vos para a próxima partida, isto é, para
a linha de frente. A luta contra a espio-
nagem obrigou o comando tomar determinadas
providências, que trouxeram, principalmente
para mim, muito trabalho e não menos difi-
culdade. A amenação da minha coisa,
foi monsa em virtude da ordem que
constantemente recebia da providência,
que devia tomar. Os soldados dormiram
pouco. A atividade da aviação e anti-
charia foi muito grande.

29 - XI - ~~Quarta~~ Quarta. Levantei-me muito cedo,
e comecei a trabalhar igualmente muito
cedo. As 9 horas estava com a bagagem
da Cia toda carregada. As 10, 15 mais ou
menos, deslocamos de Filetale para
Poggio, perto de Poneta, quartel geral

avancado da F.E.B. Por onde passavam,
a população reunia-se em frente às suas
casas afim de assistir a passagem do com-
boi. Observei o numero de pessoas, que
vestem o luto e a fisionomia de cada
uma das, que assistiram aq. mo-
passagem. Si unites se mostraram
indiferentes, unites, no observavam
com uma expressã algo piquificati-
va. Possivelmente há muito tempo
passado viram os seus ente, queridos
personerem o mesmo caminho. Na-
queli momento, a recordaçã e a san-
dade feriu fundo os seus sentimentos,
porque o espetáculo era algo unites-
semelhante. Quanto, dels, vai
voltaram; quanto dels, permanecem
em destinos, figurados, quanto ain-
da estã presos ou nesses lutan-
do. Possivelmente, seu unites, e va-
cõs, um sentimento de piedade
assoucou porque já sabiam qual
seria o nosso destino: o mesmo desti-
no dos seus ente, queridos.

A viagem foi longa, apesar da estrada
ser perigosa. Já conhecia o tra-
ço até Pictoria. Passada Pictoria
iniciamos a subida da serra, a-
já estrada sinuosa oferece grandes
perigos. O espetáculo é assombroso.
A vila, oferece um aspecto variado
e na planície, Pictoria, em toda a
sua grandeza. O vento fúo começa
a soprar. Os rios estã cobertos
de neve. Iniciamos a descida, mais
perigosa. Um novo espetáculo. As
vilas tipicamente da montanhas,
um riacho correndo entre pedras, com
águas muito claras. Das montanhas,
deleu os inumeros conejos soltos for-
mados pelo degelo. Em toda parte
porém, muito sinal de guerra e

destruídas. Pode ver como é difi-
cil a campanha nos montes. Viu-se
as organizações alemãs e a facilidade
de suas defesas. A estrada de ferro
toda destruída e muita, casa, atingi-
da pelas granadas.

Chegamos tarde ao novo destino.
Novo serviço, o da descarga dos caminhões.
Todos estão alojados em casas. Na nossa
tem uma garota muito bonita que se
chama Maria. É a distração dos solda-
dos. Muito graciosa e gentil e por to-
dos admirada. Dei-lhe uma saca
de sal (5 quilos) ficou abençoada, mas
sabendo o que fazer. Queris pagar, ma-
mãe, exceto. Contou-me então que a um
ano nas tiveram mais sal em casa.
As 24 horas, vieram nos avisar que
queriam voltar fomos para o general
Clark Clark.

~~30-11-30~~ 30-11-30 Sexta-feira
Pela manhã fui for-
mar, conforme estava previsto, porém
a Cia. não fomos como devia. Abaixo
de chuva e com muito frio o general
Clark passou em visita ao nosso Btl
tudo os generais Massacubas e Tenobis
assistidos o ato. Recebemos ordem para
o deslocamento ao front. O Capitão foi
fazer o reconhecimento e o Resende e
Alonso com vários Sargentos foram
reconhecer novas posições, mais tarde.
Recebi a grata visita do horizontal.
Fiquei satisfeito pois ansiava por
esse encontro.

Nós nos encontramos no "paiz"
chamado Poggio. Fica numas elevações,
desertando. Se bella paisagem. Tem
uma capelinha e poucas casas.
Muito próximos estão os canhões de longo
alcance, que tiram espasmos de morte.
São 16h30. Encerro mais esta parte
do meu diário. Possivelmente encia-

rei, amanhã, a nova pagina, com um
novo titulo, inicio do novo capitulo:

A guerra

Encontramos-nos na encruzilhada do
nosso destino e do cumprimento do
nosso dever de cidadãos.

Vamos, finalmente, encontrar o mi-
nigo para a luta. Ela, como o
nosso destino, é incerta; somente
o Senhor sabendo o que de nós será
feito.

Estamos confiante, porque Deus está
nos amparando, dando-nos Fé
e Esperança. Possivelmente, as ac-
ções que tem sido feitas, serão ouvi-
das pelo Divino Mestre e, cada um
de nós receberá como uma prova
do Céu, aquilo que nos está reser-
vado. Mas, uma vez levantado
o meu pensamento para o Altis-
simo. Mais uma vez faço um
apelo. Também vos o meu pen-
samento para os entes queridos,
faz da minha existência e
das lutas que travo por ela.
A saudade, minha eterna compa-
nheira, faz com que relembre a
todos, numa lembrança mais vi-
va, mais intensa. Não sei o que
me acontecerá daqui a momento
e quero levar sempre, gravado
no meu pensamento a lembrança
do Senhor e no meu coração
a imagem dos meus Pais, da
minha Esposa e dos meus queri-
dos e inocentes filhinhos, dos meus
irmãos, cunhados e sobrinhos, final-
mente de todos os que algum dia me
foram úteis, dos meus amigos e
parentes.

~~22-11-1964~~ Permanecendo em Bogotá, e dia todo
recebi a visita do bispo

3-11-1964

20 de Feb 1944
9

1ª parte A guerra.

e dia 2º - XII - 1944

As 17 horas do dia ^{1º} ~~20~~, deixávamos Pápio, para tomarmos as viaturas que nos levariam ao front. As 18 horas iniciávamos o deslocamento que foi feito sob a escuridão absoluta. O início da viagem, realizado na tortuosa e perigosa estrada, que vai até Poreta, foi lento; uma imprudência seria fatal. Dorem barcamos em Cila as 19.10 para começarmos a marcha mais pesada que já realizei em minha vida. Um terreno acidentado, com estradas fossilizadas e lamacentas exigiu de todos nós um esforço incrível. Estava comandando a Cia. e, para conduzi-la ao seu destino tive que fazer um verdadeiro sacrifício, anulando os homens, apalando para o seu bem e amor próprio. A bagagem e o amarramento pesavam sobre modo e o estado da estrada quase esgotou o homem. Depois, das mais pesadas, 6 horas de marcha chegamos, finalmente, ao destino, tendo ~~se~~ iniciados imediatamente a substituição da tropa do 1º R. T. Quando procurávamos alojamento para a tropa encontraram-se um soldado brasileiro morto. A artilharia brasileira matava com tiros de ingenuidade. A noite correu normalmente. Não amanhecer iniciamos os trabalhos para esperar o inimigo. Estávamos em Juanelas, numa fazenda, com nossas linhas junto a casa. A lama atingia grande altura e o redor estava cheio de crateras de bombas. 2 tanques ^{americanos} ~~atômicos~~ estavam desempilhados pelas casas. A casa cheia de destruição; vários objetos encontravam-se ainda, inclusive vários livros. Quando recebíamos o alívio recebemos

as primeiras granadas. Os portugueses
vacaram verificamos, em nossa frente, os
movimentos dos inimigos e três mortos
na "terra de ninguém", dos lados
brasileiros. Estavam abandonados.
A artilharia nossa, batem as principais
inimigas ajustando o tiro.

Os escurecer receberam uma forte chuva
de tiros, tendo saído ferido um
soldado. Os espanhóis jogaram pedras
sobre ele.

As 11 horas da noite ouviu-se os
primeiros tiros. Dentro de poucas momen-
tos o combate se generalizou na nossa
frente, estando empunhada toda a
Cia. A artilharia brasileira desen-
cadeou terrível barragem e o nosso
soldado resistiu com valor. O major
comandante do Btl. numa demonstra-
ção de coragem foi até a nossa
Cia. a fim de animar os soldados.
O meu capitão, de quem sempre espe-
ra uma ação firme e corajosa, de-
monstrou nervosismo e não coman-
dou. Terminado o primeiro ataque
e que durou uma hora, tínhamos um único
ferido, o 2º Sgt. Chaves, que estava comandando o 3º Pel.
e mais dois soldados com princípios de congelamento.
Após 15 minutos de interrupção, reiniciou o ataque
de novo. Nossa artilharia abriu nova e tremen-
da barragem e o estrepito do combate rebou-
pelo espaço espalhando-se muito longe. Falei
com várias pessoas que se encontravam dis-
tante e que ouviram o ruído das armas.
Meu capitão continuou indeciso e incapaz
de dar uma ordem. Não nos aprisionou com a
moral que caracteriza o comandante, limitou-
se a ver, sem ouvir, mais um sargento
foi gravemente ferido, o 3º médico. Nossos
homens suportavam o fogo. Trabalhei no remu-
nicação e nas informações. O rearmamento
foi árduo porque não tinhamos mais gran-

de quantidade de munições. O tempo corria, sem ams-
nar a tempestade. Sentíamos a penetração do
inimigo em nossas linhas. Vários soldados
abandonaram suas posições, inclusive sargen-
tos. Estávamos sendo atacados em cheio pela
artilharia e morteiros. Nosso comando não ma-
nobra, estávamos aquecidos o peso total
do ataque, com um comandante de Cia indeciso.
Nos primeiros a nossa posição parecia insustent-
ável. Alguém sugeriu uma retirada. O capitão
telefona ao Btl., nessa ocasião explode uma
granada em nossa frente. O cap. é lançado bem
fora o sargento Kleber. Nossa ligação foi interrom-
pida e a situação apresenta-se mais crítica.
O Soldado Castanheira tenta a ligação mas não
consegue. O Aluísio e Silva e Maria estavam
nos. O Cap. pergunta o que deve fazer, res-
ponde-lhe que ele é o chefe e com tal tem
que tomar uma iniciativa rápida e ené-
rgica pois a situação é grave. Alguém
da nova palpite de retirada e o Cap. que
estava indeciso aceita. Nessa ocasião vários
grupos e vários homens já tinham abandon-
ado a posição. Comi para atender o 3º Pl.
onde não encontrei mais os homens. Na
minha frente vejo os soldados correndo.
Saio da posição do 3º Pl. e corro em di-
reção ao P.C. do Btl. Tento reorganizar a
Cia. Recolho granadas. Recuo mais
alguns metros e nos abrigamos na baran-
ca da estrada. Com o Bezerra, tento reorga-
nizar, novamente, a Cia. Consigo em parte
mas, novas granadas vieram dissolver a
formação já tomada de pânico. O 1º
Sgt. Bezerra, Bezerra veio até mim e
tive a impressão que estava com princípio
de loucura o mesmo acontecendo com o
leão que estava caçando e visivelmente
dominado de pânico. Vagueamos pelo
mato até nos orientarmos e atingirmos
os altos de Sila. Ai reorganizei parte da Cia.
e recebi nova missão. Entramos em posi-
ção para executar um avanço fadado.

abandonamos um pouco a retorsão, posição, na
imediatez de Guarnela, sem munições e sem
comida com a ordem de resistir até o fim.
O dia foi calmo mas quando começou a escu-
recer os honores foram ficando nervosos.

Não recebemos comida e nem munições, em
consequência, a nossa posição era difícilíssima
num caso de ataque. Felizmente recebemos
ordem para retornar, quando já estava
escuro. O retorno foi penoso, pois estava-
mos cansados, com fome e a lama e a
escuridão confundiam com todas as nossas acri-
ções. Chegamos finalmente a Sila de onde fo-
ram transportados para Poneta. Chegamos
as 22 da noite.

3-^{XII}. Segunda f. O dia foi destinado a regularizar
a situação da Cda, vendo-se o numero
de desaparecidos. Não, nada vê-se confirma-
da a proteção divina aos soldados brasileiros.
Após uma tão dura refeição apenas poucos
feridos e 1 morto, si bem que ferido em
estado grave. Um Capitão foi internado
no Hospital com abalo nervoso.

Recebemos as primeiras notícias do conda-
to, todas porém contraditórias. Fala-se que
muraram muitos alemães. A moral da tropa é
boa, todos comentam o episodio. Observa-se
que muitos foram verdadeiros heróis, lutaram
com denuedo e decisão. O tempo está terri-
vel, continua chovendo e fazendo muito frio.
Vai o Domingo e o Carnaval.

4-^{XII} - Continuamos o dia todo em Poneta, aque-
cendo o deslocamento para um local afim
de ser reorganizado o Btl. Os soldados
estão abanecidos por estarem mal aco-
modados e com fome. Acabou a 1 hora da
madrugada passamos de Poneta, com destino a
Guarapiranga, num "paizão" situado nos montes.
A viagem foi lenta em virtude do "escuro
cimentado".

5. XII - Quarta. Gravidade é uma vila cercada por muros, com belíssima paisagem. Posse pesas regulares. Estamos tratando da negociação da Cia. Apresentou-se o novo comandante da Cia. Cap. João Bueno. Foi ouvido pelo sr. Cel. Braga, em relação ao caso da retirada da Cia. O interrogatório foi duro e dilatado. Recibi dois telegramas da Maria

6. XII - A vida continua atribulada. Estou com os meus pés doídos e cheios de calos de tanto andar e trabalhar. O frio, a chuva e a lama estão sendo nossos verdadeiros inimigos. Todos nós sofremos terrivelmente com isso. Quasi todos estão resfriados. Estamos trabalhando com as relações de falta de material, que foi grande, em virtude da retirada.

Eu deixei uma fotografia do Vene com os filhinhos, bem como meu livro de razão, um das unhas meias de lã, o gorro e varias pouças. Recibemos a visita dos 3 generais, o comandante da F.E.B. e 2 que vieram em visita de conforto. Foi o gen. Mascarenhas, no seu despacho, trazia de compressas o gen. Zumbini somente quis criticar e esculhambar.

Via muita gente que debandou e que não teve a menor atuação no combate, ser elogiado e cumprimentado pelos generais. O Resende, que teve atuação brilhante, que reportou todo o ataque, por varias horas, não mereceu qualquer consideração. Nenhum é a vida...

7. Sexta. Estamos nos preparando para entrar nos, novamente, em posição. Já estamos aricados disso. Escrevi algumas linhas para a Vene. Foi impossível coordenar as frases. Estou meio torto, ainda, do cansaço. Está chovendo torrencialmente e fazendo muito frio. Meu capitão foi ao "front" fazer o reconhecimento das

projeção que descrevem o campo
de visão, com o auxílio de um
teodolito, para determinar a
posição de cada ponto do terreno.
A planimetria é a representação
do terreno em um plano, com
as dimensões reais, sem alteração
de forma. A altimetria é a
representação do terreno em um
plano, com as dimensões reais,
mas com a alteração da forma,
para representar a elevação e a
declividade do terreno. A
planimetria e a altimetria são
as duas partes da topografia.
A planimetria é a representação
do terreno em um plano, com
as dimensões reais, sem alteração
de forma. A altimetria é a
representação do terreno em um
plano, com as dimensões reais,
mas com a alteração da forma,
para representar a elevação e a
declividade do terreno. A
planimetria e a altimetria são
as duas partes da topografia.

Sila

1945

125

1.º de Janeiro. Num modesta aldeia italiana, encontramos-nos no início de 1945. Com as graças de Deus numa situação muito boa, pois constituímos a reserva da D.T.E. Embora com possibilidades de emprego os dias têm sido calmos e, posso dizer, de relativo descanso. Ocupamos a casa de um velho italiano que sempre me recorda o meu avô e o meu pai. O ambiente cosies é, para nós, principalmente para mim, muito agradável e algo significativo. Entre a noite, para festejarmos a passagem do ano, improvisamos uma festa, com uma boa vacacionada e uns pedaços de peixe. O velho italiano ofereceu duas garrafas de vinho. Um ambiente de camaradagem passamos alguns instantes esquecendo a guerra, que está bem perto de nós. Os soldados festejaram a passagem com muita alegria e bastante grapa.

Longe de tudo que é mais sério nesta vida, inicii o novo ano. Embora tudo isso seja motivo de tristezas, a esperança, uma grande esperança nublada no nosso íntimo, pois esperamos que Deus nos auxilie nesta luta e que, em breve possamos estar de regresso.

Pensamos na família, pois este dia sempre o passamos no agradável convívio de que nos são caros.

Ele sempre nos traz muitas promessas para os 365 dias que vamos ter pela frente. Tudo isso nos enche de júbilo e esperamos, com a ajuda do Deus Poderoso, vencer e chegar ao fim dele, como em outras jornadas o fizemos.

O dia, em si, foi idêntico aos demais. Somente a visita dos oficiais ao Cante do Btl. e a fundação de ano novo feita ao nosso primeiro chefe. A cerimônia foi simples, mas teve o seu lado sentimental e de camaradagem. Todos confiam na vitória e todos têm esperança, muita esperança, de retornarem.

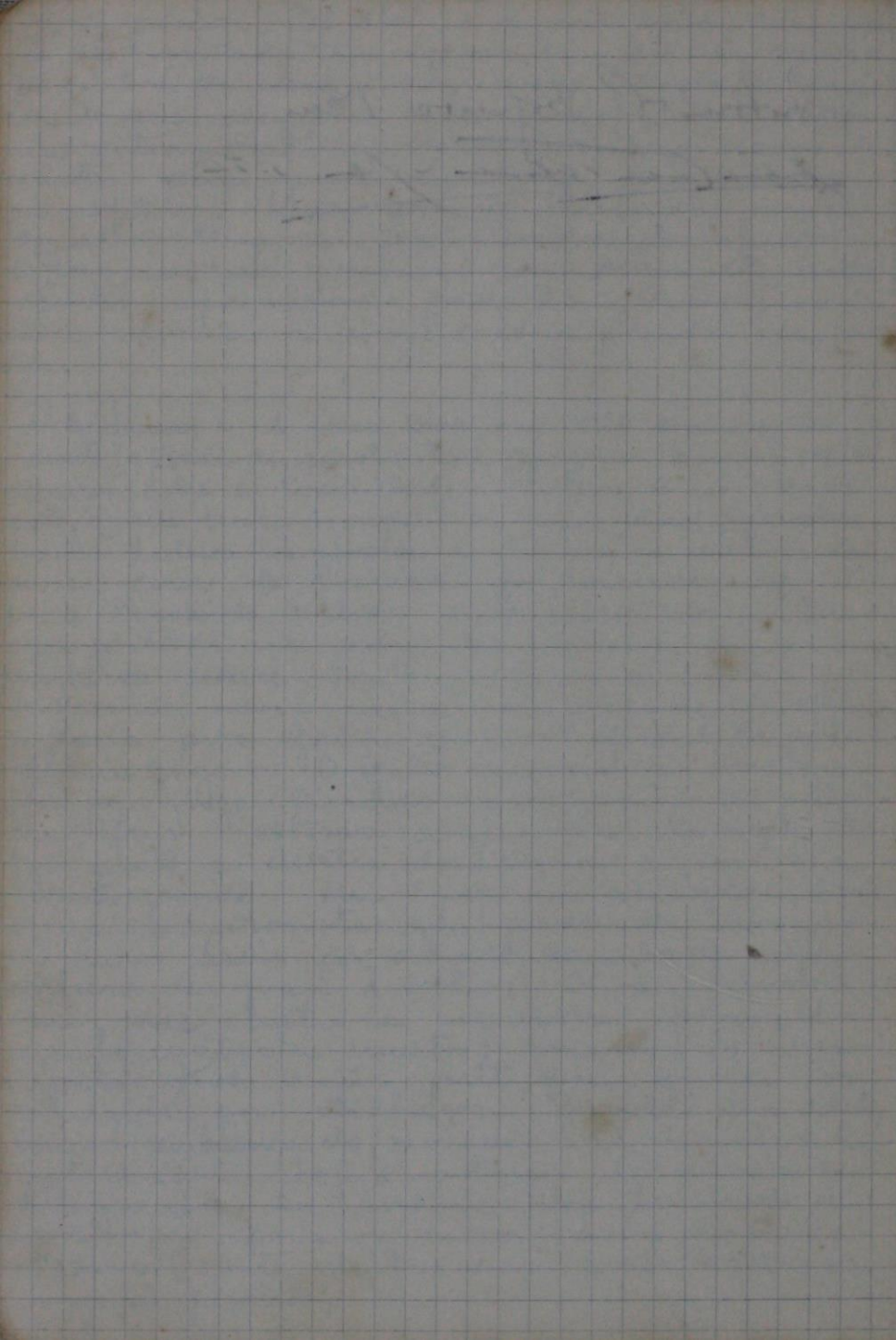
A noite uma música brasileira alegrou a nossa casa. O reverendo Elói, patrocinou uma serenata.

6 de Janeiro. Do dia e a isto data, bem pou-
co de novidade tem aparecido. No dia 3 rece-
bi carta da mãe, com uma fotografia que
muito me alegrou. Continuamos com a mes-
ma situação tática. Recebemos hoje novos ele-
mentos para que a Cia. seja completada
em efetivo. Uma grande nevada caiu
desde ontem, acompanhada de chuva.
A temperatura modificou sensivelmente.
Tenho aproveitado este dia para escre-
ver e colocar a minha correspondência em
dia.

11 de Janeiro - A nossa vida em Sila corre regular-
mente, apesar dos constantes e perigosos bombardeios
alemães sobre a localidade. Ontem a felicidade
estive em nossa companhia pois uma ~~placenta~~
bomba tedesca explodiu a uns cinco metros de
nossa casa. O barulho foi ensurdecedor e
uma chuva de vidros veio sobre nós. Esta-
va sentado na mesa da cozinha, lendo uma
receita de creme, tendo ao lado a Emilia.
O Rezende ouvia uma complicada história
contada pelo Galo, de um oficial de arti-
lheria gago. O Galo começou a imitar
fo... fo... fugo. Quando pronunciou a pala-
vra fugo estorou a grande. O espanto
foi geral e dentro da casa a correria
muito grande. Meu "jeep" foi atingido, bem
como o motorista que perdeu a direção
e o carro saiu da estrada caindo de uma
altura de quasi 4 metros. Si a bomba
cai um metro a esquerda possivel-
mente mataria muitos homens. O meu
Capitão teve muita sorte pois quasi foi
atingido por estilhaços. Guardei um delg
bons lembrança do ocorrido. O horrovel
estere aqui hoje e ontem. Recebi um
telegrama da Maria hoje terminou a
instrução para os novos homens do R.T.
Possivelmente dentro em breve voltare-
mos a posição.

Antônio P. Vergueiro 1861.

~~Antônio P. Vergueiro 1861.~~



Aos nossos Amigos

os melhores votos
para feliz Natal
e um prospero

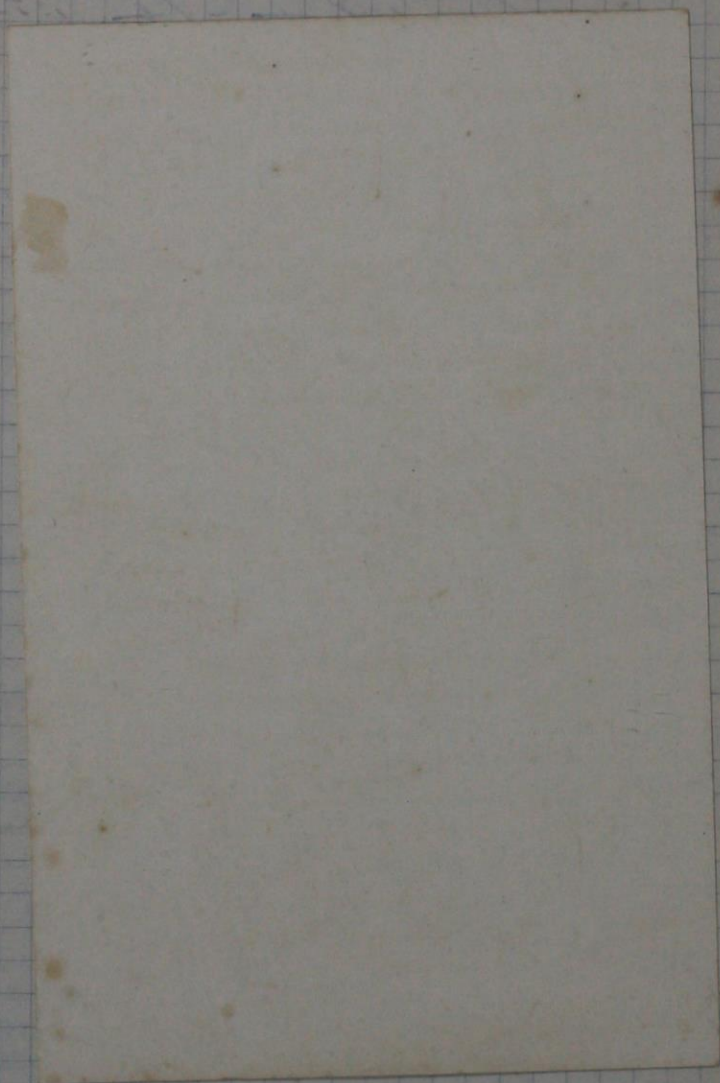
Ano Novo

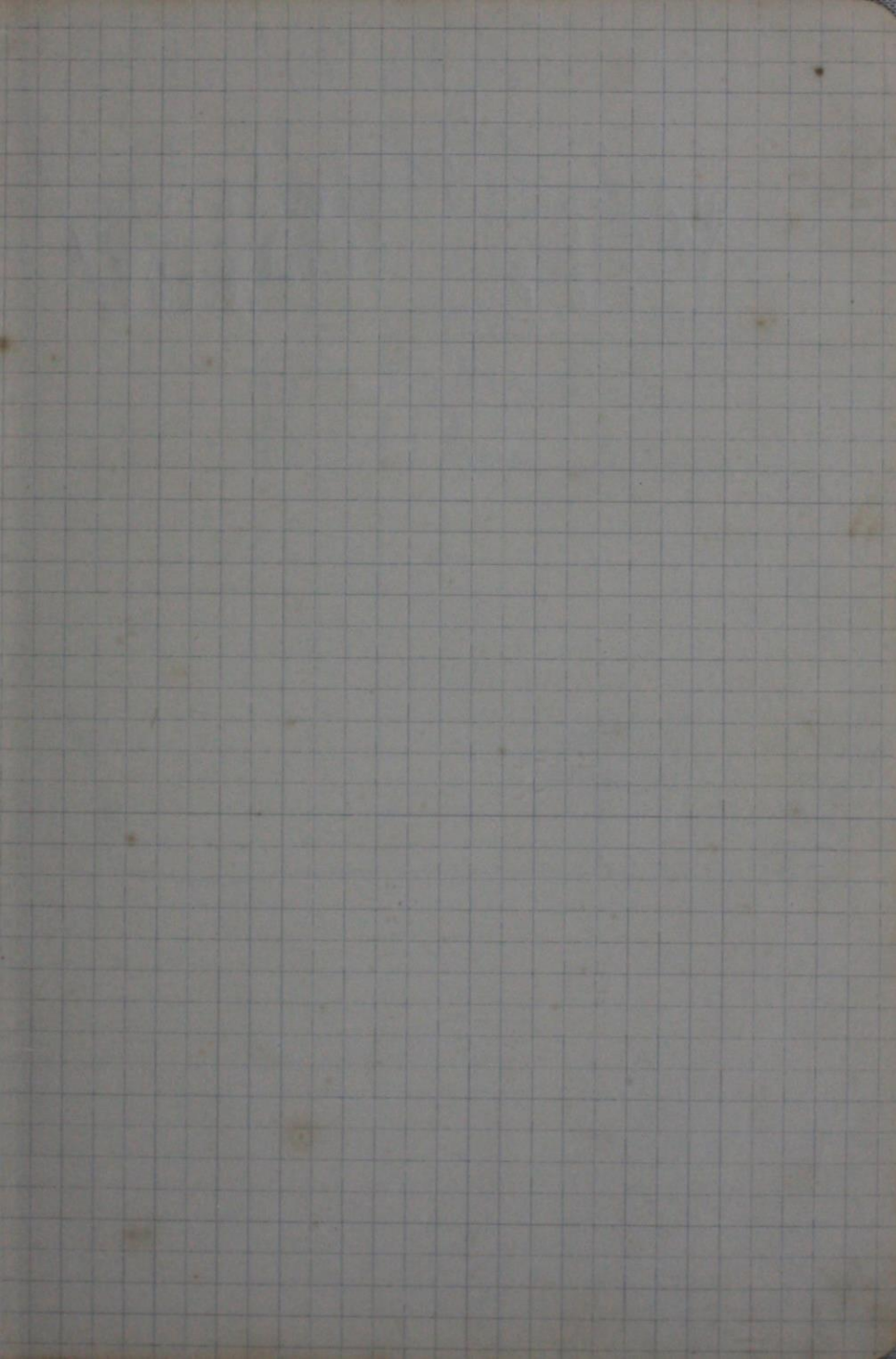
GRANJA

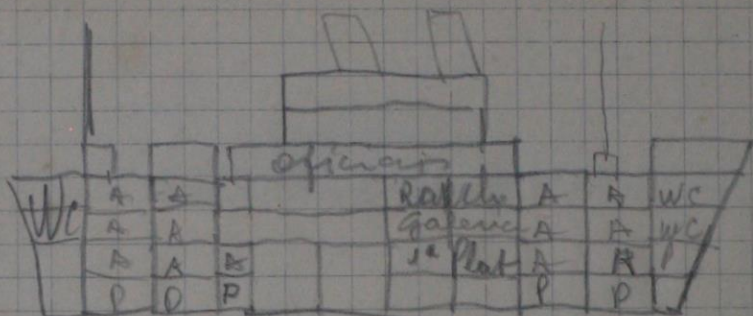
TUPY

TAPEÇERICA DA SERRA

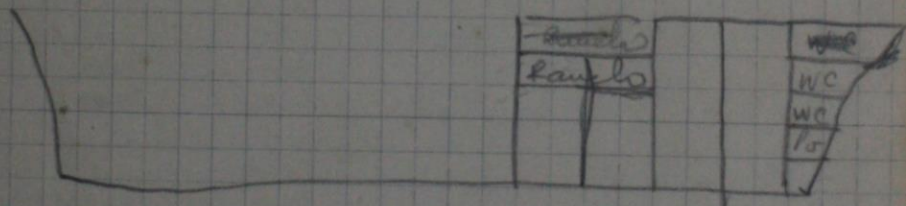


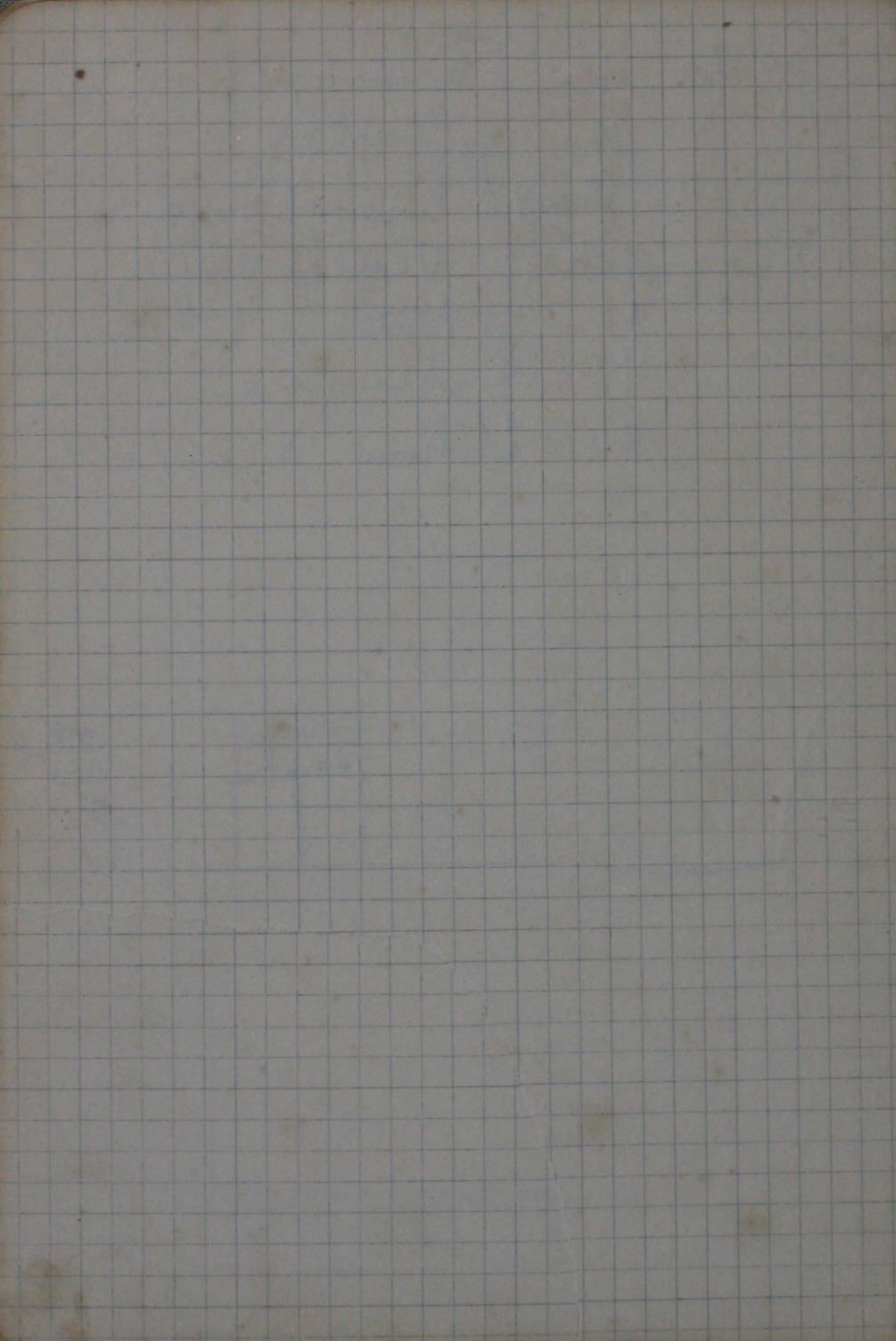






Saída 4 - 17 horas
 6 - Gibraltar
 8 - 12 horas Canais
 10 - C. Verde Ilha
 12 - S. Pedro e S. Paulo
 13 - F. Newnha
 16 - 11 horas. D. Coxias





$$\begin{array}{r} 261000 \text{ } 13 \\ 24 \\ \hline 21 \\ 000 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 206000 \\ 26 \\ 20 \\ \hline 68.8 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 1740 \text{ } 13 \\ 24 \\ \hline 52 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 261000 \\ 24 \\ \hline 210 \\ 210 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 17400 \\ 182730 \\ \hline 1352200 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 95620 \\ 746.8 \\ \hline 746.8 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 28700 \\ 24 \\ \hline 44 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 8700 \\ 16196 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 16196 \\ 152 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 152 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 261000 \\ 58000 \\ \hline 319000 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 319000 \\ 190 \\ 180 \\ \hline 100 \\ 190 \\ \hline 9 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 10633 \\ 10633 \\ \hline 10633 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 21260 \\ 23356 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 870. \text{ } 130 \\ 270 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 113 \\ 37.3 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 358 \\ 358 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 27 : x = \frac{2.860 \times 21}{569.9} \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 2073 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 621.6 \\ 124.6 \\ \hline 745.6 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 261000 \\ 58000 \\ \hline 319000 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 10633 \\ 10633 \\ \hline 10633 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 21260 \\ 23356 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 870. \text{ } 130 \\ 270 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 113 \\ 37.3 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 358 \\ 358 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 27 : x = \frac{2.860 \times 21}{569.9} \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 2073 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 621.6 \\ 124.6 \\ \hline 745.6 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 113 \end{array}$$

Calculo do rucim de 1º Ten. em Setembro

2060

21

21

1.442,00

2060

412

432

45

12

06

1.442

5.6

2060

1442

0618

018

0

206

2

618,00

157,00

755

1576

510

113

58, dolares

755

3

2265

96

-55

-3

113

174 dolares

110 - par. oficial

64 - resto

20 - cambio

280 - im/b

280 - im/b

280 - im/b

280 - im/b

280 - im/b

280 - im/b

280 - im/b

280 - im/b

280 - im/b

112

11

22

21

2

2

2

2

2

2

2

2

2

2

2

2

2

2

2

2

2

2

2

783

(5)

18

261

03

283



30

140

9

56

126

12

06

Maria

Papai

Mamão

Elza

Tadon

Compadre

Padrinho

Chede

Cel Falcão

Cel Salgado

Wilson Martins

Perili

Cap. Ribamar

Sr. Nunes

Alcides

Te Faria

11700

224

220

140

080

200

000

160

1827

1827

3. V 27

2610

2617

0817

0817

0817

0817

0817

0817

0817

0817

0817

0817

0817

783

174

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

957

Procopio
Mural

Peggie

Peggie

16190

16190

16190

2073

6216

1246

51019

1246

113

113

